CLÓVIS DE BARROS FILHO

PROJETO DE VIDA

CAMINHOS PARA UMA **VIDA** QUE VALHA A PENA



CLÓVIS DE BARROS FILHO

CAMINHOS PARA UMA VIDA QUE VALHA A PENA

PROJETO DE VIDA

CITADEL
Grupo Editorial
2024

PROJETO DE VIDA
Copyright © Clóvis de Barros Filho
1ª edição: Maio 2024
Direitos reservados desta edição: Citadel Editorial SA
O conteúdo desta obra é de total responsabilidade do autor
e não reflete necessariamente a opinião da editora.
Autor:
Clóvis de Barros Filho
Revisão:
Jacob Paes
Iracy Borges
Projeto gráfico:
Jéssica Wendy
Capa:
Rafael Brum

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Barros Filho, Clóvis de
Projeto de vida : caminhos para uma vida que valha a pena /
Clóvis de Barros Filho.
— Porto Alegre : Citadel, 2024.

ISBN 978-65-5047-463-8

1. Autoajuda I. Título

24-1899 CDD - 158.1

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

Produção editorial e distribuição:

CITADEL
Grupo Editorial

contato@citadel.com.br
www.citadel.com.br

Sumário

AULA 1 | Nem tchuns para a geleia
SOBRE PENSAR PARA VIVER
AULA 2 | As datas do epitáfio
AULA 3 | João-bobo sorridente
AULA 4 | O depois que vira logo agora
AULA 5 | Alma de estudante
AULA 6 | Gol a gol com o Ronaldo
AULA 7 | O caso é de poesia, e das brabas
AULA 8 | Píton, Pitonisa e Pitel
AULA 9 | Os seus olhos são espelhos d'água
AULA 10 | Uma estrela qualquer
AULA 11 | Geraldo e Geraldinho
AULA 12 | Sou meu próprio pescador
AULA 13 | Fortuna em lembranças e miséria em quilates
AULA 14 | O valor do caminho
AULA 15 | Procure o plantão de dúvidas
AULA 16 | Capitu nunca fez minha cabeça

AULA 1

Nem tchuns para a geleia

Projeto de vida é o nosso tema. Tornou-se de discussão obrigatória no Ensino Médio em nosso país.

Ora, o que isso quer dizer?

Aceitemos, em primeiro lugar, ainda que com todas as reservas, que as decisões do Ministério da Educação sejam democraticamente representativas de um entendimento da sociedade a respeito do melhor currículo.

Aceitemos também que o currículo escolar é o resultado provisório de uma escolha, que define um dentro e um fora, um conteúdo a ser ensinado e muitos outros a serem preteridos. Até porque não é possível ensinar tudo. E como as coisas do conhecimento são muito extensas, o que fica de fora é muito significativo.

Nesse caso, a presença inovadora do tema "Projeto de vida" indica uma pretensão nossa de trazer para a escola, para o processo de formação dos nossos jovens, uma reflexão sobre questões até então tidas por marginais e circunscritas a iniciativas episódicas dos docentes.

A que tipo de questão estamos nos referindo? Alguns exemplos sempre ajudam.

O que significa existir no mundo para nós humanos? A que corresponderia uma vida boa? Quais os limites e alcances do uso da razão como condição dessa vida boa? Em que medida ela pode ser projetada por quem a vive? Quais os requisitos para uma boa tomada de decisão sobre a própria trajetória? O que é preciso para definir propósitos de vida? Como identificar os meios mais adequados para atingi-los?

* * *

Propor uma resposta a qualquer uma dessas perguntas não é nada fácil. Entre outras razões, por conta da complexidade de significado da palavra "vida". Quando a enunciamos, nem sempre deixamos claro o que estamos querendo dizer.

Há quem a defina a partir das células. De uma certa atividade celular. Definições desse tipo, aportadas pelas ciências biológicas, são muito relevantes. Mas não nos interessam neste curso.

Em segundo lugar, há quem, ao definir a vida, coloque ênfase na energia vital e, portanto, nos chamados afetos. Importa aqui o que sentimos em função das transformações que sofremos. Nesse caso, a preocupação é só com o instante vivido. Eis um ponto que não pode ser desconsiderado em nossas reflexões.

Em terceiro lugar, há quem defina a vida destacando a ação. Isto é, a deliberação, as atividades realizadas, os vínculos institucionais que lhes dão suporte etc. Aqui, interessa, de um lado, o passado e o já vivido. O *curriculum vitae* serve, ao mesmo tempo, de comprovação e síntese. De outro, o futuro enquanto resultado de empreendimentos a implementar ou um projeto.

Finalmente, há quem, para falar da vida, tenda a considerá-la enquanto um intervalo entre o nascimento e a morte. Importa quanto durou. A longevidade. Bem como suas fases, que também são durações no interior daquela maior.

Perceba que, dependendo do tipo de definição, a ideia de um projeto de vida pode fazer nenhum ou todo o sentido.

De fato. Como antecipar a quantidade de energia, de intensidade, se não controlamos completamente o estado do nosso corpo, tampouco da nossa alma, bem como o mundo que nos tocará encontrar e com ele manter relações?

Mas se a vida se define pelo que fazemos, nada impede que nossas escolhas se inscrevam num programa maior de deliberações, definido em função de critérios considerados de grande relevância ou, por que não, inalienáveis.

Importa lembrar que quando planejamos seja lá o que for, temos por objeto de conjectura algo que ainda não existe. Ora, o projeto de vida, esse terá que ser construído com o bonde andando, em meio ao turbilhão, com as ideias e emoções que são as nossas na hora de defini-lo.

Assim, projetamos, em meio à vida que é – essa mesma que está sendo vivida na hora de desenhar o projeto – a vida que não é ainda, mas que nos apeteceria viver.

* * *

O aluno deste curso não pode esperar que apresentemos soluções existenciais mais ou menos prontas. Não nos interessa sugerir como você deve viver ou o que deve fazer para ser feliz, enriquecer, ficar famoso ou famosa, sedutor ou sedutora, bem-sucedido ou bem-sucedida. Já há em abundância quem ofereça esse tipo de literatura com maior ou menor respeito pela sua inteligência.

Propomos aqui reflexões que poderão ajudar a pensar melhor a própria vida, e, quem sabe, tomar decisões mais auspiciosas. Desse modo, levando em conta o que este livro apresenta, você continuará responsável pelo que escolher fazer dos dias que te restam.

Para que possam valer a pena ser vividos.

* * *

Você, querido aluno, já parou para pensar na expressão "valer a pena"?

Vamos usá-la em situações mais específicas, para um fragmento qualquer da vida. Quem sabe o significado não nos apareça mais claramente.

Veja esta pergunta:

– Você acha que vale a pena pagar o imposto mês a mês ou o montante anual com desconto?

Quando dizemos que alguma coisa vale a pena, atribuímos a ela algo de positivo. Sugerido como vantajoso. Sendo assim, nada que valha a pena pode ser predominantemente negativo ou desvantajoso.

Até aqui, nenhuma dúvida.

Mas afirmar simplesmente que uma coisa vale a pena porque é boa – para alguém – é muito pouco. Embora seja verdadeiro, não é suficiente. Não basta. Precisamos tirar mais coisas daí. Entender o significado da expressão com mais precisão. Vamos continuar especulando.

Pergunto, então:

– Por que não ficar só no vale? Nesse caso, suprimiríamos a pena. Diríamos que isso ou aquilo vale e pronto.

Por exemplo: hoje em dia vale investir num *home office* agradável. Ou ainda: acho que não vale ir a mais de um supermercado para aproveitar as diferentes ofertas porque o gasto com o deslocamento é grande.

Nos dois casos, eu poderia ter usado valer a pena. Tanto pode valer a pena investir num *home office* quanto não valer a pena ir a mais de um supermercado. No entanto, essas frases só com o verbo valer também são compreensíveis.

Onde estaria então o ganho do uso da pena junto ao valer?

Tentemos identificar o significado dessa pena fora da expressão valer a pena.

Certamente, não estamos falando das penas que protegem as aves.

Pena aqui também não parece ser simplesmente a contrapartida jurídica para o acometimento de uma conduta delituosa. De um crime. “A pena que consta na sentença é de dois anos de reclusão.” Embora esse tipo de pena esteja diretamente vinculado a paixões tristes por parte de quem é punido, trata-se de um significado muito específico, distante do uso indiscriminado da expressão valer a pena. Afinal, ninguém vai parar na prisão por aproveitar ofertas de distintos supermercados.

Usamos também a palavra pena no sentido de compaixão. “Ver aquelas crianças na rua sem ter o que comer me deu pena.” Novamente, aqui, há paixões tristes envolvidas.

Mas nem sempre o uso da expressão valer a pena requer alguma compaixão. O pagamento do imposto numa única parcela pode valer a pena, mas quem opta pelo pagamento em várias parcelas não desperta compaixão por isso.

Se colocarmos a palavra "pena" no plural, acredito que a compreensão do significado fique mais fácil.

Porque as penas são as dores, as tristezas, as dificuldades, os obstáculos. Os demais significados mencionados, com exceção da indumentária dos pássaros, têm algo a ver com essas dores. Que podem, de fato, despertar pena, no sentido de compaixão, em alguém mais.

Da mesma forma, a pena estipulada pelo magistrado, pondo fim ao julgamento, corresponde a uma diminuição de prerrogativas existenciais do réu, correspondendo, portanto, a alguma dor ou sofrimento sentido por aquele que a recebe.

Desse modo, quando falamos de algo que vale a pena, estamos falando de qualquer coisa que compense todos os afetos tristes da circunstância. Seja essa qual for.

Puxa. Custou, mas valeu a pena! Agora temos mais clareza a respeito da expressão que nos ajudará a pensar a vida.

* * *

A vida que vale a pena corresponderia, portanto, a tudo que na existência poderia reequilibrar nossas paixões tristes. Experiências cujo valor pode fazer frente a todas as mazelas da vida. Na imagem de uma balança, o que vale as penas pesa tanto quanto elas. Ou as supera. Positivamente, claro.

Eis o tema desta aula. Do curso todo. E do livro, para os amigos que dispõem da sua versão escrita.

Considerando que a vida de todos nós é potencialmente bem fornida de tristezas – e de outros afetos apequenadores –, nossa pergunta não poderia ser outra:

O que haverá de tão positivo, de tão alegrador, que consiga compensá-las?

Você, querido aluno-leitor, percebe a importância da pergunta. Afinal, se não identificarmos nada de significativo, ficaremos sem motivos para continuar insistindo. Ou resistindo.

Daremos a palavra a grandes pensadores. Não que nossas intuições sejam desprezíveis. Mas quando a aposta é alta, melhor convocar um time de peso.

A primeira resposta que apresentamos é muito antiga. E também muito conhecida.

A vida só valerá suas penas se for pensada. E bem pensada. Quanto mais usarmos a razão, servirmo-nos da nossa capacidade de observar, ponderar, atribuir sentido e valor, para deliberar sobre alternativas, decidir estratégias ou ações, escolher caminhos, melhor a vida será. Só o bom pensamento poderá permitir um bem-viver, ou uma vida boa. Ou, se você preferir, quanto melhor o pensamento, melhor a vida.

O autor dessa resposta é ninguém menos do que Sócrates. O primeiro grande pensador do Ocidente. O pai fundador da nossa maneira de pensar. Ele dizia: quanto mais, na hora de viver, no dia a dia, você pensar a vida que está vivendo, melhor ela tenderá a ser.

Portanto, vida boa é igual à vida pensada.

Esse vínculo entre a vida boa e o pensamento guarda pertinência para qualquer situação. Das mais prosaicas, como a higiene diária, às mais complexas, como garantir estabilidade financeira à família e, para isso, ter que executar, enquanto funcionário de uma empresa, ordens incompatíveis com os próprios princípios morais.

* * *

Comecemos pelo mais simples. Sempre.

Você, que nos acompanha com atenção, já terá reparado, ao examinar a própria vida, que muito do que fazemos, desde o despertar, é realizado no piloto automático, com a mente fora dali, preenchida por situações imaginadas e alheias àqueles afazeres do resto do corpo.

Assim, você vai ao banheiro, faz o que tem de fazer, se lava, escova os dentes. Depois se veste. Prepara alguma coisa para comer. Apronta-se para sair. Mas, durante a execução de todas essas atividades, a mente não está ali, junto com você.

E a rotina continua.

Você lança mão de uma torrada, cobre com generosa camada de geleia de laranja. Mas a mente, essa permanece em outro lugar. Lamentando talvez um despertar tão precoce. Ou a falta de geleia de morango, a sua preferida.

Ora. Convenhamos. Essa vida que está sendo vivida nesta manhã, por enquanto, não está sendo propriamente pensada.

Você talvez pondere:

– Ah, mas nessas situações do dia a dia não faz diferença estar focado na atividade realizada.

Muita gente te aplaudiria nesse momento. De fato, você parece ter toda a razão.

Mas sempre podemos examinar mais de perto. Sobretudo essas afirmações consideradas
tão óbvias.

* * *

Para tanto, vou me permitir deixar o Sócrates um pouco de lado. Afinal, este curso não é propriamente de filosofia, tampouco de história do pensamento. O que nos interessa é a vida. A nossa vida. Portanto, podemos recorrer a todos que possam nos ajudar. No momento que nos convier.

Passo, portanto, a palavra a uma outra tradição. O budismo de tanta gente sábia. E da nossa querida Monja Coen.

Ela sugere, ao longo de seus ensinamentos, que quanto mais estivermos presentes nas infinitas situações vividas, em plena consciência das experiências que elas proporcionam, melhor a vida será.

Adoro quando ela fala do seu próprio despertar. De quando abre a janela e contempla o mundo a partir dela. Da experiência de abrir a persiana, puxando com os dedos o cordão que ergue as palhetas. Da sensação nos dedos que o toque traz, da força necessária para realizar a operação, do descortinar progressivo da paisagem, que não lhe aparece de uma vez só. É mesmo deslumbrante.

Para a monja, trazer a consciência para o imediato da vida vivida, para as sensações nascidas dos encontros com as coisas do mundo, é o primeiro e decisivo passo para conferir valor aos distintos instantes da nossa existência.

* * *

Muito bem. Deixemos agora essa consciência das sensações e consideremos o pensamento enquanto deliberação, com vistas à tomada de decisões, a escolhas.

Um primeiro exemplo:

O caminho que você percorre diariamente da sua casa até a escola, até o trabalho. Você tem várias alternativas.

Há um caminho mais curto. Por este, você tem que "dar menos volta".

Mas nem sempre o caminho mais curto é o mais rápido. Por quê? Às vezes o encurtamento exige passar por um trecho de trânsito ruim. Ou por um semáforo demorado.

Tem também o caminho mais agradável. Com mais árvores, por exemplo. Ou, em uma cidade de praia, passar pela orla. Sempre muito prazeroso.

Você já entendeu o ponto. Cada alternativa está ligada a um valor – distância, rapidez, beleza do entorno. E os três têm a ver com o que você quer. Isto é, com o que vale para você. Deslocamento curto, rápido e agradável.

Aqui a escolha é imperativa. Não há como passar pelos três caminhos ao mesmo tempo.

Logo, você terá que jogar no lixo dois deles. Se optar pela distância, perderá em rapidez e paisagem. Se a escolha recair em um dos outros dois, vai ter que rodar mais.

E aí você entende uma coisa linda. É que toda vida vivida, pelo fato de ser uma só, de ser única, exclui infinitas outras possíveis. Que serão descartadas. Algumas, inclusive, passaram pela sua cabeça. Outras, nem isso.

* * *

Mais um exemplo:

O fato de eu estar aqui, escrevendo este livro, me obriga, neste momento, a não estar dormindo. A não estar comendo. Não estar nadando. Nem assistindo à televisão. E isso é muito incrível. Porque a vida nos obriga, num determinado instante, a escolher uma atividade e jogar no lixo todas as outras.

Desse modo, não tem como você não sentir alguma perda na hora de escolher a vida que vai viver. E muitas vezes isso acontece também com suas amizades, com namorados, cônjuges. Relações afetivas. O fato de optar por uma solução exclui todas as outras incompatíveis para aquele momento em que a vida está. E isso é incrivelmente desafiador para todos nós.

E mesmo que você levante a hipótese de fazer várias coisas ao mesmo tempo, como estudar ou correr na esteira e ouvir música, há de aceitar que essa experiência – com duas atividades simultâneas – tampouco se confunde com nenhuma outra. E exclui todas as outras conflitantes.

Assim, ninguém pode – num determinado instante de vida – estudar ouvindo e não ouvindo música ao mesmo tempo.

* * *

Sócrates tinha certeza de que quanto mais você tiver consciência de que está fazendo escolhas, tomando decisões e pensando para viver, mais chances terá de viver melhor. Começará a se dar conta de que muito da vida depende de você. E de que quanto menos errar nas suas escolhas, melhor será a sua vida.

Pensar para viver. Olha que loucura!

Agora, antes de terminar este primeiro capítulo, é preciso lembrar que não é só pensar para viver. É preciso pensar direito. Pensar da melhor maneira possível. Pensar bem e com consistência.

Não adianta botar a cabeça pra funcionar em relação às vidas que poderia viver se você, na hora de pensar, pensa tudo errado. Você se equivoca. Erra. Não tem uma noção clara do que está tendo de escolher.

Mais um exemplo, rapidinho.

Alguém vira para você e diz:

– Nossa, conheci uma pessoa lindíssima.

Aqui estou sendo superelegante, diplomático. Muitos iriam mais direto ao assunto. Se for homem, é logo um gato. Se for mulher, a coisa pode até resvalar para a vulgaridade.

O machismo mais sórdido dá o tom em culturas aferradas ao que é mais baixo.

Muito bem, aí você solicita confirmação:

– Ela é linda mesmo?

E ele chega, enfático:

– Nossa, você precisa ver, é incrível.

Então você sorri e indaga com candura:

– Bem, se você tem tanta certeza de que é uma pessoa linda, deve, com certeza, saber o que é a beleza.

Consternado, ele se debate:

– Ora, beleza é aquilo que toda pessoa linda tem.

Você, com sua candura cortante, segue inabalável:

– Mas o Rio de Janeiro tem paisagens lindas. E um quadro de um grande pintor também pode ser lindo. Pessoas, paisagens e quadros podem ter beleza. Para ter afirmado com tanta convicção que aquela pessoa é linda, você deve saber o que é a beleza. Nesse caso, também saberá o que há de comum em corpos humanos, paisagens e obras de arte.

É nesse instante que o seu interlocutor se dá conta, em desespero, de que não sabe nada daquilo. Que não tem a menor ideia do que é a beleza. E, não sabendo o que é a beleza, não poderia ter tanta certeza de que aquela pessoa mencionada fosse tão linda quanto supôs.

Para ter essa certeza, seria preciso, portanto, saber o que há de comum em tudo que é belo. Isto é, conhecer o belo em si. O que é muito diferente de simplesmente achar que as coisas e os corpos particulares, encontrados no mundo, sejam belos.

* * *

Em suma, quanto melhor pensarmos as coisas da vida, melhores serão os diagnósticos e as escolhas. Melhor ela será, portanto. Essa é a primeira resposta. A de Sócrates. Espero que tenham gostado. Até a próxima.

AULA 2

As datas do epitáfio

Estamos falando da vida. Essa que nos acompanha o tempo todo e que nos anima. Os que já viram um cadáver entendem melhor do que estamos falando. Pela constatação da sua gélida ausência. Pela dramática experiência da sua marmórea retirada.

* * *

A vida que nos interessa nesta aula é a minha, do Clóvis, a sua, a do Antônio Carlos e a da Raimunda, à sua direita. Não se trata aqui de especular a respeito de uma vida genérica. Dessas que nunca ninguém viveu. Ou de encontrar o que há de comum a todas.

Proponho, querido aluno e leitor, que examine, que traga para a sua consciência a energia de que você dispõe para viver nesse preciso instante. Essa energia que, agora mesmo, te põe de pé. Que está permitindo pensar sobre o que estou falando. É isso mesmo. O cérebro bebe uma gasolina que você não imagina.

Energia que, logo mais, também te permitirá correr, transar e incentivar o time do coração num clássico contra os ímpios do clube rival.

É essa energia que vai nos ocupar na aula de hoje.

* * *

Você levanta a mão e pondera: quando falam de vida, penso logo numa longa história de anos, que começa na infância e termina na velhice.

E você tem razão. É o que costuma vir à nossa cabeça quando a palavra vida é mencionada.

Porém, na aula de hoje, vamos entendê-la com um outro significado. Que não se confunde com uma história, um relato. Tampouco com a memória que permite a sua elaboração.

A vida que vamos considerar na aula de hoje nada tem a ver com os causos e narrativas nostálgicas do velório. Não se trata de uma biografia. Tampouco de um futuro imaginado. Com seus projetos atravessados de esperança. Um futuro sonhado e feliz para sempre. Repleto de glórias. Ou nem tanto.

Até porque, mesmo que nos lembrássemos de tudo que já nos aconteceu, ou nos tornássemos videntes perfeitos, antecipando o futuro em todas as suas ocorrências, todos buscamos na vida muito mais do que discursos sobre ela.

* * *

A vida de que vamos falar não tem duração. Nem de dez anos, nem de oitenta. Não corresponde ao intervalo de tempo, do nascimento à cova.

As datas do epitáfio, inscritas do mesmo jeito em todas as lápides dos túmulos, indicam tão somente o período de tempo em que houve alguma vida.

Datas de um começo e de um fim. Que fazem acreditar na ocorrência da vida como uma coisa só. Que igualam, ao longo daquele intervalo, instantes de presença que nunca foram iguais. Que convertem num bloco engessado o que sempre foi fluxo e impermanência.

* * *

Interessa-nos a vida dos corpos e almas ali mesmo onde ela está. Manifesta em um vivente em todos os múltiplos instantes do seu existir. Um feixe de forças, não por acaso denominadas vitais, que se somam, mas também se subtraem, se multiplicam, mas também se dividem. Cuja resultante oscila em intensidade, em direção, em sentido.

Forças vitais de corpo e alma. Que permitem plena realização. Que se movimentam, se posicionam, contemplam, deliberam, decidem, escolhem.

Acho que ficou claro. A vida para nós, nesta aula, se confunde com o tesão de estar no mundo próprio de cada instante.

E o nosso aluno sabe do que estou falando. Porque quando gosta do que vai estudar, lança mão dos livros com entusiasmo, liga o computador todo animado para assistir à próxima aula. E quando não gosta, bem, nesse caso ele se arrasta e sabe bem do que se trata.

* * *

O senso comum trata a vida como simples objeto da propriedade. Como se fosse uma coisa que pertencesse a um dono. Assim posso falar da "minha" vida. A vida do Clóvis. Como se fosse uma coisa. Constatar que alguém não sabe o que faz da vida, como não saber onde pôr um vaso novo que acabou de comprar.

Sendo uma propriedade, trata-se de um direito. Um direito sobre as coisas, segundo o qual o proprietário pode usar, fruir e dispor daquilo que é seu.

Usar significa se servir daquilo que é seu para alcançar benefícios outros. Assim, usamos um carro que é nosso para um deslocamento. E a casa para abrigo. Da mesma forma, já ouvimos desabafos como: "Eu faço com a minha vida o que eu quiser". O que significa: eu a uso como eu quiser.

Fruir significa regozijar-se, gozar. Assim fruímos da leitura de um livro que nos pertence. Bem como do frescor proporcionado por um ar-condicionado. Da mesma forma, fruímos da vida, das suas experiências, e gozamos dos seus prazeres. Os prazeres da vida.

E dispor significa poder dela abrir mão. Podemos vender a casa onde moramos. Bem como o nosso computador. Alugar o nosso escritório. Doar uma roupa que já não serve mais. Da mesma forma, podemos dispor da vida, abreviando a nossa existência. Como quem desiste de lutar, no enfrentamento de uma doença que não tem cura.

Como o aluno pode perceber, tudo que podemos caracterizar como a propriedade de um bem qualquer é aplicável à vida. De fato. Dela podemos nos servir, desfrutar e abrir mão.

Mas atenção!

* * *

A vida não é como uma coisa exterior a nós, da qual somos donos. Primeiro, porque a vida não é uma coisa. E, segundo, porque não é exterior ao vivente. Ao seu corpo e à sua alma.

Observe, estimado aluno.

Sem a vida, o dono não é dono de nada.

Em outras palavras:

Não dá para ser dono da vida se preciso dessa última para ser dono de alguma coisa.

Dizendo de outro modo:

Alguém pode ter ou não uma casa, um carro, uma bola. E nada disso compromete a sua existência. Aliás, é possível ser dono de muita coisa, mesmo sem pensar, sem amar, sem se alegrar, sem ter esperança, sem ter tranquilidade de alma.

Também é possível ser dono das mesmas coisas sendo cego, surdo, mudo etc.

Mas sem a vida não há como ser dono de nada. Portanto, ela não pode ser objeto de uma propriedade. Porque sem ela desaparecem o proprietário, o seu direito e tudo o mais.

* * *

A vida, que é energia em fluxo, nos leva com ela. Como a correnteza de um rio. Ela nos transforma, pelas relações ininterruptas que patrocina, entre as partes que nos constituem. Células e as partes que as constituem. Tecidos e as células que os constituem. Órgãos. Sistemas.

A vida também nos joga no mundo. E nos permite ou condena a dele participar, enquanto indivíduos. Ela nos coloca em relação com todo o resto. Viventes e não viventes.

Você, aluno e leitor, consegue me imaginar bebê. Depois criança de colo. Depois menino, adolescente, universitário, adulto, jovem profissional, maduro, envelhecido. Eu não parei de mudar. Não terá sobrado nem uma célula do começo para contar a história. Mas continuam me chamando de Clóvis.

Com a vida acontece o mesmo. A cada instante é outra. Energia sempre renovada animando a cada instante um corpo diferente. Mas na hora de falar disso, usamos sempre a mesma palavra.

No aniversário de cinco anos lá estavam os dois: o Clóvis e a sua vida. No aniversário de 55 anos, continuamos usando as mesmas palavras: Clóvis e vida. Vida de Clóvis. Mas o mundo material a que elas se referem é completamente outro.

Claro que não poderíamos ter palavras diferentes para cada instante da existência material. Nem de Clóvis, nem da sua vida, nem de todo o resto. Como a banana que vai mudando de cor na fruteira. A linguagem é pobre demais para dar conta do fluxo de tudo que existe.

Por isso precisamos sempre alertar. A palavra pode continuar a mesma. Mas a realidade a que ela faz alusão, essa não para de mudar.

* * *

Mas a vida, essa está sempre onde nós estamos. É sempre coisa do agora, do tempo presente. Eternamente presente. Um presente que só vira passado na lembrança de quem tem memória. De quem resgata o que já viveu.

A vida permite ao vivente humano a lembrança. Quanto aos demais viventes, não posso saber.

A vida, como dissemos, nos joga no mundo. Com ele encontramos. E com ele interagimos. Impactamos o mundo com nossa presença. Com nossos movimentos, ações e intervenções. O mundo, claro, não deixa por menos. E reage. Afetando-nos. Transformando-nos.

Cadáveres não são viventes. São matéria inerte. Cadáveres também estão no mundo. Impactam e são impactados por ele. São transformados a cada instante. Mas não da mesma maneira, sabemos disso.

Somos matéria em vida. Com consciência disso. De termos sido e de continuarmos a ser.

Essa mesma vida não para de nos transformar. Devora o que encontra em nós e depois vai-se embora. Deixando-nos massa inerte.

Talvez por isso, ela não combine muito com os seres, com as essências ou com a natureza das coisas. Porque nada disso tolera mudança. Porque o que é, ou é essencial, precisa continuar sendo. Do nascimento à cova. E a vida não gosta disso. Precisa matar sempre. Destrói uns pedaços, para animar outros. Convertendo o que é em "já era".

* * *

Quando falamos em projeto de vida, sugerimos que a existência mais completa possa ser objeto de antecipação. Reflexão sobre o que será. Ou sobre o que esperamos que seja.

De fato. Ninguém faz projetos sobre o passado. Desse lembramos, ou não. Tampouco sobre o imediatamente vivido. Projetamos o devir. O que ainda não vivemos. Seja ainda distante, seja em algumas horas ou mesmo em minutos.

Projetar a vida pode se converter num hábito. Antecipar sempre. Fazer da mente um aperitivo. Instalar-se em definitivo à frente do próprio tempo.

Viver duas vezes. Primeiro imaginando, e sentindo entre o temor e a esperança. Depois encontrando, percebendo e também sentindo, entre a alegria e a tristeza.

* * *

Projetar exige descolar a mente do corpo que encontra o mundo. Sim, porque no mesmo instante em que estamos antecipando com o espírito o mundo que gostaríamos de encontrar, o corpo encontra outro mundo, percebido pelos sentidos.

Você já parou para perceber quão frequente é esse descolamento no dia a dia? O corpo percebendo um mundo no exato momento em que a mente imagina outro?

Para um professor com tanta estrada, nada mais previsível do que um exemplo de sala de aula.

Entre os alunos presentes, sempre identifiquei com alguma facilidade aqueles que estavam por inteiro comigo, bem como os outros, de alma desgarrada. Neste caso, o corpo presente apenas cumpre tabela: responde à chamada, confirma sua presença, respeita a repetição da rotina. Enquanto isso, a mente vaga, divaga e vagabundeia preguiçosa. Brisa na brisa.

Então, não deve ser difícil entender: se existe uma certa força em você, toda divisão significa fragilidade. Se existe alguma chance de você atuar com muita qualidade, é tendo todos os seus recursos, todas as cartas na mão. O que significa estar onde você está.

Eu, por exemplo, agora estou escrevendo esta aula. Neste momento eu não conseguiria de jeito nenhum pensar no que vou almoçar. Ou no que fiz no fim de semana. Ou em como é que eu vou embora de onde estou. É impossível. Por quê?

Porque estando aqui, eu estou com a minha mente focada, direcionada para essa atividade que estou realizando. Que é produzir este texto. Assim, não cabe na minha mente algo que não seja relacionado a isso.

Então, neste momento, o meu corpo está onde a minha mente também está. Estamos juntos, produzindo este texto para você. Essa é a condição para que este momento seja o de melhor desempenho possível. A reunião do que os antigos chamavam de corpo e alma. E que hoje poderíamos chamar de corpo e mente.

* * *

No ano passado, os americanos propuseram um conceito com muita força, sobretudo na Universidade Harvard: *mindfullness*. *Mind-full-ness*. Esse *ness* indica substantivo, o *full* indica cheio. Então seria "cheitude", portanto, plenitude. E *mind* é mente. Portanto, plenitude da mente.

Curiosamente, mais de dois mil anos atrás, Aristóteles falava em plenitude da alma. Na verdade, estamos falando da mesma coisa. A mente completamente preenchida pela atividade realizada pelo corpo.

Eu, neste momento, garanto a você que estou em *mindfullness*. Ou seja, 100% – se você quiser, 200% – focado no que estou fazendo. Olha que coisa linda. Nem sempre isso acontece. Aliás, é raro que seja assim.

Se você já trabalha, ou mesmo no seu estudo, às vezes você pega um livro para ler. As palavras vão se seguindo e você até acompanha com uma parte da mente as palavras que está lendo. Mas a outra parte da mente está em outro lugar.

Então, quando termina a página, você passou pelas palavras, mas não captou os seus significados. Passou longe do que o autor estava querendo dizer. Você não tem a menor ideia do que leu. Você carecia de um pouco mais de presença para realizar aquela leitura.

O que os antigos e os de Harvard estão sugerindo é bastante claro:

Entregue-se da maneira mais completa ao mundo que você está vivendo. Esteja inteiro ali. Porque muito daquilo que chamamos de viver é feito de maneira frouxa, esgarçada e pobre. Portanto, completamente ineficaz.

* * *

Um grande pensador, chamado Montaigne, num livro com o título *Ensaios*, dizia que adorava tirar férias, ir à praia, ficar na beira do mar, estender-se na areia.

Porém, tem uma coisa que muitos relacionam com férias, e que Montaigne detestava: deixar a mente solta. Quando deixava sua mente solta, descontrolada, dizia ele, ela invariavelmente lhe trazia de volta coisas desagradáveis.

Por isso, Montaigne sugeria dar à mente um foco. Só assim, direcionada, ela estaria a seu serviço. Proporcionando, dentro dos limites que lhe convinham, o melhor em termos de pensamento.

* * *

Você, que está lendo este texto agora, percebeu qual é a moral dessa história?

Muitas vezes você é considerado um bom estudante pelo número de horas que fica trancado no quarto, às voltas com livros e anotações. Mas isso nada garante. Essas horas de corpo confinado podem corresponder à alma em devaneios. Dispersa e distante.

Um bom estudante não se avalia pelo número de horas que estuda. A qualidade do seu estudo requer, antes de tudo, que mente e corpo estejam no mesmo lugar. E, nesse caso, não é só o estudo que agradece. Todo o resto da vida também tenderá a ser melhor.

Mas como você, aluno, deve saber, nossa alma seguirá escapando. Porque as presenças no mundo podem ser desagradáveis. Mornas, esgarçadas e sem graça. E, aí, não tem jeito. Ela sai de fininho. Sem pedir licença. E quando você volta a si, a aula já acabou, o estudo já se foi e os ponteiros avançaram, aproximando-nos do fim.

Um grande abraço e até a próxima.

AULA 3

João-bobo sorridente

Vivia, no tempo de Jesus, um grande sábio chamado Epicteto.

Nunca ouviu falar dele? Tudo bem. Você está aqui para aprender. É normal que eu fale de pessoas, conceitos e ideias que você ainda não conheça.

Epicteto era um sábio estoico.

* * *

Essa palavra, estoico, tem sua origem em *stoa*, que, em grego, indicava a porta das cidades. Eram tempos em que essas últimas eram muradas. Porque os grandes inimigos da ordem eram invasores estrangeiros.

Bem, isso de muro continua presente até hoje no imaginário político de quem quer evitar contato com outras gentes.

Naquela época, por conta desses muros, entrava-se e saía-se das cidades pela porta. E era justamente nas imediações dessa porta em Atenas que se reuniam, filosofavam e ensinavam os sábios ditos estoicos. Se tivéssemos que traduzir, com base nesse primeiro sentido da palavra, esses filósofos seriam os porteiros.

Aliás, outras escolas filosóficas da época, como a academia de Platão e o liceu de Aristóteles, também receberam denominação em função do lugar onde realizavam suas atividades.

Por aqui, os compositores e cantores mineiros do clube da esquina em Belo Horizonte são um exemplo semelhante. Poderíamos ter a escola do Minhocão em São Paulo, no caso de se formar um grupo de pensamento que regularmente se reunisse por ali para refletir e ensinar. Ou em algum ponto da praia de Copacabana ou nas imediações do Beira-Rio, em Porto Alegre.

Bem. Esse significado original da palavra estoico tem sua graça pela curiosidade de receber o nome do lugar. Mas não nos ajuda muito para descobrirmos o que pensavam.

* * *

Vamos, então, tentar por outro caminho.

A mesma palavra, estoico, nas suas formas substantiva, adjetiva e adverbial, ainda é usada por alguns de nós em muitos idiomas do Ocidente. Com um significado completamente outro. Não tendo nada a ver, portanto, com a porta da cidade ou o local de reunião de seus pensadores.

E que outro significado é esse?

Eu te pergunto: você já ouviu dizer que alguém tenha agido com estoicismo? Ou que tenha resistido estoicamente?

Não? Então eu explico.

Uma pessoa terá agido com estoicismo ou estoicamente quando suportou grandes adversidades ou provações e continuou firme, sem fraquejar. Maratonistas chegam se arrastando, estoicos que são, ao final da prova. No MMA, lutadores resistem estoicamente, já combalidos, aos golpes de seus contendores.

Trabalhar como professor, dando quarenta horas de aula semanais por 35 anos, conservando a ilusão de que está fazendo a diferença na formação dos futuros cidadãos, também é exemplo de atitude estoica. De tenacidade.

Esse é o significado atual da palavra estoico. O de não se entregar, não jogar a toalha. Sempre em situações adversas da vida, é claro.

* * *

E por que estou dizendo tudo isso?

Existe uma outra palavra, muito mais usada hoje em dia, para dizer a mesma coisa. Você vai encontrá-la, repetida à exaustão, no mundo das empresas. Portanto, vocábulo de grande interesse para certos projetos profissionais. Trata-se de *resiliência*. Digo isso porque o pessoal de recursos humanos dessas empresas me pede palestra com muita frequência sobre esse tema.

Resiliência significa exatamente a mesma coisa: enfrentar uma adversidade e continuar de pé. Ou, se cair, levantar-se rápido, para levar outra. E sem reclamar. Trata-se, portanto, da capacidade que alguns têm de se recuperar rapidamente de um revés.

Você entende o interesse das organizações por esse assunto. Afinal, é preciso estar sempre disposto, mesmo no pior dos cenários, a alcançar os resultados esperados, bater as metas e aumentar a margem de lucro dos empreendimentos. E tudo isso fica mais difícil se você levar muito tempo para se recuperar de um desagravo ou dissabor.

Talvez por isso mesmo, o estoicismo, enquanto corrente de pensamento ou filosofia de vida, esteja tão na moda nos dias de hoje. Em especial nos lugares de maior desenvolvimento capitalista.

Para você ter uma ideia, nos Estados Unidos, em especial na Califórnia, grupos de leitura e de discussão virtual em torno dos pensadores estoicos e de seus ensinamentos chegam a reunir milhões de participantes. Para a alegria e fortuna de seus animadores.

Resiliência me faz lembrar de um brinquedo das crianças de antigamente. Eu mesmo tinha um. Era o meu brinquedo preferido. Na verdade, o único. O joão-bobo.

Por conta da sua base arredondada e um interessante mecanismo de contrapesos, quanto mais forte você o golpeia, mais rapidamente ele retorna e reassume a posição original. E o curioso é que o rosto pintado do boneco exibe sempre uma fisionomia sorridente. Como deve ser. Afinal, ninguém gosta de gente que só reclama. Chega de tanto mimimi.

Ficamos, por enquanto, com essas duas informações. A palavra estoico remete ao local das reuniões dos filósofos assim denominados, a porta da cidade, e uma sabedoria de vida que sugere postura de muita resistência, resiliência e pouca reclamação.

* * *

Voltemos agora a Epicteto. Um dos grandes pensadores estoicos da história.

Viveu nos primeiros anos da nossa era cristã. Foi escravizado pelos romanos. Acontecia, naquela época, com os derrotados em guerra.

Era, portanto, um pensador escravo. Ou um escravo pensador.

Como todo escravo, não tinha vida fácil. Seu dia a dia era decidido por uma vontade que não era a sua. Era, quase o tempo todo, constrangido a fazer o que não queria. E agredido, caso relutasse. Suportou, assim, muitas agressões. Físicas, psicológicas, morais. Sua vida foi compatível com essa ideia inicial de estoicismo.

Por isso mesmo, Epicteto foi muito mais do que um enunciador de discursos filosóficos. Foi um sábio que agiu com estoicismo. Que viveu de acordo com seu pensamento. E fiel aos seus ensinamentos. Sempre altivo, vertical e digno.

Sua sabedoria, como bom estoico que era, consistia em suportar a vida como ela é. E não ficar se lamentando da sorte.

* * *

Sua lição mais conhecida atravessa os séculos e até hoje nos orienta: na vida de cada um de nós há o que depende de cada um e o que não depende.

Vou repetir e, por favor, preste atenção.

Na sua vida também há o que depende de você e o que não depende.

– E daí? – você pergunta, espantado com o meu entusiasmo.

De acordo com Epicteto, toda reflexão sobre a vida boa, ou a vida feliz, deve considerar esses seus dois ingredientes. Logo, uma parte da sua felicidade depende de você. É de sua responsabilidade.

Mas só uma parte. A outra não cabe a você fazer acontecer. Não é da sua responsabilidade. É coisa do acaso.

Nesse último caso da vida de cada um de nós, o acaso corresponde a um conjunto de variáveis, de forças, que o vivente não controla.

* * *

– Continuo sem entender a importância disso!

Querido aluno. Nosso curso é sobre projeto de vida. O que requer pensar hoje naquilo que queremos que aconteça amanhã (com a nossa vida) em consequência de nossa iniciativa.

Se eu ficar matutando a respeito do que acontecerá comigo na eventual desintegração do Sol, na colisão da Terra com algum meteoro ou na sua absorção por algum buraco negro, esses acidentes naturais têm consequências óbvias e definitivas para a minha vida. Poderão ou não acontecer no meu futuro. Mas, como é evidente, não podem fazer parte de nenhum projeto de vida.

No caso desse último, o resultado esperado depende de deliberação, de estratégia e de intervenção no mundo, realizada pelo seu autor e cujos resultados recaiam sobre ele mesmo. Como, por exemplo, criar condições de trabalho remoto sustentável para poder viver o tempo que resta em cidade de temperatura amena como Reykjavík, capital da Islândia.

Logo, importa-nos muito saber aquilo que na vida pode ser objeto de um projeto, isto é, aquilo que nessa última desejamos que aconteça e que possa resultar de estratégias e ações implementadas por nós. Porque em relação ao resto, nada poderemos projetar.

Dessa forma, a lição de Epicteto diz diretamente respeito ao tema maior deste curso.

* * *

Saiba identificar o pedaço da vida que depende de você. E faça advir, nos limites do seu alcance, o que você quer que aconteça. Talvez seja isso o que chamam de sucesso.

Trata-se de conseguir aquilo que você quer. É conquistar o troféu que pode disputar. Talvez porque muita gente à sua volta tenha te convencido do valor daquele troféu. Mas isso é outra história. Preocupação de outra aula. O certo é que você passou a querer aquilo também.

Portanto, o sucesso, entendido como a materialização de tudo que um dia você desejou, definiu como meta, buscou por meio de uma estratégia, seja lá o que tenha sido o objeto desse desejo, acaba sendo a maior colaboração que você pode dar para a sua vida.

E o que é preciso para ter sucesso? Qual seria o primeiro passo?

Ora. Você precisa, antes de mais nada, saber com clareza o que quer alcançar. Para, então, arregaçar as mangas. Apostar as fichas naquilo que depende de você. E identificar os meios mais eficazes para lograr esse feito. É o que muitos consultores, hoje, chamam de empreendedorismo.

* * *

O que é ser um empreendedor, no fim das contas?

Empreendedor, não vá me xingar, é aquele que empreende habitualmente, sem precisar tomar uma decisão extraordinária para fazê-lo. Isto é, tem clareza de onde quer chegar. Sabe bem de onde parte e de quais recursos dispõe.

Identifica, em meio a todas as condições e obstáculos para lograr êxito, tudo que depende dele. E o que não depende. Na sequência, divisa os caminhos que estejam mais na mão, isto é, caminhos que para serem atravessados exigem providências que estão sob seu controle.

Só então o empreendedor põe-se em marcha.

Vou te dar um exemplo. Quem sabe dois.

* * *

Estou aqui produzindo este discurso. Para os alunos dos vídeos, estou enunciando estas frases. Para os leitores, escrevendo este texto. Cortando palavras, adicionando outras. Avaliando. Mudando. Melhorando.

Ora. Essa tarefa depende de mim. Estou de mangas arregaçadas. Porque esse pedaço da vida sou eu que controlo. Estou decidindo palavra a palavra. Definindo a sequência das ideias. Escolhendo os exemplos, e assim por diante.

Você levanta a mão e pergunta:

– Mas, neste caso, tudo depende de você?

Não é bem assim.

E o que não dependeria?

Ora, não depende de mim você gostar ou não da aula, por exemplo. Ou curtir a leitura do texto. Isso não depende de mim. Não completamente.

Porque você está vendo este vídeo. Ou lendo o que estou a escrever. E outros milhares de pessoas também. E tanto você como cada uma delas tem uma ideia a respeito de um tema como projeto de vida.

Afinal, viver, todo mundo vive. E não tem como viver sem fazer algum tipo de projeto. Por mais sumário e elementar que seja. Logo, todos terão alguma expectativa, mais ou menos difusa, a respeito do conteúdo que eu deveria abordar neste curso. Que dependerá de suas opiniões, convicções, certezas, repertório, valores etc. E nada disso pode ser sequer do meu conhecimento. O que dirá estar sob o meu controle.

Nesse caso, alguns estarão gostando do que ora leem, e outros, não. E tudo isso escapa, quase completamente, a qualquer decisão que eu possa tomar a respeito.

Em suma: posso controlar a mensagem. O conteúdo. O estilo. O entusiasmo. Posso controlar um monte de coisas.

Mas você gostar ou não do que estou fazendo, isso não depende de mim. E, portanto, sobre esse apreço não posso nem devo assumir responsabilidade. Seria leviano da minha parte, portanto, assumir algum compromisso a respeito de algo que me escapa, por definição.

Posso prometer engajamento. Dar o melhor de mim. Proceder com zelo máximo. Mobilizar todas as minhas competências. Porque tudo isso depende de mim. Mas assegurar que alguém apreciará tudo isso é dar prova de arrogância e falta de noção.

* * *

Outro exemplo, o segundo: um técnico de futebol.

Ele prepara o time. Diz onde cada jogador tem que jogar. Define o esquema tático. Identifica as forças do time adversário. Bota alguém para marcar o seu melhor jogador. Arma uma cilada para o rival, que é melhor e deve vir para cima.

Então, vamos juntos montar um esquema.

Quando alguém do nosso time pegar a bola, toca para o 8, que é bom lançador. Quando esse 8 dominar a bola, o 7, que é muito veloz, já tem que estar correndo pela ala direita em direção à ponta. O 8 lança o 7 nas costas do lateral dos caras. O 7 vai pegar a defesa deles desarrumada. O 9 já deve estar esperando o cruzamento dentro da grande área. Mais ou menos na marca do pênalti. Dependendo de como estiver postada a defesa, ele poderá matar a bola para fuzilar o gol com mais calma ou terá que pegar de primeira, chutar ou mesmo cabecear.

Fazendo 1 a 0, aí eu ponho mais um na defesa, a gente se fecha e amarra o jogo até o final. Beleza?

Pronto. O técnico já definiu a estratégia. Muito bem, isso depende mesmo dele.

Agora, a partida vai pelos 47 do segundo tempo. O placar indica zero a zero. Nosso ponta-direita, aquele que foi lançado, sai correndo. O goleiro sai em cima dele e comete infração no interior da grande área. O árbitro

marca penalidade máxima. Último lance do jogo. A peleja segue 0 a 0. A equipe não se sagra campeã há duas décadas.

O craque do time vai bater. O goleiro adversário se agita sob as três balizas. O nosso técnico contempla estático.

Fica claro que, no resultado da partida, incidem variáveis que o técnico não pode controlar. Como a posição do pé de apoio do atacante ao golpear a bola. A saliência do gramado que, na marca da cal, a faz subir o suficiente para não ganhar as redes. A incidência de uma corrente de ar que milimetricamente faz a esférica colidir com a moldura.

Por isso, melhor ater-se ao que se encontra sob nosso comando. Como a organização do time, sua disposição em campo, compactação entre os jogadores para posterior distensão etc. Porque o placar também depende da fortuna, do que é acaso para ele, de ocorrências que não pode controlar.

Resta torcer. Embora a deusa Fortuna não costume dar muita bola para a torcida.

Por hoje é só. Sempre grato pela atenção e respeito.

AULA 4

O depois que vira logo agora

A vida tem fases?

Para que as tenha, há que considerá-la agora como um grande intervalo de tempo. Aquele mesmo de que falamos na nossa primeira aula: da maternidade à cova. E não mais como a energia que anima corpo e alma num instante preciso, como definimos na sequência.

As eventuais fases desse intervalo existencial, que começa antes do nascimento – havendo muita discussão a respeito do seu início preciso no útero materno – e termina antes do velório – havendo também falta de entendimento a respeito do critério preciso que lhe põe fim –, dependerão muito das referências usadas para fatiar o tempo.

* * *

Eis alguns critérios possíveis:

Em função da relação do vivente com o resto do mundo, um primeiro critério parece se impor: a vida é uma sucessão de afetos. Assim, alegrias, tristezas, temores, esperanças, dores, ansiedades, que ora se acumulam, ora se justapõem, ora se opõem. Por esses afetos e seus encadeamentos, não é fácil discernir fases estanques da vida. Talvez seja mesmo impossível. Como se diz, sempre é tempo para amar. Mas também para esperar, temer, alegrar-se e entristecer-se.

Enquanto potência ou energia vital, para agir e para pensar, há oscilação permanente. Algumas mais abruptas, outras mais suaves. Porém, se considerarmos a vida como o seu grande intervalo de duração, claro que a potência tende, de modo geral, a diminuir. Ainda que, de pessoa para pessoa, esse declínio seja mais ou menos acentuado.

Enquanto fenômeno, isto é, aquilo que podemos ver e observar no corpo do vivente, segundo critério: há fases de mudanças mais rápidas e outras de mudanças mais lentas. A adolescência aqui costuma ser muito citada. Altura, envergadura, acnes, pilosidades etc.

Do ponto de vista de atividades, terceiro critério, há tempos de mais aprendizado, de formação e preparação, outros de mais realização, execução e produção, e outros ainda de mais maturação, reflexão e orientação.

Muitos aqui falam nas crises dos trinta, dos quarenta, dos cinquenta etc. Como se se tratasse de alguma obviedade universal. E que, portanto, dispensassem maiores explicações. Como se não pudesse haver crise existencial aguda aos 35, 45 ou 55.

No que diz respeito à própria natureza, quarto critério, há momentos de descoberta, de conhecimento de si, outros de mais aperfeiçoamento e outros ainda de desempenho, de performance. Outros, quem sabe, de nostalgia. De não deixar a peteca cair, como dizem alguns.

Esse é o critério mais próximo do senso comum. Se sairmos pela rua perguntando sobre as fases da vida, esta seria a resposta mais ouvida, com certeza: infância, idade adulta, velhice (essa última com muitas nomenclaturas visando, de modo muito louvável, não rebaixar a dignidade da existência dos que já viveram mais tempo: maturidade, terceira idade, melhor idade etc.).

* * *

Falar das fases da vida me remete à minha infância. E me faz lembrar da tia Maria das Graças. Eu estudei com os jesuítas. E no Fundamental 1, que antigamente se chamava primário, a professora era mesmo ela. A tia Maria

das Graças. De quem tenho muito orgulho de ter sido aluno. E de quem, 25 anos depois, curiosamente, voltei a ser aluno na Faculdade de Filosofia da USP.

Na minha primeira infância, no começo dos anos 1970, ela dava aula de tudo. Ensinava português, matemática, história, geografia, um pouco de ciências. Só educação física, artística e religiosa estavam a cargo de outros professores. O resto era mesmo com ela.

E a tia Maria das Graças sempre dizia:

– Crianças, vocês têm que se comportar. Têm que estudar direitinho e se empenhar, para poder passar para o segundo ano. E no segundo ano, aí sim, vai ser incrível. Vocês não podem imaginar como é legal o segundo ano. Estudarão em outra classe. Com outros livros. E vocês também já vão escrever assim de carreirinha. Nossa! Vai ser até outra tia que vai dar aula para vocês.

Eu, na época, como todos os meus colegas, passei a acreditar que o sucesso daquele ano se resumia em terminá-lo e não ter que repeti-lo e esperar pelo paraíso do tal segundo ano.

* * *

Mas hoje eu me pergunto:

Será mesmo que todo o valor daquele primeiro ano – a razão pela qual deveríamos estudar direitinho – estaria reduzido a passar para o segundo ano? Por que fazer da vida, no caso vivida no primeiro ano, um mero passar de ano?

O que significaria, nesse caso, o fracasso? A vida desprovida do seu valor? Ora, se o valor é passar, o fracasso ou a falta de valor só pode ser o seu contrário, isto é, não passar de ano. Claro que tudo isso em termos escolares. O ano, ele mesmo, acaba passando de qualquer jeito. Mas a maior das desgraças seria ter que repetir aquele primeiro ano com a tia Maria das Graças. A repetência, portanto.

Continuemos especulando.

Será mesmo que seria só no segundo ano que a vida poderia ser boa, como ela prometia?

Mas por quê? Por que não agora? Por que seria tão necessário passar daquele ano? Livrar-se dele? Qual o seu problema? Por que o ano seguinte valia mais do que aquele que já estávamos vivendo?

* * *

Poderíamos pensar de outro modo, com a permissão da tia: estamos no primeiro ano. E vamos assumir juntos que este primeiro ano é o único de nossas vidas. Porque a vida não está nem antes, nem depois.

Estamos no primeiro ano. O único. O ano em que a vida também está. Por isso, importa muito que ele tenha valor. Que seja maravilhoso. Prazeroso. Enriquecedor. Que seja lindo. Um tesão de ano. O nosso primeiro ano.

Propomos uma campanha de valorização do antigo primeiro ano. Para os alunos desse primeiro ano. E claro, como não somos egoístas e queremos vida boa para todos, propomos também a valorização do segundo ano para os segundanistas e assim por diante.

Não se trata de ser melhor ou pior do que os outros anos. Ele é simplesmente o único. O ano, eu repito, em que a vida está. Conosco. Junto de nós.

A vida não está no amanhã. Logo, a vida só poderá ser boa e feliz no hoje. Para que haja felicidade no amanhã, ele tem que se converter em hoje. E hoje, para os alunos da tia Maria das Graças, é o primeiro ano. Não o segundo, nem nenhum outro.

Então, professora, é a senhora que é incrível, a tia Maria das Graças. Não a outra. A tia do segundo ano. Fosse ela quem fosse. Tanto é verdade que foi a senhora que, na sequência de sua carreira docente, tornou-se uma grande referência universitária, pesquisadora conhecida, filósofa respeitada, imensa especialista.

Da mesma forma são os colegas de agora, do primeiro ano, que são o máximo. E não os do segundo ano.

E a sala 14 do primeiro andar, enquanto espaço limitado entre quatro paredes, essa em que a gente estuda, agora mesmo, essa mesma em que nos encontramos agora, essa sala é o próprio paraíso. Não a do segundo ano. Nem nenhuma outra.

E os livros maravilhosos são os do primeiro ano. Esses que estamos lendo. Que trazemos em nossas mochilas de primeiranistas.

Mochilas que colocamos sobre nossas carteiras. Todas devidamente grudadas em trilhos de madeira que as unem umas às outras. Essas mesmas em que estamos sentados agora. Com a mesa de madeira de trás grudada na cadeira da carteira da frente. Um banco também de madeira que levanta e abaixa.

Afinal, é nessas carteiras que acompanhamos as maravilhosas aulas que temos. Aulas ministradas pela tia Maria das Graças. Por ela mesma. De carne e osso. E por nenhuma outra.

* * *

E agora, a parte mais subversiva e transgressora da nossa campanha de valorização do primeiro ano:

Quando ele acabar, sabe o que vai acontecer? Vamos lamentar muito o seu fim. Demais. Você não tem ideia do quanto. Porque ele terá sido incrível. Aliás, parece-nos bem plausível lamentar o fim do que foi muito bom. E, portanto, não querer que acabe. Bem ao contrário. Que dure mais e mais.

Por isso mesmo, pediremos, todos juntos, à tia Maria das Graças, que nos acompanhe no segundo ano. Que seja ela a professora. Porque ela foi incrível. Faremos uma carta pedindo à direção da escola que queremos conservar a tia, a sala, os colegas, as carteiras e tudo o mais que pudermos.

Bravo! Isso mesmo! Haverão de nos ouvir. Afinal, não podemos ser punidos só porque ousamos ser felizes na escola. Passando o ano inteiro sem querer passar de ano. Gostaríamos mesmo que a vida vivida no primeiro ano não tivesse acabado. Que não acabasse nunca.

Mas, como supomos, talvez nada disso seja possível, não pense que desistiremos tão fácil. Até porque o segundo ano que, ao longo de todo o primeiro ano, foi futuro, acabou por virar presente. Era mesmo a sua sina. Desde sempre.

Aliás, essa nomenclatura, primeiro, segundo, terceiro anos, talvez ajude a escola a se organizar. Mas para nós, já nos demos conta de que ela nos atrapalha. Ela incentiva a desvalorização da vida vivida. Assim, o tal segundo ano tornou-se, para nós, o ano. O único. Como fora o primeiro.

Trataremos de fazer com ele a mesmíssima coisa. Vivê-lo plenamente. Maravilhosamente. Em regozijo. Em plenitude. De modo a passá-lo sem querer dele se livrar. Pelo contrário.

Já nos demos conta de que esse novo jeito de encarar a vida na escola não vale só para os anos escolares.

Que viver 2021 esperando chegar 2022 é tão redutor quanto o que propunha a professora a respeito do primeiro ano. Viver somente para continuar vivendo é, manifestamente, muito pouco. Como empenhar-se só para continuar. Viver para sobreviver. E sofrer só para ter o direito de continuar sofrendo.

Nesse caso, de passagem em passagem, pode ter certeza, a vida acabará passando. Sem nunca ter valido por ela mesma. Sem nunca ter esgotado nela mesma o seu valor. E tudo terá sido em vão.

* * *

Refaço a pergunta:

A vida tem fases?

É claro que tem. Não por ela mesma, é claro. Que já existia mesmo quando os viventes de muito tempo atrás não pareciam saber juntar lé com cré.

As fases da vida são definidas por nós e para nós. Como resultado das nossas observações e da nossa necessidade de aproximar o que julgamos parecido e afastar do que nos parece mais diferente.

As tais fases não foram definidas para você esperar pela seguinte. Pelo contrário. São definidas para que você possa vivê-las o mais plenamente possível. O mais completamente possível. Para que você possa esgotar na vida vivida tudo o que ela pode te trazer de bom.

* * *

Você, neste momento da vida, não tem mais a tia Maria das Graças, claro. Mas é possível que alguém chegue na sua orelha e buzine a seguinte pérola:

– A gente agora aguenta a faculdade um pouco. Mas quatro anos passam rápido. E, com o diploma na mão, aí sim, é que vai ser maravilhoso. Vamos entrar no mercado de trabalho e vamos arrebentar!

É possível que tudo isso aconteça. Mas você não precisa abrir mão dos quatro anos. Nada impede que esses também sejam maravilhosos.

Se você viver plenamente os quatro anos da faculdade, a chance de o canudo abrir as portas para o mercado de trabalho será muito maior.

É vivendo inteligentemente o instante que o futuro será promissor. A vida plena do imediatamente vivido, além de ser tudo de bom, também é a melhor preparação para a vida que está por vir.

Nesse sentido, depois de nove anos, você saiu do Fundamental e entrou no Ensino Médio. E lá alguém chegou para você e disse:

– Ensino Médio é para passar no vestibular.

De novo, fazer da vida uma passagem é diminuí-la. É reduzi-la. É apequená-la.

* * *

Passamos por uma dura pandemia. Nela refiz algumas leituras do Ensino Médio. Li tudo que pude. Graças ao Kindle, que aumenta as letras e ajuda as pessoas com deficiência visual.

E, dessa vez, a leitura não foi para responder às perguntas do vestibular.

Li pelo prazer. Pelo prazer de ler. De imaginar personagens e situações. De degustar estilos. De admirar as construções literárias. Li *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, tudo de novo. *O vermelho e o negro*, *O amor nos tempos do cólera*, *Os miseráveis*, *O nome da rosa*. Foi incrível.

Lembrei-me, com pesar, dos tempos tristes da leitura obrigatória. Da opressão pelo êxito. De um fazer escravizado pela utilidade. Ler para ser aprovado. Para fazer uso de um conhecimento. Para comprovar um saber. Para exibir. Ostentar.

Agora eu tenho a chance de ler essas obras novamente. E o que vou fazer com isso? Nada. Com qual utilidade? Nenhuma. A não ser a de viver maravilhosamente aquele momento de leitura.

Se você passou pelo Ensino Médio e fez as coisas só para poder estar onde está, então pronto. Você já chegou. Agora chega. É hora de começar a viver. De aprender a degustar. De apreciar. De se encantar. Com você mesmo e com o mundo, bem na sua frente.

Como, por exemplo, este livro que está lendo. Que não seja para passar de ano. Mas para desfrutar do ano. Regozijar com o ano. Curtir o ano quanto for possível.

Chega de trocar a vida real e concreta por uma simples promessa.

Este livro, sobre projeto de vida, você poderá ler e reler. Poderá integrar aqueles momentos legais da vida. Que você gostaria que se repetissem.

Livro que você poderá emprestar às pessoas que lhe são caras. Que contam para você. Pessoas que você ama.

Portanto, é um livro que deve, ao longo da sua degustação, trazer os prazeres, os encantamentos e os conhecimentos que se esgotam ali mesmo.

Quanto mais intensamente o presente for vivido, mais provavelmente o futuro será rico.

Agora, se você jogar no lixo o presente, esperando pela formatura, pelo mercado, pela idade adulta definitiva, talvez descubra tarde demais, em conversa com algum RH mais lúcido e sincero, que o que esperam de você ali dentro, pelos próximos trinta anos, é explorar seu trabalho em nome de um lucro que nunca será seu.

Isso se você for dócil e se comportar direitinho.

Restará, então, esperar pela aposentadoria.

E se você ainda me perguntar:

– E depois?

Fique tranquilo que ele chega. É da natureza de todo "depois" converter-se em "agora mesmo" já, já. Em menos tempo do que você supõe.

Era isso por hoje. Se gostou, estaremos por aqui na próxima aula para aprendermos juntos sobre a vida. Um abraço.

AULA 5

Alma de estudante

Estamos falando das fases da vida. Na nossa última aula eu comentei que a minha professora do curso primário só pensava no ano seguinte. Passar de ano era uma obsessão.

Se, naquela época, eu pudesse pensar como penso hoje, certamente lhe diria:

– Seria muito legal se fizéssemos desse nosso primeiro ano primário (do Fundamental) um ano inesquecível. Tão bom, mas tão bom, que nós pediríamos para ficar. Sim. Ficar aqui. Para continuar tendo suas aulas. Nesta sala. Com estes colegas. A ponto de chorar se a senhora insistisse em nos "passar de ano".

* * *

Infelizmente, naqueles idos dos anos 1970, eu não tinha recursos para escapar da onda da aprovação. Pensava como todo mundo. Em ter notas para passar de ano.

E que fique claro:

Ao longo de toda a minha formação escolar, não foi diferente. Ou seja, não se tratava de um problema de imaturidade infantil. Coisa da primeira infância ou restrita aos primeiros anos de escola. De jeito nenhum.

Continuei abilolado por muito tempo. Acompanhando a galera em rebanho. Metido no bolo. Fazendo da vida presente – esse nosso imediatamente vivido, que estamos compartilhando agora eu e você – um

mero instrumento para ir com os outros. Feliz por conservar o direito de ser arrebanhado. Empenhado em alcançar com os demais o que nos mandavam. Lutando para chegar aonde nos indicavam nossos tiranos senhores.

Triste rotina essa de um escravo feliz. Incapaz de se dar conta dos grilhões que o oprimem. Sonhando com o que não é, mas sempre acompanhado. Cumprindo uma pena coletiva, para sair logo dali. Existindo para passar de ano, com os demais. Como os demais. Buscando notas para ser aprovado pelos empoderados.

E tudo isso até a idade adulta.

* * *

Isso me faz lembrar de alguns alunos nas universidades onde trabalhei como professor. Em dezembro, depois de um ano de aula, vinham me perguntar:

– O senhor vai dar aula no ano que vem para nós?

– Não. Infelizmente. Eu adoraria.

– Não adianta nem falar com o chefe de departamento?

– Não. Seus colegas de anos anteriores já tentaram sem sucesso.

– Professor, mas... e agora?

– Uai. Agora você vai para o ano seguinte e terá outros professores. E eu terei novos alunos.

– Mas, professor! Como que a gente faz para continuar tendo aula com o senhor?

– Meu amigo, você já passou de ano. Já cumpriu os créditos da minha disciplina. Agora terá outros a cumprir.

– Ah, mas nós gostaríamos de continuar tendo aula com o senhor. Mesmo que fossem as mesmas aulas. Assisti-las novamente.

E aí eu dizia:

– A porta desta sala estará sempre aberta. Todos que quiserem entrar serão bem-vindos. Não prometo que proporei o mesmo programa. Mas se você acha que vale, então venha.

Esses alunos tinham a lucidez que eu, em tempos de estudante, nunca tive. Jamais me ocorreu, em situação semelhante, dizer aos grandes mestres que tive a sorte de encontrar que gostaria de continuar por perto, aprendendo. Mesmo que a grade curricular indicasse outro caminho.

Pelo contrário. Sempre fui 100% protocolar. Fazia o que tinha que fazer. Assegurada a aprovação, tchau. Quanto mais cedo, melhor. Acabou, acabou. Isso de fazer o que não era obrigatório, nem pensar. Vivia uma vida higienizado pela água sanitária da estrita utilidade.

* * *

Esses diálogos com meus alunos deixavam claro para mim uma ideia linda sobre a vida.

Quando ela é boa, boa de verdade, o vivente que a vive gosta de vivê-la. Portanto, gosta de estar onde está. De fazer o que faz. De ler o que lê. De estudar o que estuda. De encontrar quem encontra. De aprender com quem aprende.

Em suma. De viver o que vive. Como vive. Onde vive. Do jeito que vive.

Logo, para honrar o tema da nossa aula, percebi que quando a vida é boa, mas boa de verdade, não fazemos nenhuma questão de mudar de fase.

Ou seja, fosse pelo nosso desejo, continuaríamos vivendo aquilo que estávamos vivendo naquele momento. Viveríamos desejando a eternidade daquele instante vivido.

Tal como no caso dos meus alunos. Desejosos de continuar. Aquele estudo. Aquelas aulas. Continuar aprendendo. Não querer parar de estudar. Desejosos da eternidade daquele instante.

A vida boa, portanto, é o contrário de querer cair fora dali, livrar-se daquele estorvo. De não ver a hora de mudar de vida. De contar os dias para sair logo da faculdade. De aguardar ansioso pela formatura, pelo mercado de trabalho, por outra vida que não aquela, de estudante.

Felicidade é tudo, menos desejar que o futuro vire logo presente.

Porque, para isso, seria preciso desejar que o presente virasse logo passado. E quem deseja se livrar do presente é porque deseja se livrar da vida. Daquela única vida. Portanto, não pode estar vivendo uma vida boa.

Ser feliz é desejar que o presente continue sempre presente. É isso que chamamos de eternidade. Felicidade é desejo de eternidade.

* * *

Eu estou aqui neste momento gravando as aulas que correspondem ao livro que você tem nas mãos. Na minha frente, a Juliana capta as imagens.

Essa nossa atividade, para mim, é prazerosa, gratificante e divertida.

Então, é inevitável desejar que ela dure um pouco mais.

Mas como todo curso tem um número limitado de aulas, sempre acaba acabando.

Surge, então, outra ideia.

Vamos propor ao nosso diretor acadêmico Teodoro a continuidade do projeto. Ou, quem sabe, algum outro. Dessa forma, poderemos continuar. Seguir juntos.

Afinal, queremos mais disso que estamos vivendo.

Uma vida boa implica um desejo incontido de esgotar sua beleza, seu prazer e seu significado, ali mesmo, onde ela está. Na imediatidade do nosso presente.

* * *

Mas como tudo passa, a despeito de nossas resistências, você vai acabar se formando. Na festa, exigirão que sinta felicidade por isso. Euforia por esse fim. Êxtase diante da morte. A morte do aluno sonhador.

A sociedade quase nunca autoriza celebrar a vida vivida. Só aplaude o futuro. A quimera. O projeto. Fala o tempo todo de felicidade para assegurar o seu adiamento. Para melhor postergá-la. Torce o nariz para vidas boas. Denuncia toda zona de conforto. Proíbe regozijar, gostar de viver o que se está a viver. Exige que se celebre o seu fim.

E na tal da festa, ai de você se não manifestar euforia. Se estiver triste, melancólico, já com saudade, e deixar tudo isso transparecer de dentro da beca, com o canudo na mão.

Ai de você se chorar pelo fim da melhor das vidas. Se puser uma flor no caixão do estudante. Se rezar pela alma do jovem livre e idealista, que um dia conseguiu ver coisas lindas, para além do lucro de alguns poucos.

A felicidade tolerada é sempre a fúnebre, pelo deixar de ser. Pelo que não é mais.

Como as *happy hours*. Velórios celebrados na semana de trabalho. Festas de aniversário, de final de ano na empresa, bota-fora de amigos. Comemorações de algum fim.

Mas você, que queria continuar estudando, que sente falta de professores, colegas, livros e vídeos, na festa finge estar feliz com o canudo na mão. Como quem faz sexo com um gorila. Sempre do jeito que ele quer. Grita, agita os braços, pula, abraça. Tudo como manda o figurino do símio gigante.

Afinal, povo marcado, ei, povo feliz.

* * *

Mas, saindo dali, na surdina – de modo que os controladores da vida falida não consigam se dar conta –, inscreve-se num curso de pós-graduação.

Para continuar vivendo aquela vida, estudando e aprendendo, naquele mesmo ambiente e com pessoas que sentem coisas parecidas.

E, nesse caso, as conversas não poderiam ser outras:

– Será que o professor fulano também dá aula na pós-graduação?

– Esta disciplina, ministrada pelo sicrano, é imperdível.

– Você viu quem vai nos orientar nos trabalhos dirigidos? É ela!

– Não creio. Ela é demais. A melhor professora que já tive.

Assim, você, astucioso que é, no meio da festa pagou o pedágio da felicidade dos outros. Para não ser cancelado. Mas, na miúda, vai continuar. Assumir as rédeas. Tornar-se autônomo. Pela primeira vez na vida, quem sabe.

Afinal, a pós é coisa de quem está sentindo falta daquilo que só a universidade pode proporcionar. Pesquisa. Pensamento crítico. Busca incansável da verdade. Mais entendimento do mundo. Recuo metodológico.

Essas coisas que, para alguns, fazem muita falta.

* * *

Ao mesmo tempo, acabou entrando no mercado de trabalho pela porta da frente. Na primeira conversa com o pessoal do RH, vem a pergunta:

– Quais são as suas pretensões dentro da nossa empresa?

Não há dúvida. Você mudou de fase. Agora é finalmente adulto.

Segundo muitos, tudo o que você fez foi para chegar aí. E você diz:

– Isso aqui só pode ser fascinante. Afinal, desde que eu entrei no primário, não parei de subir degraus. Uma escada que parecia não ter fim. Mas agora é para valer. A vida finalmente começou. Até aqui foi só aprendizado. Então, o que me espera aqui, nesta empresa, deve ser orgasmático. Alucinante.

A pessoa que está te entrevistando te olha com estranhamento. Os demais que também ouvem a conversa se entreolham. Disfarçam um sorrisinho maroto ante a ingenuidade da sua proposta.

O interlocutor finalmente arrisca continuar a conversa:

– Deixa eu te explicar. Aqui na empresa, a gente tem quinze níveis: o G1 é o CEO. O cara que manda em tudo aqui. O G2 são os VPs. O G3 são os diretores. O G4 são os superintendentes. Então, você está no G15. E eu queria saber quais são as suas pretensões aqui dentro.

Ora. O que ela quer que você diga?

Que você quer subir.

Para ela poder dizer:

– Mas, para subir, você vai ter que mostrar desempenho. Fazer resultado. Bater meta. Trazer dinheiro para nós. De preferência, muito, muito dinheiro. Aí a gente sobe você. Simples assim.

* * *

Qual a diferença entre a tia da escola e essa diretora responsável pelo RH?

O discurso é bem parecido. O da tia era motivacional. O da diretora, também. O da tia valorizava passar de ano. O da diretora, de nível. O da tia ignorava a possibilidade de uma vida boa no presente. O da diretora condena a zona de conforto. O da tia valorizava o futuro.

O da diretora, também.

* * *

Mas, para chegar a CEO, você deve imaginar, não vai ser muito fácil. Pouco troféu para muito pretendente. Muita gente correndo atrás. Está todo mundo subindo. A maioria fica pelo caminho.

Um belo dia, alguém inventa de fazer uma homenagem. E você deve receber uma placa numa bonita festa. Alguém filma a família dizendo coisas bonitas. Você chora.

– Olha, você foi incrível para nós.

Mas o tempo passou, você está um pouco lerdo, um pouco experiente demais. Vão organizar uma demissão voluntária. Uma coisa honrosa para não ficar muito chato. Uma festinha, uma placa e você vai para o Embu. Onde você comprou uma chácara, com um lago lá no meio.

Aí você olha e diz:

– Me enganaram desde a escola. Como pude ter sido tão burro ao longo da vida inteira?! A felicidade era coisa do caminho, não da chegada. Tinha que ter graça dia a dia. Porque não tem prazer de CEO que compense quarenta anos de escada. Eu devia ter ouvido o professor.

Talvez para você seja mesmo um pouco tarde. Mas para o nosso aluno-leitor, com alma preservada de estudante, ainda está em tempo.

É tudo por hoje. Abração e até a próxima.

AULA 6

Gol a gol com o Ronaldo

Desde que nascemos, tentam nos convencer de que a vida é mais ou menos dividida em quatro fases.

Na primeira, você é criança. Chamam essa fase de infância. Para quem a vive, as durações de tempo, tão nítidas nas fases seguintes, costumam ceder seu lugar a muita intensidade existencial. Fase em que o presente da vida vivida, no mais das vezes, preenche e satisfaz a existência. Limitando muito as escapadelas da alma em direção ao passado ou ao futuro.

Quando há dor, essa também costuma resultar do presente mais imediato. O mundo percebido, por ser cheio de novidades, manda muito bem como espetáculo. Encantador o suficiente para converter a vida numa grande brincadeira.

Claro que cada infância é uma. Ponto de partida de uma vida única e incomparável. Num orfanato, a criança doente que espera pelo interesse de algum adotante não conta com muito mais do que a esperança para se agarrar.

Por isso tomamos o cuidado de usar expressões como costuma, no mais das vezes etc. Talvez por estarmos nos referindo a uma infância mais para feliz. A que gostaríamos de ter vivido. O que nem sempre corresponde à dura realidade de algumas vidas vividas.

* * *

A segunda fase, tida como de transição, é a adolescência. Para muitos que a vivem, essa fase é sobremaneira marcada por uma espera, por vezes longa e desagradável, pela vida adulta.

Essa espera implica, em primeiro lugar, a negação da fase anterior. Do já vivido. Requer deixar de ser criança. Eis a advertência imperativa que não se quer escutar. Quem nunca se irritou com agressão do tipo:

– Você quer deixar de ser criança!!!

Sobretudo se enunciada por alguém de idade semelhante.

Adolescência é, antes de tudo, ruptura com um passado que se pretende borrar. Ao menos por enquanto.

Por isso mesmo, para pais, familiares em geral, educadores em particular, que por dever de ofício ou estatuto devem com eles interagir, a experiência costuma ser perturbadora.

Explica-se. As relações entre as pessoas em geral carecem de certa estabilidade. Só isso poderá trazer e assegurar alguma certeza a respeito do interlocutor.

Veja este curso. Meu chefe me designou para conduzi-lo. Por que eu?

Não vou perder tempo a dourar pílulas porque o tempo escoa na ampulheta larga do programa apressado. Precisamos ensinar. Se o aluno-leitor me tomar por metido, é seu direito. Mas, aqui, sou explicador. E não candidato a mister humildade.

Se meu chefe me confiou essa tarefa, é porque confia em mim para fazê-lo. E claro, essa confiança nasceu na chamada folha corrida. No trabalho já realizado. No fiapo de competência manifesta em projetos anteriores.

Desse modo, o que ele está esperando é algo inédito, evidente. Mas escorado num repertório já revelado, num jeito de trabalhar conhecido e consolidado. A garantia está na vida profissional já vivida. No passado compartilhado.

Ora. Você já deve ter entendido onde está o problema do adolescente. Tão ávido está em negar o já vivido, em marcar rupturas, estabelecer fronteiras, tão desesperado por deixar de ser tão preocupado em parecer ser o que não era ainda ontem, que acaba dificultando ou mesmo inviabilizando relacionamentos.

Quando alguém, por um motivo qualquer, vai buscar referências a seu respeito, remetendo-se – por óbvio – a algum encontro no passado, eis que o nosso adolescente vira enfurecido e joga na cara do infeliz que só ele

ainda não percebeu que aquele que agora está ali já não é, em absoluto, quem era, na época do referido encontro.

A frase ficou um pouco longa e tortuosa, mas o aluno-leitor, indulgente que é, perdoará os estreitos limites de estilo do discreto explicador.

* * *

A terceira é a fase adulta. Embora seja a mais duradoura, não é percebida como tal. Porque o tempo começa a ser percebido em aceleração. A passar mais rápido, como se diz na esquina.

A fase adulta costuma ser associada à plena produção, plena realização de si e plena responsabilidade pelas próprias escolhas e decisões.

Dela falaremos menos aqui, porque todo este curso e este livro são-lhe dedicados.

* * *

Finalmente, a quarta fase é a velhice. Terceira idade para uns. Melhor idade para outros. Tomemos cuidado com a nomenclatura autorizada do momento. Por sorte, não temos nenhuma pretensão a nos tornar um clássico. Para esses, o risco é maior de heresia por uso de termos vedados na ocasião da leitura.

E não há aqui ironia alguma. Pelo contrário. A luta pela identificação da linguagem menos discriminatória e excludente possível é mais do que bem-vinda e merecedora do aplauso de todos.

Nessa quarta fase, a consciência da finitude ganha peso. A fragilidade progressiva do corpo se traduz em redução de capacidades. A alma, por outro lado, se bem cultivada nas fases anteriores, pode luzir em seu maior esplendor.

Para o senso comum, são essas as quatro fases da vida.

* * *

Resta investigar o que as caracteriza. O que também indica o que as discrimina. Só assim conseguiremos distinguir quando começa e termina cada uma delas.

Se for o grau de maturidade, de desenvolvimento de competências, de experiências acumuladas, de repertório de conhecimento, estágio de formação moral e outros tantos critérios, não será nada fácil entrar num acordo sobre as fronteiras de cada fase.

Não só porque cada indivíduo amadurece e se desenvolve num ritmo próprio. Mas também porque toda categoria é um golpe de violência simbólica que estabelece – a partir de fronteiras que poderiam ser outras – um dentro e um fora, determinando o modo legítimo e aceitável de conceber, entender e interpretar a realidade.

* * *

Nada satisfeito com tanta imprecisão, você insiste.

As quatro fases podem ser definidas pelo tempo de vida vivida, isto é, pela idade.

Verdade. Por se tratar de um número, esse critério parece bem mais preciso.

Nesse caso, querido aluno e leitor, teríamos na mão uma tabela, com fases e idades. Para que as fronteiras entre as fases fossem conhecidas e aceitas por todos, essa tabela teria de ser necessariamente única. Aplicável a qualquer tempo e lugar.

O problema é que essa tabela única não existe. Vejamos com calma.

Em que idade terminaria a infância?

Um simples passeio pela história recente nos mostra que, em momentos diferentes, os anos correspondentes à infância não são os mesmos. Não precisamos sequer dar a palavra a historiadores medievalistas ou

especializados na antiguidade para deduzir que, em épocas mais remotas, o entendimento de infância era completamente outro.

Da mesma forma, basta sair de casa e interagir com pessoas de outros lugares para se espantar com o tratamento dispensado aos miúdos.

Exclamações contraditórias como estas que seguem são muito frequentes.

– Você viu? Tamanho marmanjo e não vai à escola sozinho!

– Eu jamais deixaria um filho meu dessa idade voltar sozinho para casa a essa hora!

Dessa forma, o que é infância varia no tempo e no espaço. Parece depender do lugar, da época, do que pensam e sentem as pessoas. É, portanto, uma questão cultural.

Assim, a definição do que é infância, de suas características, de seus direitos e prerrogativas, dependerá de variáveis próprias ao universo social que a estabeleçam.

Com certeza, seria necessário identificar a quem interessa defini-la e quem tem o poder para fazê-lo. Portanto, trata-se também de uma questão política.

Por isso, o que correspondia à infância no mundo antigo, ou no século XII, ou durante a chamada Revolução Industrial, nada tem a ver com o que chamamos de infância hoje numa grande cidade do mundo ocidental. E talvez não precise ir tão longe. No mundo rural desses nossos tempos, a infância tem contornos bem diferentes do mundo urbano.

* * *

E a adolescência? Começa quando?

Deixemos falar o senso comum. Que, nesse caso, parece acreditar nas manifestações do corpo promovidas pelos hormônios. A natureza assume o comando da definição.

Adolescência teria a ver com o que acontece com o nosso corpo. Por exemplo, para os homens, quando surgem pelos na barba. Para as mulheres, quando aparecem os seios.

Aqui, a data é mais flexível. Não é o tempo do calendário que mais importa. São características do corpo que determinariam a fase da vida. É um conjunto de transformações que incide sobre a aparência do vivente. Uma questão do que é observável. Perceptível pelos sentidos.

Na filosofia, o modo como o mundo se deixa perceber pelos sentidos recebe o nome de fenômeno. Assim, a adolescência aqui deixaria de ser uma questão de idade e passaria a ser uma questão de hormônios.

Haverá quem diga que são a mesma coisa. Os hormônios se manifestam em todos na mesma idade e determinam as mesmas transformações.

Não é bem verdade. Falo por mim. Meu primeiro fio de barba surgiu quando eu já era estudante de Direito. E ninguém me convencerá de que eu precisei entrar na faculdade para sair da infância e entrar na adolescência.

* * *

A fronteira entre o jovem e o adulto, como qualquer divisão entre idades, é arbitrária. Um objeto de luta. Há interesses envolvidos. Interessa para uns esticar a juventude. E, assim, quanto mais jovens houver, melhor. Como os que vendem produtos ou prestam serviços destinados a um público definido como jovem.

Agora, um exemplo menos óbvio.

No século XVI, isto é, em torno de 1500, época do nosso descobrimento, era do interesse dos anciãos a aceitação por todos de um entendimento sobre as fases da vida segundo o qual a juventude seria associada à virilidade, à potência e à guerra. Dessa forma, reservavam para os mais maduros a sabedoria e, portanto, o poder.

Outro exemplo bastante elucidativo.

O historiador italiano, especializado em Idade Média e *star* da internet Alessandro Barbero (sugiro que procurem suas aulas no YouTube) explica em seus vídeos como, na Idade Média, os limites da juventude eram objeto de manipulação por parte dos detentores dos grandes feudos. Mantendo os jovens sempre jovens, conservava-se a sua irresponsabilidade, com óbvios efeitos sucessórios.

Aí vem a idade adulta.

E qualquer um percebe que essa fase adulta está sendo empurrada.

– Ah, porque o pessoal não sai mais de casa. No meu tempo, começávamos a trabalhar desde cedo para ganhar um troco e quando dava íamos buscar o nosso caminho fora de casa. Para viver nossa vida com mais independência. Agora?!?!?!? Eles não largam o bem-bom, de jeito nenhum.

– Quer dizer que a idade adulta é quando você sai de casa?

Eita, pensei que fosse tempo de vida acumulado. Pensei que fosse pelo no corpo. Agora é morar sozinho? Eu já não sei mais nada...

E o que é a velhice?

É quando começam a surgir as dificuldades motoras. Quando o corpo começa a ratear. Nossa, mas cinquenta anos ontem, hoje setenta anos, e a galera do *fitness* e das corridas no parque, na orla marítima, está dando um show em muito moleque. E aí, como é que faz? Não chega nunca essa terceira idade? E esses japoneses de cem anos que correm cem metros rasos? Cem anos de puberdade. Cem anos de adolescência.

* * *

Não dar muita bola para as fases da vida pode ser libertador.

Sim, libertador.

Se você levar a sério que não é mais criança, porque te convenceram disso, acabará abrindo mão de atividades – entendidas pela maioria por infantis – para poder agir em alinhamento com outra fase de vida, que acredita ser a sua.

Por exemplo.

Minha filha Natália tem agora dezenove anos. Estuda no segundo ano da faculdade de Direito. E adora jogar Mario Kart. Se estivesse aprisionada pela fase da vida em que culturalmente está inserida, teria de abrir mão desse jogo que lhe é tão prazeroso.

Eu, seu pai, adoro literatura infantojuvenil. Leio e releio os livros do Fundamental 2. E não é por ser professor. É por prazer mesmo. Quantas vezes já terei lido o mesmo livro *As aventuras de Tom Sawyer,* de Mark

Twain?

Ah. Adoro jogar gol a gol com o Ronaldo. Juntos, somadas as idades, já passamos, com muita folga, de um século de existência. Mas ainda chutamos a bola com toda a força na direção do gol adversário, da linha do meio de campo, e depois saímos correndo para impedir que o mesmo – no caso, o Ronaldo – faça gol de cobertura.

Somos alvo da chacota de muitos sócios do clube que, do lado de fora, ficam observando o empenho com que nos enfrentamos. E, cheios de inveja, denunciam nossa velhice. Alguns outros, de espírito menos torpe, nos perguntam se algum dia poderiam se juntar a nós.

* * *

Em suma.

Os critérios das fases da vida são variados e imprecisos. Melhor assim. Porque dessa forma não nos engessam por completo.

Essa flexibilidade nos dá uma brecha para tomarmos as rédeas da própria vida, ao menos de vez em quando, e fazer dela o que quisermos.

E aí, quem sabe você não continua criança por mais tempo?

E não porque os traços da infância sejam objetivamente bons. Mas porque te aprazem. Te agradam. Porque têm a ver com você.

* * *

Haverá aqueles que, em nome de algum êxito na chamada vida social, por conta de regras, estratégias, alianças e enfrentamentos, sufocam em si todo arroubo de autenticidade.

Qualquer sinceridade fora de hora ou de lugar pode configurar uma pisada de bola com consequências irreparáveis. Não jogar o jogo como deve ser jogado configura heresia social com represálias de potencial

entristecedor.

As críticas mais agudas, endereçadas, por exemplo, por Rousseau à sociedade iluminista do século XVIII, diziam respeito à tibieza de caráter e hipocrisia em doses concentradas como condição de entrada para uma existência social exitosa nos espaços mais exigentes e disputados de reconhecimento e consagração.

Não raro, a hipocrisia converte-se em hábito. O que indica não só a sua presença constante, mas a sua conversão em saber prático incorporado. Nesse caso, mente-se sobre os próprios sentimentos e pensamentos mesmo sem se dar conta e não havendo nenhuma necessidade para tal.

* * *

Somos educados na infância para nos tornarmos adultos. Concordamos que houve toda uma preparação, uma preocupação com essa segunda fase da vida, ausente no caso da infância por razões óbvias. Você nunca terá sido preparado ou educado para ser um bebê virtuoso por falta de vida anterior. Ora, nesse caso, seria de se supor que a tal da idade adulta, objeto de tamanho cuidado e atenção, representasse um avanço, uma elevação, um ganho, um *plus* em relação às fases anteriores. Certo?

Então, eu pergunto a você, aluno e leitor:

Terá mesmo havido algum ganho em se tornar adulto? Houve, de fato, alguma evolução existencial nessa passagem? Na perda da autenticidade em proveito de uma vida hipócrita? É isso mesmo? Ah, mas é o que rola, é o que costuma acontecer. Então, você é 200% regido pelo olhar externo, pela expectativa que os outros têm de você? Tudo em nome do reconhecimento e do aplauso de terceiros? Não.

Um pouco é normal que seja, senão a vida vira um inferno. Mas um pouco você tem de conservar. Um tiquinho de domínio sobre você. Um fiapo de eu, que se manifesta ao longo da vida. Um pouco do que é genuinamente você. Ao longo de toda a vida. E se você conseguir muito, fica ainda melhor.

Já que as fases da vida são tão imprecisas e confusas, que sejam definidas por quem vive, ao sabor do que considera mais relevante para si. Com autenticidade e respeito a si mesmo.

* * *

Quando pensamos em fases da vida, nós dividimos as coisas, certo? Bem, certa vez, ouvi um especialista falar que é preciso dividir a vida em quatro blocos de vinte anos. Porque, estatisticamente, as pessoas tendem a viver em torno de oitenta anos.

Então você tem os primeiros vinte anos de aprendizado. Os vinte anos seguintes são de busca do apogeu. Que, ainda segundo ele, acontece em torno dos quarenta. Depois disso, entre quarenta e sessenta anos, você vive a maturidade. Aqui, a experiência conta mais do que a volúpia e a entrega. E dos sessenta aos oitenta há que viver em adequação com os limites do corpo e da alma.

Olhei para o meu RG. E me dei conta de que, no meu caso, restaria usar os fracassos do passado para evitar alguns do presente e tomar cuidado para não resvalar no banho, quebrar o fêmur e não se lembrar do que aconteceu.

* * *

Que as pessoas dividam a vida como elas quiserem. Estão fazendo o trabalho delas.

Mas só uma coisa é certa: a vida pode acabar a qualquer momento.

Ela não tem que ter oitenta anos. E a pandemia nos traz essa lição com centenas de milhares de exemplos. Jogando na nossa cara a estupidez do cálculo para as nossas existências individuais. Talvez seja mais útil para quem estuda os coletivos, os grupos, as sociedades.

Resta aceitar, de verdade, genuinamente, com abertura de alma, que o fim do mundo para nós pode se dar a todo e qualquer instante.

Só essa certeza cristalina permitirá atribuir o devido valor ao tempo da vida. Ao instante no qual ela se encontra, junto ao nosso corpo e à nossa alma. Um instante que abriga e concentra todo o nosso real patrimônio. Tudo que há de verdadeiramente valioso e relevante. Tempo único de potência. De pujança. E de realização.

Correlata à da finitude, a única certeza que nos deve importar é a de que esse fim, necessário e certo, ainda não chegou. E que, portanto, ainda estamos aqui, eu e você. E que é só isso que temos na mão, para fazer da nossa uma vida cheia de valor e significado.

E aqui eu me calo. Afinal, já deu a nossa hora. Até mais.

AULA 7

O caso é de poesia, e das brabas

Eram meus tempos de tripeiro. Para os alunos leitores brasileiros, assim denominam os portugueses os nascidos ou residentes na cidade do Porto. Morava a um espirro e meio da Trindade. A mais importante estação de metrô de todo o norte português.

O almoço era mesmo ali. Na padaria Pão Fofo, bem ao pé da descida da Rua de Camões. Isso, todos os dias, exceto domingos. Não por luxo meu. Menos ainda por me permitir uma variação semanal. É porque fechavam os meus padeiros no sábado às 20h para só mesmo reabrir na segunda-feira, com a tropa descansada e o caixa por encher.

Dava as caras sempre minutos antes das 15h. Porque a essa hora justa, do ângulo reto dos ponteiros, decretavam ali o fim do almoço. Por ser tarde, comia o que ainda havia, mas sem o afogadilho das mesas todas ocupadas e a fila formada ao longo do corredor que dava acesso ao salão das mesas.

Naquela terça, coisa de celebrar, ainda restava a sopa do dia, a de espinafre. Bem como o prato, também do dia, sempre mais em conta, e ainda mais raro nas minhas horas de professor indolente.

Era um peixe, falava-se "peixe", empanado, acompanhado de um arroz caldoso de legumes. O tal caldo, bem apurado no azeite, com ênfase nos repolhos cozidos, e bem cozidos, curtidos e temperados com esmero. Uma finura de refeição. Dali, só mesmo o pão doce prensado com manteiga que punha fim ao meu regalo diário.

O atendente que me tocou naquele dia é velho conhecido, como, aliás, todos os demais. Faziam a cada dia rodízio de mesas – ocupando eu sempre a mesma, acabava servido por todos.

Esse da crônica era português de lá mesmo, jeitinho ligeiro de quem se crê eficiente; apoiava-se no ombro de alguns clientes de predileção, para sussurrar sugestões preciosas, de frequentador privilegiado da cozinha; circulava entre as mesas cantarolando agudo as mesmas canções do Brasil.

Naquele dia, a clientela era anormal para o horário. E alguns de seus colegas já se ajeitavam para deixar o turno, resultando num acúmulo circunstancial de tarefas. Talvez por isso, dois ou mais clientes puseram-se a reclamar da demora.

Foi quando o mancebo em questão, para meu deleite de observador solitário, revira-se para o mais indignado deles, na ponta dos pés, com o tronco adiantado e a cabeça suavemente voltada para o teto. Fita-lhe em ternura e sorriso de ironia sedutora.

E, como se já não tivesse bastado aquela enquadrada de teatro amador competente, toma a palavra e pondera, com nota de obviedade e arrastado sotaque local:

– Eu sou só mesmo essa unidade visível. O resto vou pôr na conta dos meus amores, que me querem ver duplicado.

Por essa e tantas outras, quase diárias, fui muito feliz ali. No Porto, na Trindade, na Rua de Camões, no Pão Fofo. Lembranças saudosas de um tempo que, quando presente, nunca quis que virasse passado. Fazer o quê?

Eu sou só mesmo essa unidade visível. Nada mais espirituoso para começarmos a aula de hoje. Sobre quem somos. Sobre saber quem se é.

* * *

– Conhece-te a ti mesmo!

Foi com essa lição de vida que a filosofia começou. Ao menos, a nossa. A filosofia do Ocidente.

– Conhece-te a ti mesmo!

O tempo verbal é imperativo. Conhece-te. Trata-se de uma ordem. Ou uma advertência. Supõe-se que haja também preocupação por parte de quem comanda por quem é chamado a obedecer.

– Conhece-te a ti mesmo!

– Mas para quê? – você pergunta. – O que estará em jogo?

– O que está em jogo é a vida boa. É o viver bem.

– Ainda não entendi o que tem a ver…

Ora, querido aluno-leitor. Eis o que tem a ver:

Se você quiser ter uma vida boa, poderá ajudar muito, para não dizer de uma vez que é imprescindível, conhecer-se a si mesmo.

Sempre ajuda olhar pelo outro lado. Pelo negativo. Nesse caso, se você não se conhecer a si mesmo, será mais difícil, ou mesmo impossível, ter uma vida boa.

Mais uma tentativa. Em nome da clareza.

Quem é ignorante de si mesmo tenderá a ter uma vida pior. Ou tê-lo-á, assim de claro. Na bucha.

– Parece meio óbvio, não?

– Tratando desse tema da vida, do projeto de vida, no contexto escolar universitário, parece mesmo muito evidente. Mas se você sair na rua e conversar com viventes de carne e osso, verá que a afirmação não tem nada de óbvio.

Ser conhecedor de si mesmo, saber com clareza de quem você se trata, poderá indicar uma carta na manga na hora de enfrentar a infinidade de situações que a existência vai nos apresentando. Todas inéditas. Diferentes umas das outras. E muitas, bem difíceis de encarar.

* * *

E, então, você, curioso que só, pergunta:

– Será que conhecer-se a si mesmo basta para uma vida boa?

Vamos pensar juntos. Só nós dois.

Você já reparou que, desde o nascimento, o mundo não saiu da frente? E temos fortes indícios de que, até o final da vida, esse mesmo mundo permanecerá aí onde sempre esteve, bem na sua frente.

A vida, toda ela, é vivida no mundo.

– O mundo é o seu lugar.

– Sem dúvida. Mas não só. O mundo não é só o lugar onde vivemos.

– Por que não?

– Sua tia Elvira pergunta pelo pedaço de goiabada que sobrou do café da manhã. E alguém responde que está em cima da mesa da copa. Trata-se aqui da posição ocupada pela iguaria.

– Sem dúvida.

Mas quando dizemos que a vida é vivida no mundo, vamos além de uma posição.

Em primeiro lugar, porque o mundo aqui não é o planeta Terra. Está mais para o universo todo. E dizer que a vida é vivida no universo todo não ajuda em nada a situar o vivente.

Em segundo lugar, e aqui está o mais importante, viver no mundo não é só situar-se nele, mas também interagir com ele, relacionar-se com ele. O que significa, de um lado, ser por ele afetado a cada instante. E, de outro, também afetá-lo a cada instante.

De tal modo que nessa relação somos transformados pelo mundo ao longo de toda a vida. Caso você não se dê conta, é porque é ruim de se dar conta.

O mundo, tipo o vento e suas impurezas, vão estragando a pele do seu rosto. Para a alegria dos produtores de cosméticos. A cadeira te cutuca por baixo e te danifica as costas. Ganha-pão dos fisioterapeutas. O chão reage ao seu pisar. Daí os solados anatômicos. Tudo que você ingere aciona os órgãos da digestão. O que não for evacuado será incorporado.

Não há como ficar imune.

Por isso mesmo, um dos elementos materiais mais importantes da vida são os encontros e relações que cada um de nós, viventes, vai mantendo com os diversos pedaços de mundo que vão aparecendo pela frente.

Ora. Se a vida requer encontros e relações, para todo vivente humano, conhecer-se a si mesmo resolve só uma parte do problema.

– Claro. Ainda falta conhecer o tal do mundo!

– Exatamente.

Para entender o que vai acontecendo ao longo da vida, talvez seja preciso dar conta dos dois: conhecer-se a si mesmo e conhecer o mundo que esse “si mesmo” não para de encontrar. Em outras palavras, conhecendo-se e conhecendo o mundo, o vivente dispõe do que precisa para atribuir sentido ao que lhe acontece.

Como estamos sempre em relação, conhecer-se a si mesmo implica conhecer ou entender o que vai acontecendo consigo mesmo no mundo.

* * *

Aí você se pergunta:

– Mas o que há para conhecer em mim mesmo?

Pois é. Essa é a pergunta mais difícil. Acho que vamos ter que atirar para todo lado.

– Como assim?

– Você tem corpo. Que se movimenta. Que age nas mais diversas situações. Mas você também encadeia palavras, articula pensamentos, produz ideias, pensa. Finalmente, você percebe o mundo. Tem experiências. Sensações que delas decorrem, emoções, afetos. Viu?

– Quando você disse atirar para todo lado referia-se a tudo que pode fazer parte de cada um de nós.

Pois é. Como na história do pensamento a essência do ser humano é muito controversa, não há certezas sobre o que precisaríamos conhecer em nós mesmos para nos conhecer de verdade.

– Entendi. Você tem razão. Melhor se garantir.

* * *

Você é dotado de uma certa natureza. Constituída por células, tecidos, órgãos etc. Para alguns pensadores importantes, isso é tudo. Todos os atributos, faculdades e competências de um ser vivo se realizariam a partir dessa natureza orgânica.

Já para outros, não é bem assim. Haveria em você algo mais do que células, que alguns chamam de alma. Caberia a essa última sentir, desejar e, sobretudo, pensar.

Por enquanto, isso não nos importa.

* * *

O certo é que você não é idêntico a nada nem a ninguém mais. Portanto, a natureza que te constitui não é a mesma de nenhum outro vivente. Tudo de orgânico que agora te confere materialidade não pode estar ao mesmo tempo em nenhum outro corpo.

Essa natureza individual e específica lhe permite certas habilidades na hora de agir. Torna você mais apto a certas ações do que a outras.

Hoje essa natureza é questão de genética, de cromossomos, de genoma. Mas, mesmo com todos os genes a postos, ainda é preciso viver. Traduzir em competência. Converter em desempenho. Fazer acontecer na vida vivida.

* * *

Já percebeu a facilidade com que Lionel Messi mantém a bola colada ao seu pé, passa pelos adversários e a chuta, de modo a endereçá-la exatamente para onde ele quer?

Muito desse desempenho resulta de treinamento. Com certeza. Mas não só. Quando Messi era um menino, já fazia chover nas peladas em Rosário. Tanto que o Barcelona foi buscá-lo. Tímido, introvertido, calado e taciturno.

A natureza lhe deu atributos que, submetidos a muita repetição e treinamento, lhe facultam esse extraordinário resultado prático. Tão aplaudido mundo afora, e que vale tanto dinheiro. Essa competência – que atualiza a cada partida uma potência natural – participa do seu eu. Esse "eu mesmo" que o jogador é intimado a conhecer.

* * *

Sêneca, um grande pensador romano, foi legislador, juiz consulto e professor. Ele estava convencido de uma coisa. Cada um de nós recebe uma natureza. E essa natureza sempre tem algo de muito especial, muito particular, muito valioso.

Para facilitar a sua compreensão, vamos nos permitir chamar esse pequeno tesouro de talento.

O talento de cada um permite identificar o seu dono perante outras naturezas, outros entes, outros corpos, outras pessoas. É o eu mais profundo. Mais enraizado. Mais genuíno.

Esse "eu" vai para a vida. Encontra o mundo e se relaciona com ele. Afeta e é por ele afetado. Vai sendo trabalhado, esculpido, moldado e aperfeiçoado ao longo dos encontros.

Como qualquer semente, ela germina em terreno que lhe é adequado.

Imagine o arroz. Não surge do nada no saco do supermercado. Arroz é planta. Que requer um terreno muito particular para ir adiante. Quase só água. Qualquer coisa mais seca e a vida do arroz fracassa. Ele não alcança o seu esplendor.

Em compensação, você sabe, há também muitas sementes que, se tiver muita água, não vingam. Algumas precisam de areia, de secura.

* * *

Se no mundo das plantas cada semente tem a sua preferência, no nosso mundo, a semente de cada um de nós poderá se dar bem num terreno e não em outro.

César Cielo, por exemplo.

Poderia nunca ter se dedicado à natação. Nesse caso, não teria descoberto essa extraordinária habilidade que é sua. Mas na hora em que descobriu, passou a conhecer mais sobre si mesmo. Plantou a vida no lugar

da pujança. E, dentro da piscina, em Santa Bárbara d'Oeste, viu a sua planta florescer e frutificar.

Outro exemplo é João Carlos.

Menino ainda, percebeu que quando ouvia música tudo fazia sentido. Rapidamente, se deu conta de que sua natureza lhe facultava algumas habilidades de audição, de afinação, de sonoridade. Decidiu então plantar sua semente em estudos de música. Tornou-se maestro. Orgulho do nosso país.

Cielo e João Carlos primeiro sacaram qual era a praia deles, seus talentos específicos. E, depois, cada qual apostou em si mesmo. E pra valer.

Isso nem sempre acontece.

Muita gente sabe bem qual é a própria praia, identifica rápido o próprio talento, mas por comodidade, preguiça ou mesmo covardia, acaba vivendo sem explorá-lo. Virando as costas para a própria natureza. Comunicando ser quem não é. Falseando a própria existência. Comprometendo sua autenticidade.

E você pergunta:

– E por que alguém decidiria viver de costas para si mesmo?

Porque não vivemos sós. Porque a sociedade tem seus valores. Premia e castiga. Endeusa e despreza. Concede holofotes e trevas. E nem sempre o seu talento está alinhado ao que a sociedade, da qual você faz parte, considera de maior valor. E, nesse caso, não faltarão palpiteiros, por vezes usando instrumentos eficazes de persuasão, para direcionar sua vida ao que é mais rentável, legítimo, aplaudido e saudado. Não raro, com a melhor das intenções.

Um exemplo sempre ajuda.

Tito Pompônio é amigo de Cícero. Tem um talento que lhe permite correr com uma colher na boca e um ovo cru na ponta. Com uma maestria única na história. Ele descobriu isso desde cedo nas gincanas da escola.

O problema é que ninguém aplaude muito quem se desloca em alta velocidade carregando um ovo numa colher segura pela boca. Não há campeonatos internacionais da modalidade. Tampouco prêmios milionários aos mais talentosos. Nenhum patrocinador investe num atleta com essa habilidade.

Só mesmo Cícero para se encantar com a sua maestria.

– Mas isso é muito injusto.

Eu também acho. Afinal, por que tanto dinheiro para quem encaçapa bolas brancas com tacos e luvas em campos gramados, arremessa dardos em alvos pregados na parede e nada para quem leva ovo na colher com a boca? O que há de tão inferior nessa última atividade em face das anteriores?

Você tem habilidades pelas quais o pessoal está disposto a pagar fortunas e outras que valem muito pouco. Nesse caso, é compreensível que algumas pessoas passem a viver fora da sua praia. No exercício de atividades sugeridas pelos outros. Abrindo mão da sua natureza mais profunda. Das suas habilidades mais genuínas. Do seu talento.

Por isso, na hora de pensar em projeto de vida, não custa lembrar.

Conhecer-se a si mesmo não basta. É preciso ter a coragem de apostar na própria natureza. Botar a vida como homenagem à sua própria essência. Aí, sim, você viverá uma vida autêntica.

E por aqui ficamos. Para tomar fôlego. Na próxima tem mais.

AULA 8

Píton, Pitonisa e Pitel

– Conhece-te a ti mesmo e conhecerás todo o universo. E, de quebra, também os deuses. Porque se o que procuras não achares primeiro dentro de ti mesmo, não acharás em lugar algum.

Era essa a frase que todos os visitantes encontravam na entrada do Oráculo de Delfos.

Delfos era uma cidade. Situada na região central da Grécia.

Esse oráculo era, na verdade, um templo. Um oratório. Local de oração. Construído em homenagem ao deus Apolo. Deus da luz, da música, das profecias e da verdade.

Peregrinos, vindos de todas as partes, dirigiam-se ao Oráculo de Delfos para consultar as suas pitonisas. Eram sacerdotisas que regularmente faziam ali suas profecias.

Não se tratava de ir pedir alguma graça, como é comum nas peregrinações de hoje. O que o peregrino que visitava o oráculo queria mesmo era saber como seria o amanhã. Qual seria o seu destino. O que lhe reservavam os dias por viver.

Portanto, embora estivessem num templo, o serviço oferecido estava mais para bola de cristal, jogo de búzios, cartomantes e borra de café do que para a prece.

Interessavam-se também, esses peregrinos, pelo destino da cidade. Os gregos pareciam ser cidadãos mais preocupados e concernidos com as coisas de suas *polis* do que nós.

* * *

Ah. Mais uma observação.

Nos livros e vídeos que contam a história dos pensadores e seus pensamentos, muitos autores, em vez de afirmar "a pitonisa do oráculo disse isso ou aquilo", escrevem ou dizem, de forma simplificada, que "o oráculo respondeu ou profetizou isso ou aquilo".

Dessa forma, além de querer dizer um templo, a palavra oráculo passou a significar também a pessoa que ali fazia suas profecias em nome de Apolo.

* * *

Mitos bem antigos nos contam a origem do Oráculo de Delfos. A narrativa é belíssima. Peço licença ao querido aluno que acompanha esta aula para um dedinho de prosa fina e um fiapo de imaginação bem colorida.

Zeus, o maior dos deuses, queria medir com exatidão o centro do mundo. Para tanto, ordenou que duas águias fossem soltas a partir dos extremos da Terra. No exato ponto em que os voos se cruzassem, ou melhor, na terra bem embaixo de onde as águias se encontrassem, Zeus marcaria a posição do "umbigo do mundo".

Assim se fez. E no preciso ponto do solo onde os voos das águias se cruzaram havia uma pedra. Bem próximo de um monte, o Parnaso.

Zeus então comunicou a todos que ali daria plantão, atendendo aos que quisessem se consultar ou mesmo rezar.

Acontece que aquela região era habitada por uma gigantesca cobra, muito conhecida, que também tinha jeito de dragão. A Píton.

Píton era mesmo um monstro.

Pois é. Nada a ver com pitéu ou pitel. Que na gíria luso-brasileira quer dizer um corpo feminino ou masculino bastante apetecível.

Se, ao ouvir ou ler o nome de Píton, você lembrou das pitonisas do oráculo, é porque está atento. Muito bem.

Ainda hoje há cobras píton na Ásia e na África. E elas continuam causando temor. Parece que matam suas presas por asfixia. Espremendo-as. Esmagando-as. E, só depois, dedicam-se a degustá-las.

O fato é que a tal da Píton – a primeira, a original, a personagem do mito – não deixava ninguém se aproximar do tal umbigo do mundo. Ela apavorava pesado por aquelas paradas.

Era uma legítima representante das forças do Caos.

Aquelas mesmas, derrotadas por Zeus na grande guerra entre a primeira geração dos deuses, os titãs, comandados por Cronos, e a segunda geração, liderada por Zeus.

As narrativas mitológicas dão conta das inúmeras tentativas dos deuses da primeira geração, ligados ao Caos (que também era um deus), para retomar o controle sobre o mundo, perturbando a ordem cósmica estabelecida por Zeus. Píton representava justamente uma afronta e uma ameaça a essa ordem.

É nesse momento que o deus Apolo entra na jogada. Integrante do primeiro escalão do time de Zeus, galã do Olimpo, defensor maior da harmonia do Cosmos.

Como era de se esperar, ele se oferece para enfrentar Píton.

Ao cabo de espetacular batalha, Apolo derrota a flechadas sua temível contendora. E enterra seus restos mortais ali mesmo. Exatamente nesse lugar, será erguido o templo em homenagem ao deus vitorioso. Esse templo é justamente o oráculo de que estamos falando.

Bem. Agora chega de histórias fascinantes. Afinal, nosso tema é projeto de vida.

* * *

O Oráculo de Delfos é citado mundo afora até hoje porque um amigo de infância de Sócrates chamado Querofonte fez uma visita ao templo e ousou perguntar a uma pitonisa se havia em Atenas alguém mais sábio do que o mestre de Platão.

A pitonisa, então, lhe respondeu, sem meias palavras, que Sócrates era o homem mais sábio de Atenas. O que, para nós, correspondia ao mais sábio entre os homens.

Sócrates, informado pelo amigo da resposta que recebera no oráculo, se perguntou:

– Como posso ser eu o mais sábio se não sei nada?

A pergunta se impunha porque a pitonisa respondia em nome de Apolo, um deus. E os deuses não costumam se enganar.

Para conseguir entender o que a pitonisa quis dizer, Sócrates procurou conversar com muitos concidadãos atenienses que se julgavam sábios. E, após essas conversas, ele finalmente compreendeu o que a pitonisa queria dizer com aquela afirmação, aparentemente sem sentido.

– Captei, captei a vossa mensagem, ó grande e enigmático Apolo!

Quem sabe que nada sabe, sabe ao menos uma coisa. Exatamente isto: que nada sabe. E saber que nada sabe já é saber um montão. Trata-se do primeiro e mais decisivo passo para um saber maior.

Ter certeza de nada saber é como finalmente achar o interruptor de luz no interior de um porão escuro, onde se perdeu um tesouro.

A consciência da própria ignorância é tão importante que bastou para fazer de Sócrates o mais sábio entre todos os homens.

E os outros?

Bem. Os outros acham que sabem. Sobretudo os sabichões, que acreditam saber de tudo. Todos eles não sabem que não sabem. São ignorantes da própria ignorância. Portanto, são, de longe, menos sábios do que Sócrates.

* * *

Conhecer a si mesmo é um desafio gigantesco. Um abacaxi para descascar, como diria o meu pai.

Você, que está me ouvindo ou lendo, já se perguntou o que pode significar exatamente essa história de conhecer-se a si mesmo?

Só conseguiremos saber a que se refere a inscrição no templo, tão citada na história do nosso pensamento ocidental, se soubermos o que em cada um de nós corresponderia a esse “si mesmo”.

Por exemplo.

Eu sei que tenho dois olhos, um nariz com duas narinas e uma boca. É um conhecimento sobre mim mesmo. Sem dúvida. Mas será disso que a inscrição no templo está falando?

Segundo exemplo.

Eu sei que enxergo muito pouco. Quase nada. Também é um conhecimento sobre mim mesmo. Mas esse conhecimento tem um objeto um pouco diferente do exemplo anterior, concorda?

Você diz que sim. Que é diferente.

– Mas onde está a diferença?

E você responde:

– Ter dois olhos, nariz e boca é o que quase todo mundo tem. Corresponde, portanto, a um padrão. Ao passo que enxergar muito pouco ou quase nada é um conhecimento de algo muito mais particular.

Não há dúvida.

Terceiro exemplo.

Eu sei que quando como frutos do mar, a taxa de ácido úrico no sangue aumenta muito e eu tenho crises de gota, que são muito dolorosas.

– É um conhecimento sobre mim mesmo?

– Claro que é.

– Será a esse tipo de conhecimento que o oráculo se refere?

– Acho que não.

– Por quê?

– Acho que o conhecimento sugerido pelo oráculo refere-se a coisas mais profundas. Não creio que uma frase tão importante para a história do pensamento tenha a ver com coisas tão circunstanciais como um prato de camarão e uma crise de gota.

– Você se refere a algo que nos seja, digamos, mais essencial?

– Exatamente.

– Mas o quê?

– Aquilo que diz respeito apenas a cada um de nós. Sem o que não seríamos o que somos.

– Eu insisto, querido aluno. O quê? Dê um exemplo.

– Não sei dar um exemplo.

– Vamos juntos, então. Se perdermos o cabelo, continuaremos sendo quem somos?

– Claro.

– Um braço ou uma perna?

– Claro.

– Um dos rins?

– Sem dúvida.

– Então o nosso "si mesmo" não estava nem nos cabelos, nem nos braços ou pernas, nem no rim.

– Certamente que não.

– Se formos pensar como os gregos, já sabemos que somos uma parte de um todo ordenado chamado Cosmos.

– Sim, sabemos.

– Que temos um papel ou uma função nesse todo, que os gregos denominavam *ergon*.

– Exatamente.

– Que somos perfeitos pela própria natureza para realizar essa função.

– Sim, tudo isso já sabemos.

– Que há na nossa natureza o que nos seja específico e o que é comum a todos os homens e mulheres.

– Isso mesmo.

– Que a nossa natureza é o único manual de instrução que temos, sempre pensando como os gregos, para descobrir qual o nosso papel e o nosso lugar nesse Cosmos.

– Perfeitamente.

– Não seria essa nossa natureza, específica e comum aos demais humanos, o tal do "si mesmo" que mandam conhecer?

– Entendo. Daí a importância que os gregos atribuíam a esse conhecimento. Só ele permitiria a justa integração no universo cósmico.

– Muito bem. Estou orgulhoso de você agora.

– Pois é. Mas e agora, que já sabemos que os gregos estavam equivocados? Que o universo é infinito? E que não temos um lugar cativo no seu interior?

– Nada impede que continuemos buscando algo que nos seja, por assim dizer, essencial.

– Eu também acho.

Senão, imagine só! Você, ao sair de casa, se despede da galera. E, no fim do dia, retorna ao lar. Se só houvesse impermanência, teria que se reapresentar a cada dia. Talvez, a cada instante.

– Certamente iam te tomar por doido. Para que possamos interagir, continuamos precisando de algum "si mesmo" que resista à mudança. Nem que ele resulte de uma convenção, de um acordo.

– Como assim? Não entendi!

* * *

Em algum momento da vida, eu me encontrava numa solteirice muito solitária. Um momento de entressafra afetiva. Entre uma desilusão e uma nova ilusão amorosa. Estava mesmo na fossa e fui tomar um iogurte desnatado em um bar no bairro da Vila Madalena, em São Paulo.

Eis que, do nada, senta-se à minha frente uma jovem apetecível.

Essa coisa de sedução amorosa nunca foi o meu forte. Desde adolescente, só coleciono fracassos. Tenho uma verdadeira sala de troféus de recusas, repúdios e desagravos amorosos.

Voltando à jovem.

– Posso me sentar?

– Pode.

Percebi, como costuma acontecer, que ela queria saber quem eu era.

Então pensei: "O que será que eu digo para explicar quem eu sou?". Ocorreu-me dizer: "Sou um ser em transformação atômico-celular". Não seria mentira.

Mas tive a impressão de que a moça se assustaria com a resposta e partiria, abandonando-me sumariamente. Bem, eu não me encontrava em condições de perder companhia alguma, fosse de quem fosse. Ainda mais aquela, tão agradável aos olhos.

Precisava dizer alguma coisa mais previsível e menos chocante.

Então, resolvi dizer outro tipo de verdade.

– Eu sou professor.

Ela meneou a cabeça, abriu suavemente os olhos, e não se levantou. Vitória no primeiro *round*.

– Professor?

Claro que podia ser menos mixo. Algo com mais glamour. Mais bem pago. Mais reconhecido. Mais aplaudido. Mas aquilo era o que sempre tivemos para todos os momentos. Desde o primeiro contracheque.

O fato é que ser professor bastou para mais uma pergunta. O gongo do segundo *round* tinha soado sem apanhar muito.

– Dá aula do quê?

– Dou aula de... coisas da vida. O pessoal às vezes chama de filosofia, às vezes de ética. O que eu ensino são os valores. Isto é, tudo que realmente vale, que realmente importa. É o que na vida compensa as dores e mazelas do viver.

A aparente singeleza impressa no discurso disfarçou com isca graúda um anzolzinho de sedução.

– Que legal! Onde você dá aula?

Já era a terceira pergunta. Na minha trajetória, a conversa já batera todos os recordes.

– Dou aula aqui, ali, acolá.

Foi quando ela virou para mim e disse:

– Nossa, adorei te conhecer. A gente podia se ver outra vez.

Eu entendi que o terceiro e último *round* tinha terminado. E que eu não tinha sido nocauteado. Ela ficara satisfeita.

Então eu pensei:

– O que será que eu disse a meu respeito que tanto a satisfez? Terá sido a profissão? A disciplina que lecionava? O local de trabalho? Isoladamente, essas informações não permitiam ir muito longe a meu respeito.

Qualquer um, ou pelo menos muitas outras pessoas, poderia responder a mesma coisa. Mas a somatória de tudo talvez permitisse vislumbrar um certo "si mesmo", um estilo de viver, uma pista sobre como encaminhei a minha vida.

De fato. Ser professor, lecionar sobre a vida, trabalhar na universidade pública ou na Descomplica são escolhas que eu fiz. Decisões que eu tomei. E essas escolhas não são completamente óbvias.

Lá atrás eu estudei Direito na USP, cinco anos. Mas nunca fui um profissional do direito. Depois estudei Jornalismo na Cásper Líbero. Nunca fui um profissional do jornalismo. E mais tarde ainda estudei Filosofia, também na USP. E nunca fui filósofo.

Veja que interessante, são três formações, mas o meu fazer, a vida escolhida por mim, é uma quarta atividade. E essa atividade é ser professor. Escolhida por mim. E depois, sobre o quê? Poderia ser física, geografia, química orgânica, recursos humanos. Mas a minha escolha incidiu sobre coisas da vida mesmo. Que costumam ser tratadas pela filosofia. Mas não necessariamente.

E onde eu trabalho? Ministrei aulas na universidade pública, foi uma decisão minha. Fui, prestei o concurso e lá fiquei décadas. Aquilo que eu contei para a moça tem a ver com as coisas que eu escolhi para mim.

Quando eu digo: "Eu sou professor", escolhi essa profissão. O que isso quer dizer?

Que as coisas ligadas à docência são importantes para mim.

Quando digo: "Trabalho em tal lugar", é porque os valores desse lugar também valem para mim.

Quando alguém fala sobre si mesmo, sobre a trajetória que percorreu, as escolhas que fez, as decisões que tomou, mesmo sem perceber está comunicando aquilo que de mais precioso considera na hora de viver. De tão precioso, é o que mais vale. Não por acaso, são chamados de valores.

Valores da vida.

* * *

Se quiser, leia este texto de novo, deguste. O conhecimento tem essa possibilidade. De trazer um imenso prazer quando você percebe que pensa melhor.

AULA 9

Os seus olhos são espelhos d'água

Valores da vida.

Um tema muito importante. O mais importante de todos. Reflexão sobre o que há de mais precioso na vida de homens e mulheres. Objeto de estudo e de aprendizado.

E você então pergunta:

Os valores da vida são algo que se possa ensinar?

Se não acreditássemos nisso, provavelmente não traríamos esse tema para o curso. Aquilo que a vida nos reserva de mais precioso pode e deve ser objeto do nosso pensamento. Portanto, processos educativos podem participar decisivamente na identificação, por parte dos educandos, de tudo que no interior da vida tem mais ou menos valor.

Mas não se trata só de um preparo de inteligência, de problematização, de diagnóstico. O trabalho de educadores pode ir muito além. Criando condições de existência e de convivência entre educandos que suponham deliberações e decisões – entre várias possibilidades de conduta – com base nos referidos valores. E que essas decisões possam se objetivar em ações concretas no mundo vivido.

* * *

Esse trabalho integra um imenso propósito educativo de toda civilização, que é o de ensinar a viver.

– Ensinar a viver?

Sim, senhor. Isso mesmo que você ouviu. Ou leu. Ensinar a viver.

– Mas muita gente que não passou por esses processos educativos, como você diz, vivem do mesmo jeito, ou não? Aliás, para ir mais longe, quem nunca passou na porta de uma escola também vive, ou não?

Sim, também vive. Mas, certamente, não do mesmo jeito. Viver, no caso de homens e mulheres, é coisa que se ensina. E, portanto, que se aprende.

– Gostaria que o senhor explicasse melhor essa educação para a vida. Já aprendi muita coisa na escola. Mas nunca percebi uma preocupação específica da escola em me ensinar a viver. Tampouco nos exames, que, ao final do Ensino Médio, permitirão a entrada no curso superior, nunca observei a presença desse tema nos programas de provas.

De fato. Mas o fato de a escola não contemplar em seus currículos e os exames não perguntarem a respeito não muda em nada nossas convicções. Afinal, nem tudo precisa ser como já é. Até porque, como concordará, não vivemos no melhor dos mundos. Tampouco na mais justa e lúcida das sociedades possíveis.

Portanto, seguimos propondo que a formação existencial, isto é, a educação para a vida deveria ser um propósito central por parte dos que trabalham com a educação.

* * *

Antes de mais nada, porque humanos não nascem sabendo. Contam com uma natureza pobre, que não dá conta da existência. Com um instinto precário. Ou, quem sabe, com nenhum instinto.

Por isso mesmo, resta-lhes fazer acontecer a vida de outro modo. Inventando, criando, improvisando, inovando.

Valores da vida precisam ser ensinados.

Você, aluno-leitor, poderia me perguntar:

– Mas esse negócio de valores, isso se aprende na escola?

Talvez não só na escola. Mas também na escola.

Porque a família, por exemplo, chega primeiro, tem mais proximidade, facilidade para ilustrar com suas próprias ações, e compartilha um cenário de experiências infinitamente mais amplo do que a escola. Fatores que lhe dão, em tese, a primazia.

No entanto, entre seus integrantes, nem sempre encontramos os educadores adequados. Embora adultos e com anos de janela nessa arte de viver, nem sempre converteram suas experiências em saber que possa ser ensinado.

Família é questão de sangue ou de adoção. Nos dois casos, a contingência é grande. Em outras palavras, o lugar para onde te levam ao deixar a maternidade ou um orfanato é bastante incerto e imprevisível.

Uma criança pode nascer no lar onde residem pessoas habituadas a pensar, a discutir sobre a vida de homens e mulheres, mas também pode interagir – o que é muito mais provável – em meio a pessoas que vivem a vida sem pensar sobre seus valores maiores.

Desse modo, seria de se supor que na escola houvesse maior preparo para o ensino, a reflexão e a discussão metódica, sistemática e planejada sobre o que é a vida humana e o que ela pode proporcionar de mais precioso aos seus viventes.

* * *

Mas como você mesmo já observou, a escola não dá ao tema a importância que ele merece. Talvez, dê ao tema pouquíssima importância.

Ou, para sermos mais enfáticos, e concordando em definitivo com suas ponderações de instantes atrás, a escola não dá à questão dos valores existenciais importância alguma, ressalvadas honrosas, meritórias e isoladas exceções.

* * *

A título de mera ilustração.

Este curso que estamos fazendo juntos, Projeto de Vida, é inédito em sua trajetória escolar. Eu mesmo lhe asseguro que é a primeira vez, na condição de professor universitário, que sou convidado a elaborar um programa com esse conteúdo.

Foram anos da sua parte estudando literatura, matemática, física, química, geografia, história e muito mais. Correntes literárias, logaritmos e equações trigonométricas, cinemática, ótica e calorimetria, organelas citoplasmáticas e os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas.

Paro por aqui porque a lista não tem fim.

Mas sobre a vida, sobre os valores da vida, sobre o que mais importa na hora de viver, bem, parece que a escola que você e eu frequentamos não deu muita bola para esse tema.

Mas nunca é tarde. Vamos falar aqui de autoconhecimento, que é o que importa neste momento.

* * *

Valores da vida também são de cada um. Precisam ser descobertos. Decantam nas experiências que o vivente faz no mundo. Porque a vida é vivida, do começo ao fim, em relação com algum mundo.

Talvez por isso mesmo, na hora de se conhecer, muitos digam que o mundo é um espelho para nós.

– Nossa. Que afirmação curiosa! Quem disse isso?

Assim, de cara, vou lembrar de Espinosa, no século XVII. De Nietzsche, no século XIX. E de Freud, no século XX. Todos falaram de espelho.

– E o que será que isso significa?

Vamos pensar juntos. Pego você pela mão e vamos sair de onde você está.

Tem espelho no seu banheiro, não tem? Já percebeu que ele te permite ver o que você, sem ele, não conseguiria ver?

– O que, por exemplo?

Os próprios olhos. Como ver os olhos que veem? Como os olhos poderiam ver eles mesmos?

Vemos com facilidade os olhos dos outros. Se não houvesse espelho, teríamos que nos limitar a uma suposição. Se o outro é como eu e tem olhos como esses, suponho que os tenha também.

Aliás, os olhos dos outros são como espelhos. Espelhos d'água. Permitem ver os próprios olhos.

Permitem também que constatemos, em nós mesmos, o nosso encantamento pelos lindos olhos de quem nos olha. Olhos de mulher moura.

Olhos denunciam o amor. Descobrem o enamorado. Como os olhos da professora Clotilde. Que anunciam em azul e verde o amor que por ela sente o inesquecível Sassá Mutema.

Mas isso são os olhos dos outros.

Todo espelho mostra você para você mesmo. O do banheiro. O lago. Os olhos.

E se você tiver dois espelhos, como acontece no barbeiro ou no cabeleireiro, conseguirá ver a sua nuca. O espelho mostra o que só ele permite ver.

Com um espelho, eu consigo ver muita coisa a meu respeito. Portanto, ele me ajuda a me conhecer melhor. Graças ao espelho, tenho uma ideia do que os outros veem quando olham para mim.

* * *

Até aqui é tudo bastante óbvio, não?

Então, agora vamos ao mundo. Afinal, começamos dizendo que o mundo era um espelho. E essa afirmação é bem menos óbvia do que as considerações feitas a respeito do espelho do seu banheiro.

– Mas, como assim? A que mundo você se refere?

Não se trata de um mundo planetário. Como a Terra. E sim do pequeno mundo que você encontra por aí. Constituído de corpos que não se confundem com o seu. Esses que você flagra a todo instante virando a

cabeça de um lado para o outro. Que você percebe pela visão, pelo tato, pelo olfato, pelo paladar e pela audição.

- O.k. Entendido. Mas de que forma esses mundos percebidos podem ser um espelho para mim?

Lembre-se do espelho do banheiro. Os mundos percebidos são um espelho pela mesma razão.

– Juro que não consigo entender.

Esses mundos – tal como o espelho do banheiro – permitem que você observe coisas sobre você que sem eles não poderia observar.

– Nossa. Isso está ficando cada vez mais intrigante. Eu saio de casa, encontro uma árvore e, na sequência, uma banca de jornal, e esses dois mundos mostram coisas sobre mim para mim mesmo. Preciso que você fale mais a respeito. Agora eu quero entender isso direitinho.

Dizem por aí que tenho algum talento para desatar nós de entendimento. Então, pode confiar em mim.

* * *

Nada melhor do que um exemplo. E para que fique tudo bem claro, proponho logo três de uma vez.

Eu me lembro que meu pai lia para mim toda noite, antes de dormir. Sobretudo quando eu ficava doente. O que era muito frequente. E lia literatura mesmo. Claro que ele dava preferência aos livros da escola.

Aliás, eu tenho esse sonho. Um dia vou ter um programa de rádio, no qual vou ler para as pessoas, para elas pegarem no sono. Ler e explicar. Meu pai fazia isso com maestria. E eu adorava quando ele lia para mim.

– Bom, e onde entra o espelho nessa leitura que seu pai fazia? – você pergunta, meio impaciente.

As histórias que ele lia para mim me permitiam conhecer coisas a meu respeito que eu jamais poderia saber sem aquela leitura.

– O que, por exemplo?

Pra começo de conversa, que eu adorava aquela história. E que eu adorava que fosse meu pai a ler aquela história para mim. E que eu adorava as outras histórias também. Que eu era louco por literatura. E por quem gosta de literatura.

Quanta coisa eu descobri sobre mim – sobre as coisas que eu adoro – porque meu pai leu aquela história naquela noite. Se ele não a tivesse lido, eu não as teria descoberto. Pelo menos não naquele momento.

Acho que está ficando mais claro para você.

Enquanto o espelho do banheiro te mostra como é o seu nariz, se seus dentes estão limpos ou se o seu cabelo está penteado, a história lida pelo meu pai era um espelho que mostrava outras coisas sobre mim, meu encantamento, meu amor, meu desejo, minhas sensações.

Meu pai era um espelho.

* * *

Quer ver mais um exemplo? Vamos lá.

Natália do Vale. Ela é atriz. Há muito tempo. Trabalhou num montão de novelas. Quando eu era criança, ela já era um talento consagrado. Desde então, ela continua deslumbrante.

Natália do Vale sempre foi um lindo espelho para mim.

Toda vez que ela aparece, ela esfrega na minha cara que eu sou alguém que se encanta diante de uma pessoa como ela. Se ela não existisse, eu não poderia saber isso sobre mim.

Você sabe de quem eu estou falando? É uma mulher que hoje deve ter 68 anos. E se não estiver equivocado, estudou Filosofia lá na USP, como eu. Por exemplo, na novela *Mulheres apaixonadas*, ela fez a personagem Silvia, infeliz no casamento e amante do namorado da sua empregada.

Você já reparou no seu sorriso? Natália do Vale, quando aparece, produz em mim um efeito que só eu sei. Gostaria muito de um dia conhecê-la pessoalmente.

Tal como no caso da leitura, a atriz é um espelho porque me conta coisas sobre mim que sem ela eu não poderia saber.

Se o espelho do banheiro me informa que nasceu uma espinha na minha testa, a atriz me informa sobre sorrisos que para mim são um arraso.

Se eu nunca tivesse visto seu sorriso, não saberia quanto me deixo deslumbrar por um mundo assim.

Natália do Vale é um espelho.

* * *

Terceiro exemplo.

Estou aqui falando – ou escrevendo – e você está aí, do outro lado, me vendo, me ouvindo ou lendo. Você pode estar encantado pelo que eu estou contando. Pode estar achando muito interessante. Fascinante até.

Ou, pelo contrário. Estar profundamente desagradado. Afetado pelo tédio. De saco cheio mesmo. E achar tudo isso uma xaropada sem tamanho.

Sou um espelho que, para diferentes ouvintes e leitores, mostra quem cada um é – ou sente – ante esse discurso.

Evelyn, a embaixadora da Tijuca, me ouve ou me lê. Ela presta muita atenção no que estou falando ou escrevendo. Ela vai costurando tudo que ouve ou lê com as suas experiências de vida. Com seus saberes. Com seu repertório.

E ela tem a agradável sensação de pensar um pouco melhor.

Então, Evelyn gosta de me ouvir ou ler o que eu escrevo. Nesse caso, eu sou um espelho para ela. Porque se eu não estivesse aqui falando, se ela não estivesse aqui me ouvindo, ela não poderia saber quanto gosta de refletir sobre a própria vida.

Evelyn é alguém que, diante de um discurso filosófico, se encanta, se interessa. Eis a descoberta que eu, como seu espelho, permito que ela faça sobre si mesma.

Eu sou um espelho. Espelho que Evelyn leva na bolsa. Espelho em forma de celular. Por onde Evelyn assiste às aulas na hora que quer.

* * *

Mas saiba que o imaginário também é espelho. Aprendemos muito sobre nós mesmos a partir do que nos vem à cabeça e do que sentimos graças à nossa imaginação.

No meio desse imaginário, destaco a memória. Cacoete de velho esse apego pelo passado. Um belíssimo espelho para mim é observar o que resgato do já vivido, e como me sinto por causa disso.

* * *

Antes de partir, proponho uma viagem. Dessas de pensamento. Bem estranhas. De que não esqueceremos mais.

Imagine se as coisas não fossem do jeito que você pensa que são.

– Em que sentido?

Você tem certeza de que as coisas do mundo são o que são independentemente de você estar ali para observá-las, certo?

– Melhor você dar um exemplo. É mais seguro.

Você tem certeza de que quando sai de casa, a mesa de jantar, as cadeiras, o sofá, a cama continuam ali exatamente como estariam se você estivesse dentro de casa olhando para elas.

– Claro que sim.

E se eu te dissesse que pode não ser bem assim?

– E seria como, então?

Eu vou explicar como seria. E não pense que enlouqueci.

Falamos da mesa de jantar, das cadeiras, do sofá, da cama. Você ainda está em casa, e elas estão como sempre estiveram. Daquele jeito.

Você então sai de casa. Fecha a porta da rua. Tranca direitinho e vai para o trabalho. Pois bem. Nesse momento, em que você já não está mais de olho naqueles móveis da sua casa, eles deixam de ser como são.

Imagine só. É como se esses móveis se arrumassem só para você. Ficassem perfilados. Mais ou menos como fazem as crianças quando os pais estão olhando. E quando eles saem de casa, essas mesmas crianças se comportam de modo muito diferente.

Já parou para pensar nessa possibilidade? Quando você não está mais olhando, tudo muda de aparência, como se aliviado pela sua partida, sem medo de ser repreendido?

– Eu diria que você, professor, andou exagerando no vinho do Porto.

Talvez. Mas estou só te contando o que outros propuseram com a máxima seriedade. Para uns, como o filósofo Berkeley, não haveria mundo do lado de fora, como você sempre pensou. Esse mundo que você acha que encontra já está em você. Como se fosse um vídeo. Uma percepção, mas sem mundo exterior a perceber.

– Como no filme *Matrix*?

Mais ou menos como no filme.

– Nesse caso, esse filme percebido me ensinaria coisas a meu respeito mais do que qualquer outro espelho. Porque agora não seria pelo que acontece comigo, pelo que eu sinto, diante de uma realidade exterior a mim. O que eu percebo seria eu mesmo.

Você entendeu perfeitamente.

– Entendi que é melhor irmos descansar. Porque já estamos passando do ponto. A sanidade exige repouso.

Pois eu termino esta aula te dizendo que na física quântica eles, os físicos, supõem que quando você olha para o mundo – esse mundo agora é exterior a quem olha –, as partículas mais fundamentais que o constituem, os quarks, entre outras, passam a "se comportar" diferentemente. Só porque você está olhando.

E veja bem. Não se trata de um devaneio de quem não tem o que fazer. É pesquisa séria de laboratório. Aliás, das mais avançadas que há.

Mas vamos ficando por aqui. Afinal, todo projeto de vida deve mesmo integrar um bom tempo de repouso.

Até a próxima.

AULA 10

Uma estrela qualquer

Temos hoje mais uma oportunidade de refletir sobre a vida. A nossa vida. A de cada um de nós.

Assunto mais lindo não há. Uma pena que grande parte dos humanos não dê muita bola para as questões propriamente existenciais.

Talvez porque seja perfeitamente possível continuar vivo sem pensar muito, ou em profundidade, sobre de onde viemos, para onde vamos, quais os propósitos mais elevados, o que nos confere dignidade etc.

Digo pensar em profundidade porque, claro, no dia a dia todos temos que evitar o pior e, se der, conseguir algo de bom. E, para isso, no contadinho dos encontros pobres, vamos calculando custos e benefícios para não nos darmos francamente mal.

– Deixa eu correr, porque estou atrasado e acabo perdendo o ônibus.

Ora, isso também é pensar para viver. Como não!

Cálculos de pequena monta. Estratégias de guarda-roupa. Afinal, deu uma esfriada e não posso me resfriar. Do mesmo modo, análises envolvendo iguarias, calorias, espelhos e balanças. Viu só? Como não é tão rudimentar a tal vida do dia a dia? Equação com quatro variáveis. Distrações de quem tenta empurrar com a barriga distraindo o enfado.

Alguns poucos que se esforçam para entender por que existimos, por que há viventes, qual nossa especificidade em face dos demais – que vivendo vida finita como nós, também deixarão de existir. Entender também se há e qual seria a vida boa para os mortais.

Mas esses, quase sempre, têm vibe estranha e papo esquisito. Por isso, são chacoteados, vítimas de desdém e exclusão. Terão, portanto, que superar a torcida adversária e seus palpiteiros. Esses últimos, autênticos

sentinelas da caverna de Platão, estão sempre vigilantes, para que ninguém escape em busca de alguma sabedoria.

Os mais astuciosos evitam enfrentamento explícito, apelando para a camaradagem e argumentos suaves.

– Relaxa. Não esquenta. Desencana. Liga o foda-se. Dorme um pouco que amanhã é outro dia. Por que você não arranja alguma coisa pra fazer? Você precisa se distrair um pouco!

A campanha é grande para você não resistir à correnteza.

E, se caso conseguirem vencer resistência tão eficaz, que não se atrevam a retornar para trazer boas-novas sobre novas possibilidades de viver. Dessas que obriguem a todos algum tipo de sacrifício, superação ou resiliência. Afinal, estamos muito bem assim como estamos: juntos, amarrados, nas trevas e comprando tudo que nos mandam.

No mesmo sentido é a recomendação de muitos poetas. Do pagode ao rock.

– *"Deixa a vida me levar, vida leva eu."*

E quer saber?

– *"Vou deixar a vida me levar, para onde ela quiser. Seguir a direção de uma estrela qualquer."*

* * *

Mas o que significa exatamente "deixar a vida me levar"? O que quererão dizer com isso?

– Lá vem você de novo, fuçar em alguma coisa cujo sentido é bastante claro.

Fico muito feliz que esteja tudo assim tão claro para você, querido aluno-leitor. Eu, que tenho mais dificuldade, preciso ir passo a passo. Se você vier comigo, quem sabe não me ajuda.

– Está bem. Mas eu insisto. O que esses cantores estão dizendo me parece de entendimento imediato.

Vamos ver. O que é mesmo que eles cantam?

– Deixa a vida me levar e vou deixar a vida me levar.

Muito bem.

* * *

Veja se você está de acordo com o que vou dizer.

Uma pessoa que passa horas pensando para tomar uma decisão muito difícil, com consequências importantes para a própria trajetória – atribuindo valor a escolhas, definidas a partir de diferentes critérios –, está deixando a vida fazer o seu trabalho.

Ou não está?

Afinal, a inteligência que mobilizamos para tomar decisões, a implementação da chamada razão prática, é um precioso recurso vital. Dele dispomos para discernir aonde queremos chegar, quais os caminhos que podem nos levar a esse destino, quais as ações ou estratégias vetadas pela nossa consciência moral ou eticamente desautorizadas pelo grupo que integramos.

– Estou de acordo. Quem pensa para decidir o caminho que vai tomar está em plena atividade de vida.

Ótimo. E veja. Podemos ir além. Ao menos é essa a recomendação de pensadores monumentais como Sócrates.

– E o que ele dizia?

Que pensar para viver é atividade que se dá em plena vida. Mas não é uma vida como qualquer outra. É a única que tem indiscutível valor. Que uma vida não pensada não vale muita coisa.

– Bem, mas nós, que estamos a anos-luz da sabedoria de Sócrates, podemos deixar por menos. Eu já concordei que pensar para decidir é viver. Embora ache que muitas decisões – tomadas ao cabo de longa ponderação – possam ser catastróficas, enquanto muitas vidas nada pensadas sejam maravilhosas.

Ótimo. Estamos nos entendendo no mais essencial.

Toda essa sofisticada competência que temos para deliberar e decidir em situações de grande complexidade objetiva uma extraordinária potência de pensar viabilizada por enorme esforço existencial, por forças de vida e

energias muito consideráveis.

Sendo assim, quem pensa para viver e vive de acordo com o que pensa está, de certo modo, deixando a vida conduzir a própria vida. Você não acha?

– Mas essas duas vidas não são a mesma coisa?

Não são. Uma vida é energia. Anima o vivente e segue viagem. Essa vida, que não abandona o universo, também é a da samambaia e a do sagui. Os gregos a chamavam de *zoé*, de *zoo*, animal.

A outra vida é a nossa. A de cada um de nós. A nossa biografia. Essa é trajetória, é vida individual, de cada vivente. Em grego, *bios*.

– Entendido. Quem pensa para viver e decide seus caminhos está sendo movido por uma vida energia e, portanto, de certo modo, deixando a sua vida *bios* ser levada pela vida *zoé*.

– Exatamente.

* * *

– Porém, não é nada disso que os cantores estão sugerindo.

Não é?

– Claro que não.

Se você tem tanta certeza, diga então o que é.

– Você tem uma estranha mania de sempre ir para o lado oposto. Parece que tem um gosto por identificar primeiro tudo que não tem nada a ver, para só depois concluir o que todo mundo já sabia. Fico imaginando quando você fazia provas na escola. Gastava um tempo enorme exibindo tudo o que não fora solicitado pelo professor, para, só no final, chegar à resposta certa.

Kkkkkkk! Fico encantado com a sua perspicácia. O pior é que sempre foi assim mesmo.

Mas aqui eu realmente ainda não tenho a resposta para a pergunta que nos dispusemos a responder. E como ainda temos bastante tempo, peço licença para ir tateando. É o que resta para quem enxerga pouco com os olhos do rosto e com os olhos da mente.

Retomando a questão da vida.

Estou de acordo com você. Eu também acho que todos aqueles que nos sugerem ou recomendam que deixemos a vida nos levar não estão pensando em razão prática, na própria capacidade de deliberar, na potência e nas forças que nos permitem definir com inteligência os próprios caminhos.

Pelo contrário.

– Exatamente. Muito pelo contrário.

* * *

Sendo assim, a pergunta permanece.

O que pode significar essa recomendação insistente e repetida por tantos para que deixemos a vida nos levar, ou seja, para que entreguemos a nossa vida nas mãos da vida?

Para ir mais direto ao ponto: o que é exatamente essa vida que nos levaria?

Continuemos pensando juntos.

Eu suponho que estejam se referindo a realidades que escapam ao nosso controle. Ao controle de quem vive. Mundos que definem nossos caminhos e, portanto, tudo que nos acontece, sem que tenhamos que deliberar, decidir ou escolher nada.

Essa vida que nos levaria teria como se fosse uma vontade que não se confunde com a nossa. De tal modo que a sabedoria de vida cantada em prosa e verso sugere um alinhamento da nossa vontade a essa outra, à tal da vida que nos levaria e que não podemos controlar.

Veja o que diz a canção. Vou deixar a vida me levar, pra onde ela quiser. Seguir a direção de uma estrela qualquer.

A mensagem é clara. Alinhar a própria vida à direção da estrela. Que aqui simboliza o mundo que nos é exterior. A realidade que a nós se impõe.

Nada disso me parece ter a ver com assumir as rédeas da própria história, estar no comando de si mesmo, deliberar em função de máximas e princípios que sejam hipoteticamente eficazes e categoricamente

aceitáveis.

– Claro que não. Agora estamos chegando mais perto do que os cantores querem dizer.

* * *

Mas será que esse alinhamento da nossa vida ao que lhe é exterior permite uma vida melhor?

– Bem. Eles não disseram isso com todas as letras. Disseram que deixariam que a vida os levasse. Trata-se de um anúncio. Que se limita aos seus próprios casos.

Você tem razão.

Mas, se estão seguindo essa "filosofia de vida", suponho que seja porque acreditam na possibilidade de viver melhor. Afinal, todos buscamos alguma felicidade, você não acha?

– Acho que sim.

Entregaríamos a vida ao acaso. Que decidiria quase tudo. Que surge diante de nós a cada instante. Como uma estrela qualquer. Em forma de fragmento de mundo. Num ritmo que também não controlamos. Ao menos não completamente.

Nessa vida que se vai vivendo, tirando *avanti*, como dizem os italianos, ou empurrando com a barriga, como dizia meu pai, o máximo que se pode pretender é uma adaptação confortável.

O mundo dá as cartas. Os limites, os contornos, as saliências. E o vivente humano vai arredondando, contornando, formatando-se a partir do molde externo, passando a ser na forma menos dolorosa.

* * *

– Se essa adaptação facilitar bons momentos, trouxer algum prazer e permitir, de modo geral, uma vida feliz, eu pergunto: por que não?

Ainda não está claro para mim como é que a estrela, tão distante, direciona a vida de cada um.

– Como assim?

Como é que concretamente um mundo exterior a nós pode nos dirigir, fazer-nos agir desse ou daquele modo, tirar-nos de um caminho e jogar-nos em outro?

Busquemos um exemplo muito simples.

O indivíduo A empurrou o indivíduo B. Este se moveu na direção e no sentido do empurrão. Como, por exemplo, os trilhos do metrô. Fica claro, nesse caso, de que modo o mundo exterior – indivíduo A – determinou o deslocamento do B, com zero de controle da parte desse último sobre o que lhe sucedeu.

Mas, você concordará comigo, quando Zeca Pagodinho ou Samuel Rosa insistem que vão deixar a vida levá-los, não estão pensando nos empurrões que levam no meio da muvuca de fãs no final de um show.

Lancemos mão de um outro exemplo. Uma situação que possa ter mais a ver com o que sugerem os poetas.

* * *

Você foi para a balada com os amigos. O propósito era conversar, beber, se divertir e voltar para casa. Mas lá, entre uma e outra olhadela, você conheceu alguém muito interessante.

– É a estrela qualquer.

Exatamente. Uma estrela qualquer, mas muito apetecível. Ela, então, te convida para ir passar o resto do fim de semana numa casa de praia, distante umas duas horas dali.

– Resta seguir a direção da estrela, dar um tchau pra galera, e simplesmente ir.

Muito bem. Mas veja. Essa estrela não amarrou você. Tampouco foi te empurrando até o carro. Não houve um constrangimento físico irresistível.

– Claro.

Então seguir a direção de uma estrela qualquer requer deixar-se afetar pelo mundo, mas não só.

Implica também e sobretudo traduzir em vida de carne e osso, em passos e movimentos, os desejos, apetites, paixões e inclinações sentidos naquele instante. Em outras palavras: o que nos move não é a estrela, como no caso do empurrão. O que nos move é a paixão pela estrela.

E essa já está em nós.

– Agora você amarrou tudo.

Ora. Você lembra que começamos falando das forças vitais que permitem criteriosa deliberação, decisão e escolha segundo princípios morais e éticos, devidamente sopesados pela razão prática?

– Lembro.

Você disse que não tinha nada a ver com o que os cantores sugerem. E não tinha mesmo.

Agora vemos que a sugestão dos poetas é para outro tipo de condução da vida: escorada nos desejos e apetites de que falamos há pouco.

– Exato.

Será que não podemos concluir que deixar a vida levar significa dar primazia às nossas sensações, emoções, afetos determinados pelo pedaço de mundo e pela estrela qualquer, que se encontra bem diante de nós?

* * *

– E, nesse caso, abriríamos mão do quê?

Veja só. Agora é você que está dando uma de Clóvis. Buscando o não significado.

– Admito que pode ser útil para clarear as ideias.

Então. Deixar a vida me levar corresponderia a dar primazia ao que estou sentindo, desejando. Ao mundo que me atrai no momento. Ao que, suponho, possa ser prazeroso.

Tudo isso em detrimento de regras, princípios e valores que transcendem o momento da balada e indicam trajetória oposta.

– Tipo?!?!?!?!?

Tipo fidelidade a um compromisso assumido, incompatível com a permanência e as atividades previstas para a casa de praia. E não me refiro só à exclusividade de práticas íntimas. Mas também a tarefas escolares ou profissionais que tinham de ser realizadas impreterivelmente ainda naquele fim de semana, por exemplo.

– Caramba. Estou pensando aqui. A vida ficaria bem zoneada se simplesmente abríssemos mão de todas as regras, princípios e valores que se mostrassem incompatíveis com o apetite do momento.

Pois é.

* * *

De qualquer forma, quem deixa a vida assumir o controle, tal como sugerem os poetas, acaba mesmo à mercê dos afetos e das próprias sensações e, portanto, do mundo que as determina.

Será que é isso mesmo? Será que não dá para pretender uma vida menos passiva? Que possa resultar de um pouco mais de autonomia? Que não se restrinja à decisão de abrir mão de tomar decisões? Ou que vá além de uma simples adaptação?

– Como assim?

Uai. Você e eu somos viventes. Portanto, somos mundo ou realidade como qualquer outro mundo ou realidade. Será que não poderíamos nos posicionar perante o resto segundo nossa própria vontade? Ao menos de vez em quando? E, desse modo, dar ao outro o trabalho de se adaptar a nós?

– Não será isso que chamam de protagonismo?

Acho que sim.

– Pensando bem, a sugestão de vida dos poetas não parece nada alinhada ao que as empresas hoje em dia esperam de seus funcionários.

Imaginemos um líder que tivesse sob seu comando viventes que simplesmente deixassem a vida os levar e fossem dirigidos pelo acaso das ocorrências, pelos desejos e apetites de circunstância?

Por isso talvez pudéssemos concordar com os cantores.

Afinal, não há nada mais óbvio para um vivente do que estar vivo. Pensando ou não na vida, ela seguirá em frente. E se porventura não seguir, aí mesmo é que não pensaremos mais sobre isso.

Sobre a vida, parece haver só dois registros. A sua presença no óbvio e a sua ausência no nada.

Desde que pudéssemos integrar a essa vida que nos leva, para além do que nos acontece e do que sentimos, aquilo que pensamos, julgamos, avaliamos, consideramos certo ou errado, digno ou indigno, aceitável ou inaceitável.

Só que, nesse caso, não seguiríamos a direção de uma estrela qualquer.

* * *

Para ir além da simples adaptação, ou submissão ao acaso, a sugestão de hoje é conceber a vida por intermédio da alegoria do jogo. Viver é jogar. Riscos, estratégias, alianças, adversários, troféus, vitórias, derrotas. Quem vive está jogando.

Esse jogo da vida tem particularidades, como todos os outros jogos. Que requerem do jogador certos atributos ou competências específicas.

* * *

Para jogar basquete é preciso ser alto. Jogo para gente grande.

Bem, o jogo começou e um jogador do time adversário tem a bola. Ele bate essa bola no chão para poder se deslocar em quadra, como manda a regra.

Ele passa a bola e a recebe mais à frente, já no campo de ataque.

Cabe a você marcá-lo. Tornar sua trajetória em direção à cesta mais difícil. Você se posiciona à sua frente. Entre ele e seu objetivo. Ele então avança protegendo a bola lateralmente, como se você não existisse. E decola para converter com estilo.

Durante a operação, esse jogador acaba esbarrando em você.

Só que como ele é realmente grande, o esbarrão não foi, assim, discreto. Singelo, doce e ameno. Foi um esbarrão significativo. A ponto de te jogar no chão.

Aí você levanta a mão, vai até o técnico e diz:

– Lamento muito, mas desse jeito eu não posso continuar.

Naturalmente, todos olharão perplexos. E por quê?

Porque no jogo de basquete, o cara decolar na sua frente para arremessar a bola é o próprio jogo. É da regra do jogo. É o que o jogo é.

Portanto, se você se dispôs a jogar basquete, deveria se tocar de que isso pode acontecer. E vai voltar a acontecer toda vez que se dispuser a jogar esse jogo.

* * *

Então você diz:

– Sim, e daí? O que tem a ver essa história de basquete com o que estávamos falando?

Pois é. É que com a vida acontece parecido.

Você está vivendo e, de repente, rola uma pneumonia. Dá asfixia, capacidade pulmonar reduzida etc. Para outros rolam enxaquecas semanais. Dessas de arrancar a cabeça fora. Os terceiros têm alergia e não param de se coçar. Outros têm gota. E outros têm um vizinho que grita o dia inteiro, bate em todo mundo e chuta a parede.

Para outros pode rolar coisa ainda pior.

Gente que tem dificuldade para perceber o mundo, como pessoas que enxergam pouco, ou nada. Pessoas surdas. Pessoas amputadas.

Aí você olha e diz:

– Caramba, não é justo. Justo eu! Ter um vizinho louco, ter nascido com a cara monstruosa etc. Não é justo acontecer comigo. Pegar fogo justo na minha casa.

* * *

O que eu diria para responder à sua observação é o mesmo do jogador de basquete. Se você se dispõe a jogar basquete, tem de aceitar que o fulano decole e, no caminho da cesta, esbarre em você e te jogue no chão.

– Já entendi. Do mesmo modo, e com complicações muito maiores, acontece se você se dispõe a jogar o jogo da vida...

Exatamente. O jogo da vida é infinitamente mais complexo e violento do que qualquer outro jogo. Tanto que o jogo de basquete e os demais estão dentro do jogo da vida. São um entre muitos. Contêm só um pedacinho do todo das mazelas, das agressões, das dores, dos infortúnios.

Como o futebol. Como também ser advogado, médico, engenheiro, ator, cantor, professor.

Se você se dispõe a jogar o jogo da vida, tem de entender que tudo faz parte dele.

Faz parte do jogo da vida um vizinho doido. É claro que nada te impede de resolver o problema. De se queixar no condomínio ou até de mudar de prédio.

Da mesma forma, nada te impede de lutar para enxergar um pouco melhor. De se esforçar para vencer qualquer outro obstáculo.

Mas se você se dispôs a viver a vida, saiba que o pacote é recheado de surpresas.

Vem tudo junto e misturado.

Para quem usa o jogo para pensar na vida, há sempre um argumento: em todos os jogos, esportivos, sociais e de puro azar, o jogador joga se quiser. Matricula-se numa escola de esportes, entra num cassino, vai até o bingo e escolhe jogar.

– É verdade.

Mas ninguém escolhe entrar no jogo da vida.

Como também não decide em que posição no jogo vai começar jogando. Afinal, não é a mesma coisa arrancar com milhões de fichas no bolso ou tendo que trabalhar de faxineiro no cassino.

Ainda assim, todo jogador da vida pode pedir para sair na hora que quiser. Da mesma maneira que nosso amigo, jogador de basquete, disse que não ia jogar mais, o jogador da vida também tem essa possibilidade.

E é exatamente por isso que você assume a responsabilidade de ter escolhido seguir adiante. Responsabilidade de vivente. De resistente. Que decorre da liberdade, que é a sua.

– Olha. Entendi como é o jogo. Entendi que é agressivo. Que não é para amadores. Entendi que o adversário é cascudo. Que o mundo é criativo para entristecer. Entendi tudo isso. Mas estou cada vez mais a fim de continuar jogando. Cada vez mais interessado em encarar o que vier pela frente.

Ótimo. E por quê?

– Porque não está excluída a possibilidade de vitória.

Sem dúvida. É claro que é difícil. Que é complicado.

No jogo da vida, cada um tem suas fragilidades. Como também tem suas forças. Cada um de nós tem traços que são incomparáveis. Inigualáveis. Inéditos. Que são só nossos. E que são as nossas armas.

– Exemplos são sempre bem-vindos.

Haverá quem tenha nascido com uma formosura, com dotes corporais, que são fichas preciosas. Atraem atenções. Permitem tornar-se desejados. Ou desejadas. Fichas trocáveis por muitas outras que ajudam demais no jogo da vida. Amores, antes de tudo. Certamente a mais preciosa das fichas. Mas também galanteios, gentilezas, afagos, palavras doces, convites sedutores. A beleza se troca tão fácil que quando devidamente reconhecida converte-se num verdadeiro capital estético.

– Mas nem todos são belos?

Querido aluno. Nem todos? Os belos são raros. Muita, mas muita gente nasceu, assim, como eu. Meio torto, meio equivocado, meio em diagonal. E todos esses não terão essas fichas. Nunca.

– Mas é possível que haja outras.

Exatamente. Em primeiro lugar, deixemos claro: é possível alcançar o amor, a mais valiosa das fichas, bem como galanteios e gentilezas, sem ter que dar em troca alguma beleza.

– Muito bem dito. É isso mesmo.

E depois, podemos desenvolver alguma lucidez, por exemplo. Alguma capacidade de reflexão sobre o terreno de jogo. De diagnosticar a força e a fragilidade dos adversários.

– Vamos aprendendo a jogar com o que temos na mão.

Se você resolver passar a vida lamentando não ter as armas do vizinho, talvez ela não venha a valer a pena nunca. É por isso que, seja qual for o cenário e sejam quais forem os seus atributos, as condições reais do jogo são as que são.

E quanto mais rapidamente você as entender e as aceitar, mais chances terá de, jogando, interceder sobre a realidade e convertê-la em outra, que te seja um pouco menos desfavorável.

Estudar, por exemplo, é uma excelente maneira de lutar por fichas. Permite mapear o campo de jogo e identificar as adversidades.

Em sociedades justas, o estudo está ao alcance de todos. Em outras, de jeito nenhum.

Por enquanto, isso é o que é. E está aí, para ser mudado.

* * *

Para terminar esta aula, ocorreu-me narrar-lhes um conto de Carlos Drummond de Andrade, chamado "Abotoaduras".*

Certa vez, o maior fabricante de abotoaduras de punho quebrou. Teve que fechar a indústria. Convencera-se de que é reduzido demais o número de camisas de manga comprida em uso pelos homens.

E mais:

Que os exemplares desse gênero ainda existentes são providos de deselegantes botões, que dispensam abotoaduras.

– Trabalhei a vida inteira no setor – lastimava-se – e almejava legar a meus filhos a tradição das abotoaduras de punho, como requinte último de uma camisa digna desse nome. Os fatos ergueram-se contra mim. Não há

como fabricar abotoaduras de punho para camisas sem punho, ou de punho abastardado por míseros botões de plástico. Meus inimigos – que tão cedo cantaram vitória – acabaram mesmo vencendo.

Concluiu que era o fim da civilização. Que só lhe restava enforcar-se numa camisa esporte, estampada.

E eis que em plena execução do plano, o instrumento a ser usado para abreviar a fracassada existência, movido por um vento súbito, sai pelos ares, qual bandeira solta.

E era tão bonito o esvoaçar do pano bigarreado. Tão graciosas as evoluções que o homem abriu mão de morrer naquele instante e decidiu aplicar sua fortuna em uma indústria colossal de camisas de manga curta.

* * *

E é isso, queridos alunos. Alonguei-me na aula. Mas valeu a pena. Afinal, a arma do outro é a arma do outro. Melhor sempre contar só com as próprias.

---

* **ANDRADE, Carlos Drummond de.** *Contos plausíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 19.

AULA 11

Geraldo e Geraldinho

Como já dissemos aqui:

Tudo que vale a pena é porque compensa o negativo. É o peso do bem que reequilibra a balança pensa pela desgraça. É o regozijo que tira o atraso. A alegria de viver que rivaliza com a dureza, a tristeza e a dor. Ou seja, com as penas, em geral.

Sem pretender eliminá-las, porque as paixões tristes fazem parte da vida – não há vida sem elas –, estamos falando da outra parte, da parte boa, que coexiste com a primeira, equivalendo a ela, ou, como seria desejável, valendo, na maior parte do tempo, um pouco a mais. E se vale é porque tem valor.

E o que é esse valor?

* * *

Vamos começar pelo mais simples.

Uma árvore à beira da estrada. Ninguém repara nela. Sequer de relance. Quando muito, ela é percebida com o resto, junto com o que está à sua volta, preenchendo o vazio. Como se aquele recorte de visão fosse um pano de fundo.

E a nossa árvore integra, sem distinção, aquele todo, que não é percebido nem como reunião de indivíduos, mas como um todo captado naquele instante, cujas partes escapam completamente à percepção.

No caminho entre Serra Negra e Amparo, circuito das águas do interior paulista, em pleno trecho de serra, uma das curvas tem praticamente 360 graus.

O motorista desavisado, se não vier em velocidade adequada, segue reto, e pode disputar espaço em colisão com os veículos circulando na pista em sentido contrário.

Bem no vértice dessa curva – e olha que curvas, como os ângulos de um triângulo, também têm vértice –, no bico da curva, ergue-se uma linda falsa seringueira. Dessas gigantes, com raiz colossal que levanta asfalto. Pois bem. Como você pode perceber, nessa árvore eu reparei. Só nela. Isoladamente.

Mas essa é a única árvore, das três horas de viagem, que mereceu esse destaque perceptivo. Portanto, a única que consigo destacar na sua individualidade. Todas as outras compõem um todo maior. Um tipo de cenário. Como os mil milhares de bambus que, em bambuzal, ornamentam um túnel fechado, que tira a luz ao dia, na altura de Morungaba.

Todas essas outras árvores, bem plantadas à beira da estrada, bambus e companhia, individualmente parecem não ter valor algum.

Não se trata de valor negativo. Porque não entristecem, não perturbam, nem aborrecem. Tampouco enfeiam a paisagem. Pelo contrário. Apenas não se fazem notar. Não chamam a atenção. Não se destacam por nada. Suas individualidades estão diluídas, absorvidas pelo pano de fundo da paisagem.

Nenhuma dessas árvores, enquanto ente distinto, afetou ninguém; nem encantou nem desencantou; nem alegrou nem entristeceu; nem excitou nem causou dor.

Assim é a nossa árvore.

Uma árvore que sempre existiu por ela mesma. E para mais ninguém.

Talvez tudo no mundo fosse exatamente assim, antes de nós, da nossa humana presença por aqui. Tudo que existia, existia e pronto. Por si e para si.

* * *

Nem todo mundo concordará com essa afirmação, é claro.

Há, por exemplo, quem jure de pés juntos que o observador participa da existência daquilo que vê. Ou seja, que os corpos por nós observados só se constituem, tal como nós os vemos, em função do nosso flagrante, do nosso olhar. Isto é, esses corpos, até a nossa chegada, até o preciso instante do nosso olhar, ainda não são como nós vamos vê-los, porque o simples ato de ser observados os modifica.

Não sei se ficou claro. Estou procurando apresentar o que nos propõe a física quântica mais atual de modo leve e meio bobo. Mas enquanto ouvia o que estava falando e relia o que acabo de escrever no parágrafo anterior, senti falta de uma explicação a mais. Isso devido à distância enorme dessa proposição em relação ao nosso entendimento mais comum. Ao que tomamos por obviamente verdadeiro.

Desse modo, ainda que essa questão não corresponda ao nosso tema central, uma vez mencionado, melhor deixar tudo um pouco menos incompreensível. Então, venha comigo.

Você saiu de casa e a deixou vazia. Afinal, você mora sozinho ou sozinha, num quarto e sala bem jeitoso em Santa Cecília, região central de São Paulo. Era sábado. O adiantado da tarde e o jejum de dezesseis horas cobravam algum almoço. Nas imediações, a padaria do seu Avelino era escolha fácil. A feijoada, bem tradicional – com todas as carnes pouco nobres que lhe conferem dignidade –, sempre foi por demais saborosa. Bem acompanhada de uma batida de limão famosa no pedaço. Partiu padaria, como andam dizendo por aí.

Muito bem. Nessa hora e meia que você ficou fora, o que aconteceu na sua casa?

Você, que mora em São Paulo desde que nasceu, responde bem ao gosto da cultura local.

Se ninguém entrou pra roubar, não aconteceu nada!

Isso é o que pensamos todos. Numa casa que permaneceu fechada, pelo tempo de duração de um almoço, nada aconteceu. Se quisermos ser um pouco mais rigorosos, diremos que, se o tempo de ausência tiver sido um pouco mais prolongado, coisa de dias, terá havido acúmulo de pó. Que uma faxina superficial resolve.

Se a ausência tiver sido ainda mais prolongada, alguém dirá que uma ou outra coisa poderá ter se danificado. Mas isso só mesmo depois de muito tempo.

No caso da sua feijoada na padaria do seu Avelino, se ninguém entrou para roubar, não terá acontecido mesmo nada na sua casa. Estamos todos de acordo.

* * *

Pois bem. O que nos cabe tentar explicar aqui é que, para alguns, e não quaisquer, mas gente que sabe das coisas, na hora em que você foi almoçar aconteceu, sim, muita coisa na sua casa. E justamente porque não havia ninguém. Porque você lá não estava.

E se veio à sua cabeça a festança de história em quadrinhos que fazem ratos e animais ainda menores na ausência dos donos da casa, saiba que esse também não é o caso. Não é disso que estão falando ao sugerir que as coisas não ficaram bem lá como você as deixou.

Veja como essas ideias são bem estranhas, olhando com os olhos que são os nossos, do senso comum mais ingênuo. Não temos como aprofundar para além do mais epidérmico. Mas esse bastará para gerar perplexidade.

Indo direto ao ponto, a ideia central é esta: a matéria assume as características que são as dela no momento em que são observadas. Mais do que isso. Exatamente porque estão sendo observadas.

Na ausência de um observador, há apenas possibilidades de agenciamento. Como se tudo ficasse à espreita. Podendo se configurar de um jeito ou de outro no momento em que são observadas. Em função de quem observa, da perspectiva, da distância, enfim, das condições materiais da observação.

E então, querido aluno-leitor. O que você achou disso? Caso tenha achado fascinante como eu, tenho certeza de que irá se informar melhor com quem entende de física quântica muito mais do que eu.

Antes de perdermos de vez o juízo, melhor voltarmos para nossas preocupações centrais.

Afinal, estamos num curso sobre projeto de vida. E, para isso, se as panelas ficam esperando seu dono para virar panelas de cuia e cabo, ou se elas são totalmente indiferentes à presença de quem quer que seja para serem panelas, como você e eu sempre pensamos, nada disso afeta o modo como pensamos hoje a vida de amanhã.

* * *

Como o nosso assunto nesta aula é o valor, seremos mais simplórios. Vamos imaginar um mundo tal como o vemos, mas sem a nossa presença. Ora, esse mundo não teria valor algum. Ele apenas seria. Do verbo ser. Mas nada além disso.

Porque para ser um mundo belo, grande, encantador, feio, pequeno, entediante, precisaria que alguém o julgasse. Sem um autor desse juízo, o mundo seguiria seu fluxo impávido e protegido das apreciações de enxeridos.

Você, então, começa a desconfiar que o valor das coisas pode ter a ver conosco. Com cada um de nós que as observamos, em seus infinitos fragmentos percebidos.

* * *

Mas... e a árvore?

Pois é.

Num belo começo de tarde, com sol ainda a pino, alguém dela se aproximou caminhando, ao cabo de longa jornada. Era um homem com idade de mão cheia em dezenas, como dizia minha avó, para indicar um cinquentão. Parecia altivo, de olhar horizontal, queixada larga e bem descolada do peito.

Mas bem ali, suas pernas sentiam o cansaço. Já lhe faltavam água e alimento.

Eis que esse viajante, extenuado e alquebrado, decide repousar sob a sua copa. Ali encontra sombra e frescor. Acaba adormecendo.

Veja, querido aluno, querido leitor. Agora, sim. Tudo mudou. A árvore que, até aquele dia, existira sem valor algum, acaba de ganhar muitos pontos com aquele depauperado andarilho.

Esse viajante lhe atribuiu um valor positivo. Um grande valor. Resultado daquele encontro. Um encontro bem particular, como todo encontro. Bem como do modo como ele o afetou.

* * *

Homens e mulheres são afetados pelo mundo. Não importa por onde passem. Nem onde estejam. O mundo estará bem à frente. Pelos lados e atrás. A vida é no mundo. E em relação com ele. Disso não há como escapar.

Esses homens e mulheres não são criaturas genéricas. São corpos e almas bem concretos. E o mundo que os afeta, também. No nosso caso, um homem exausto, extenuado, um pouco triste e desesperançado. E uma árvore de porte médio, com alguns poucos galhos, sem folhagem exuberante, mas suficiente para fazer sombra.

Se alguém outro estivesse passando por ali, dirigindo um veículo com ar-condicionado, o corpo e a alma afetados pela árvore seriam bem outros. Tanto quanto o valor a ela atribuído, certamente.

Dessa forma, o valor que damos ao mundo e às suas coisas, aos fragmentos de mundo que vamos encontrando pelo caminho, tem a ver com a maneira como nos relacionamos com eles.

* * *

Aí você pensa num cordãozinho que sua avó lhe deixou, dias antes de morrer, para você se lembrar dela. Essa avó foi quem te criou. E, por isso mesmo, durante anos, ela foi a pessoa que você mais amou.

Só muito depois que surgiu o Geraldinho. E você também o amou muito. Só que o Geraldinho é outra história. Foi o homem da sua vida. Até você descobrir as intimidades em paralelo que mantinha com a Laurinda do Bloco B. Aquela zinha que se alimentava das melecas do próprio nariz.

Mas a sua avó, nossa!

E ela te deixou aquele cordãozinho. No mercado não vale nada. Nada mesmo. Nem de graça. Mas para você tem um valor maior do que tudo.

A árvore vale para o viajante porque faz sombra. O cordãozinho vale para a neta porque permite lembrar da avó. E essa lembrança vem sempre acompanhada de sentimentos muito bons, atravessados de carinho.

Quanta ternura pelo passado compartilhado! Gratidão pela vida vivida juntas, pela educação, formação, conselhos, preocupação e por tudo o mais que recebera.

Para o viajante, a árvore tinha valor na sombra e no repouso. Para a neta, o cordão da avó tinha valor na lembrança e na gratidão.

* * *

Lá em Ribeirão Preto, eu ia sempre à sorveteria do Geraldo. E sempre era meio que todo dia. Um paraíso para mim. Ribeirão Preto é conhecida pelo chope, mas eu tinha só sete ou oito anos. Enquanto meu pai se deliciava entre lúpulos e maltes na companhia do tio Dino, eu ia ao Geraldo.

E como meu pai ficava feliz com o tio Dino, eu tinha carta branca no Geraldo.

Eu também gostava muito do tio Dino. Ele era gente boa demais. Na verdade, era casado com a irmã da minha avó. Tinha mais jeito de avô do que de tio.

O sorvete era barato. E o dinheiro dava para um tanto de felicidade impensável no cotidiano contadinho de São Paulo capital, onde eu morava.

Em um copo enorme, eu botava uma bola de creme málaga, que vinha com passas e chocolate crocante. Outra de morango. E ainda outra de milho-verde.

Nenhum sorvete é como o do Geraldo. Nenhum. Nem esses que têm nome italiano e valem os olhos da cara.

Indo a Ribeirão Preto, eu vou à sorveteria do Geraldo. Esse mesmo, que foi morar com Deus no ano passado, mas que deixou gente preparada para reproduzir o seu sorvete.

E quando vou ao Geraldo, não tomo só o sorvete, que é maravilhoso. Mas resgato a minha infância. O Geraldo me traz a sua memória. Bem aí que está o seu valor. Porque desperta em mim aquilo que eu quero sentir de novo, e só ele pode proporcionar.

Então tem a sombra do viajante, a gargantilha e o Geraldinho da neta e o meu sorvete do Geraldo. E cada um desses elementos do mundo vale na exata maneira como se relacionam com cada um de nós.

Naturalmente que, num lugar em que ninguém toma sorvete, sorvetes não têm muito valor.

Mas quando você passou a infância associando alegria, ternura, vida bem vivida, o carinho do pai, tudo isso ao sabor de um sorvete, tomar aquele sorvete cinquenta anos depois tem um valor impagável.

Porque só esse sorvete permite viver de novo aquilo que há meio século foi vivido em alegria.

* * *

Ah, ainda me resta um exemplo na manga.

Uma namorada. Lá pelos anos de 1983. Que se emocionava com Led Zeppelin e sua escada a caminho do céu.

Ela usava sempre o mesmo perfume.

Era um perfume que tinha um prenome italiano e um outro nome em inglês. E que dava para pagar. Fora eu mesmo a presentear-lhe. No primeiro ano de faculdade.

Nossa relação era meio ingênua para os padrões da universidade. Corresponderia hoje a ter um trelelê. Mas era um trelelê vivido todo dia. Sabe como é? A gente saía para o cinema com o trelelê. Ia para a faculdade com o trelelê. Saía da faculdade com o trelelê.

Aquele trelelê era disputado por muita gente. E devia ter algum distúrbio, porque escolheu a mim para trelelar.

Ela usava o tal perfume todo dia. Eu associava a alegria de encontrá-la ao perfume. De tal maneira que, mesmo tempos depois, toda vez que sinto o tal perfume, lembro da felicidade dos tempos de faculdade. O perfume tem um imenso valor.

Acho que você começa a entender do que estamos falando.

Afinal de contas, quando a vida é boa e o mundo nos ajuda a viver bem, como não lhe atribuir algum valor positivo?

Porque importa. Porque contribui. Porque ajuda a viver melhor. E por isso é bom.

Seja lá o que for.

E por aqui ficamos. Agora só depois. Se gostou, estaremos por aqui.

AULA 12

Sou meu próprio pescador

Há quem acredite que para viver uma vida boa basta não pensar a respeito. Que viver é muito simples. Que somos nós que complicamos as coisas. Que alguns veem problema em tudo porque não sabem levar a vida.

Quem nunca terá ouvido alguém, fazendo cara de conteúdo, propor, em tom de sabedoria de almanaque, com intuito quase sempre tranquilizador:

– A vida, na verdade, é muito simples. Somos nós que a tornamos complicada.

Numa sociedade como a nossa, pouco afeita ao estudo e ao pensamento abstrato, em que o viver é sempre relegado ao improviso e a felicidade escrita desde sempre nas estrelas, esse tipo de discurso, que reduz toda complexidade a um erro de apreciação, costuma ter audiência garantida.

Afinal, entregar o próprio destino aos ventos, às marés e às correntezas parece o mais cômodo. Sobretudo quando quase todo mundo faz a mesma aposta.

Proposta tentadora, acho que é. Até porque assumir as rédeas da própria vida, apostar em si mesmo como agente soberano, autônomo, criador e transformador cansa só de terminar a frase.

* * *

Mas nós, queridos alunos e leitores, propomos exatamente o contrário: que a mera iniciativa de projetar, seja lá o que for, exige sempre algum exercício de inteligência.

Isso significa que só uma vida bem pensada proporcionará ao vivente algum controle sobre seu efetivo viver.

Você, animado, pergunta, invertendo um pouco as premissas:

– Isso me parece tão claro que não consigo enxergar as coisas de outra forma: seria possível projetar a vida de homens e mulheres sem precisar pensar sobre ela?

Vamos lá, meu querido aluno e leitor. Estou orgulhoso de você. De fato, esse parêntese poderá nos ajudar muito. Vamos buscar auxílio na história das ideias.

* * *

Se fôssemos guaxinins e vivêssemos regidos por instintos, guiados estritamente pela nossa natureza de guaxinim, se tivéssemos respostas rígidas, próprias de guaxinins, para todo e qualquer estímulo de mundos que surgisse diante de nós, nesse caso, nunca haveria complicação alguma.

– Sim. É verdade. Bastaria ir vivendo segundo os impulsos do momento e da situação. Mas, como não somos guaxinins, sabemos que, no nosso caso, não funciona bem assim.

De fato. A vida de homens e mulheres parece requerer muito mais do que eventuais respostas instintivas. Há um imenso intervalo entre nossos meros reflexos e todo o resto que recheia a nossa existência.

– Podemos então arriscar que a capacidade – ou a necessidade – de pensar sobre a própria vida – para projetá-la, por exemplo –, talvez seja uma das grandes especificidades do humano em face dos outros animais e plantas?

É o que pensam muitos grandes pensadores.

E mais do que isso. O homem pensa para viver, como você disse. Mas ele acaba indo além. Porque ele sabe que pensa para viver. Tem consciência disso. E ele também sabe que sabe que pensa para viver. Tem consciência de ter consciência disso. E assim por diante.

– Não sei se entendi.

Então vamos dar um exemplo.

* * *

Você é convidado para participar de uma pirâmide. Explicaram que você deve comprar um kit de produtos de higiene doméstica e, na sequência, deve vender dez desses mesmos kits para outras pessoas que, por sua vez, deverão vendê-los para outras cem, dez cada uma.

E você pergunta:

– E que vantagem Maria leva?

Depois de você, cada vez que os de baixo da pirâmide venderem kits, você ganha uma porcentagem. Lembrando que depois de cem vem mil, dez mil e cem mil.

Assim, quando a pirâmide chegar a três ou quatro degraus abaixo do seu, os ganhos já serão bem expressivos.

Você ouve com atenção a proposta, antegoza seus ganhos fáceis, mas sabe bem de duas coisas:

Que, em primeiro lugar, na hora de ganhar dinheiro, não costuma haver milagres. No caso da pirâmide, ela acaba sempre com alguém segurando a batata quente na mão.

E sabe também que, em segundo lugar, esse tipo de operação, na sociedade em que você vive, é considerado ilícito.

Você, então, joga tudo no liquidificador e decide não participar. Pesou o fato de não querer confusão para o seu lado. Ainda que os ganhos anunciados sejam mesmo impressionantes.

Viu? Você pensou para viver. Pesou ganhos e riscos.

* * *

Mas você pode ir além. E se dar conta desse pensamento. Constatar o que exatamente se passou na sua mente.

Primeiro, você se encantou com os números. Depois, pensou em algumas aquisições sonhadas que aquele ganho permitiria. Em seguida, pensou num eventual processo judicial como consequência de ter feito parte de um esquema como esse. E, finalmente, pensou nas consequências desse último. Da vergonha em família. No arranhão definitivo na reputação.

Você identificou agora, item por item, o que a mente tinha acabado de fazer. Houve, portanto, duas atividades. Primeiro você pensou para decidir. E, depois, recuperou o que fez e sistematizou a ordem dos pensamentos que, horas antes, tinham vindo à mente.

Em outras palavras:

Você primeiro pensou para decidir declinar da pirâmide e, na sequência, pensou que declinar da pirâmide decorreu desse pensamento.

A vida do espírito pode ser objeto de reflexão desse mesmo espírito. E o pensamento, um tema de debate para o próprio pensamento. Tanto quanto esse pensamento sobre o pensamento também poderá ser novamente considerado por um terceiro pensamento. E assim sucessivamente.

Como se as telas de fundo encontrassem sempre uma outra tela de fundo por trás. Ficou mais claro agora?

– Claríssimo.

* * *

Retomando.

Pensar sobre a vida permite ao vivente assumir suas rédeas.

E se porventura julgar mais acertado, enfrentar os ventos e as marés, bem como nadar contra a correnteza. Dirigir-se por livre vontade na contramão do que seria mais fácil, mais óbvio, mais comum de encontrar.

Vivendo segundo o próprio entendimento, o dia seguinte acontecerá por uma decisão de quem vive, e não por alguma disposição facilitadora do mundo.

A decisão sobre o que fazer corresponde a identificar o melhor caminho. E um caminho é bom pelo acesso ao destino. Algum tipo de propósito.

E se você for daqueles que não esquentam muito com grandes metas, que deixam o futuro nas mãos do acaso e conferem importância tão somente ao vivido daquele instante – pois bem, mesmo nesse caso, é preciso atribuir algum valor ao mundo que está percebendo, ao prazer dos encontros, à qualidade das sensações.

E tudo isso requer muita sabedoria.

Porque o dia a dia do cotidiano sugere justamente o contrário. Desprezo pelo percebido. Apreço pelo projetado. Desprezo pelas sensações do agora. Apreço pelas situações – tidas por auspiciosas – do amanhã. Desprezo pela zona de conforto do hoje. Apreço pela zona de conforto de um amanhã que não chega nunca. Desprezo pela vida vivida. Apreço pela vida desejada. Desprezo pelo que já é seu. Apreço pelo que ainda não é seu. Pelo que ainda há a comprar. Pelo que é do outro. Pelo apartamento em Miami que só o seu chefe tem.

* * *

E você sabe: uma vida como a sua, só mesmo a sua. A vida, em seus múltiplos instantes, é sempre inédita e virginal.

A cópula da fecundação. O espermatozoide. O óvulo. O material genético. A vida intrauterina.

O corpo fetal. As células que o constituem. O parto. O modo como veio ao mundo. Esse mundo que você encontra ao nascer, do jeito que encontra.

O médico, o quarto da maternidade, o berço, os pais, os parentes, as roupas, o irmão (obviamente mais velho), a casa para onde te levaram, o seu quarto nessa casa, a rua, o bairro e por aí vai.

O irmão, ao nascer, encontrou, quatro anos antes, as mesmas pessoas nos mesmos espaços. Ainda assim, para ele foi tudo diferente. O mundo por ele percebido foi necessariamente outro. Até porque, daquela feita, foi ele a perceber.

Um festival de exclusividades, portanto. Uma sequência de experiências únicas. Da maternidade ao velório.

É por isso que, quando duas pessoas estão frente a frente, o mundo de uma – percebido por ela – nada tem a ver com o mundo da outra.

Se João olha para Maria com os rostos quase colados, embora estejam muito próximos, o mundo percebido por um nada tem a ver com o mundo percebido pelo outro.

E se um dissesse, num engasgo de romantismo, que o outro é tudo para ele, naquele momento não estaria mentindo. O xavecado, por sua vez, poderia dizer o mesmo, e estaria dizendo a verdade também.

Mas ambos se encontram, nesse momento de intimidade, nesse idílio de total entrega, em mundos percebidos totalmente diferentes. E necessariamente excludentes.

– Uma loucura!

E não termina aí. Se o nosso corpo já era uma exclusividade ao nascer, à medida que vamos vivendo, vai sendo forjado por encontros que só nós experimentamos ao longo do tempo.

* * *

Você dirá que nem tudo é tão singular assim.

Por exemplo, você está vendo este vídeo ou lendo o livro que lhe corresponde. Outros colegas vão ver o mesmo vídeo ou ler o mesmo livro. E têm razão.

Da mesma forma, você cursou a pré-escola, o Ensino Fundamental, o Ensino Médio etc., e assistia às mesmas aulas dos colegas. O mundo percebido era o mesmo para cada um de vocês...

Sim. É o que parece.

Fora de você, o mundo talvez seja o mesmo. Como este vídeo ou este livro para todos os colegas. Mas, na vida, não nos é possível considerar um mundo sem a nossa presença. Tampouco considerar cada um de nós sem a presença do mundo.

Porque nós e o mundo só podemos ser em
relação.

De modo que o vídeo a que você está assistindo é inabordável por ele mesmo. Este vídeo só é vídeo em você, com você, por você. Por isso importa como vai recebê-lo, interpretá-lo, significá-lo.

Pois bem. Na hora de lhe atribuir sentido, de entender o que está acontecendo, cada um coloca em ação seus recursos, seu repertório, bem como seus apetites, inclinações, desejos etc.

É por isso que este vídeo ou este livro acabam não sendo o mesmo para todos os alunos e leitores. São diferentes segundo o aluno ou o leitor. Podemos dizer que há um vídeo e um livro para cada um deles.

Por isso, a vida acaba sendo a afirmação imediata da multiplicidade como conjunto de relações diferenciais.

E quer saber mais?

– Ainda tem mais?

Opa, claro que tem.

* * *

Você, que pode, por exemplo, assistir a determinado vídeo quantas vezes quiser, se assistir a segunda vez, será uma experiência nova, como se você fosse uma outra pessoa.

Claro! O vídeo é o mesmo. Portanto, só você pode ter mudado.

E por que você muda?

Porque ao assistir pela segunda vez, colocará em ação aquilo que aprendeu na primeira visualização. E se assistir pela terceira vez, a cada instante será um encontro novo, um encontro inédito.

O mesmo acontece com a leitura de um livro. Você lê um livro uma vez. Depois vai ler uma segunda vez. Não tem como o resultado ser o mesmo. Por quê? Porque o seu repertório foi transformado, até pela leitura daquele próprio livro.

Você já vai com outras expectativas. O seu olhar é outro. A experiência é outra. A vida é outra. Porque cada segundo dessa vida é mesmo assim, inédito e virginal.

* * *

Mais um exemplo. Desse eu gosto muito. Reproduzido infinitas vezes na internet. A ponto de ter dado ao meu podcast o nome de Inédita Pamonha por conta dessa história.

Você vem dirigindo pela rodovia depois de longa viagem. Está com fome. Aí você vê lá:

– Canto da Pamonha a dois minutos.

E pensa:

Opa. Essa é minha chance.

Sobretudo porque adora tudo que é feito de milho.

Quanto aos dois minutos, só se for de helicóptero. Fico me perguntando: como quem pôs aquela placa naquele lugar pode saber a que velocidade eu estou me deslocando? E se estiver a pé?

Bem. Pouco importa.

Então. Você entra no tal Canto da Pamonha. Com mais fome ainda.

Pede a primeira pamonha, amarelinha, quentinha. O cheiro de milho te faz salivar. Você tira a casca sem muita paciência. Surge aquela iguaria dos deuses. Autêntica ambrosia. E você finalmente degusta.

Na primeira mordida, um encontro excepcional. A fome, o açúcar, o gosto do milho. Tudo espetacular.

Você manda ver a pamonha inteira em alguns segundos e então pensa:

– Caramba. Essa pamonha estava estupenda. Comê-la me fez muito bem. Acho que sou alguém que gosta muito de pamonha.

E como pamonhas não são tão comuns lá na cidade, melhor aproveitar que você está num lugar cheio delas.

Então, você pede logo a segunda. O que você espera é pela continuidade do prazer. Por mais daquela alegria. Por sensações tão boas quanto as proporcionadas pela primeira pamonha.

É curioso.

Você pode até achar que na segunda pamonha terá uma experiência tão boa quanto na primeira. Afinal, é o mesmo tipo de milho, mesma receita, mesma quantidade de açúcar. Mas esquece que o comedor da segunda pamonha já tem uma pamonha no bucho. Portanto, ele não é o mesmo.

A tal da taxa glicêmica é bem maior. A fome é bem menor. O gosto de milho já está impregnado na boca e, de repente, mais do mesmo pode ficar enjoativo.

Lá vai você para a segunda pamonha. Bacana, também. Porém, já não tão incrível quanto a primeira. Mas você, que acredita na estabilidade da vida, convencido de que é um grande comedor de pamonhas, já que está por ali, pede a terceira.

Você é assim mesmo. Tigrão. Não arrega nunca.

– Eu não deixo por menos. Mando ver logo três.

A terceira pamonha não alegra tanto. Entra torto. Duas pamonhas já ingeridas ali no bucho.

O estômago avolumado. A taxa glicêmica elevada. Os olhos até brilham diferente.

A quarta pamonha, você – que é uma draga digna dos que comem 250 hot-dogs (mais rápido do que os demais) em concursos televisivos na América do Norte – termina de comê-la esvaindo-se no vaso.

E não vê problema nisso.

A quinta pamonha, a sexta, a sétima podem causar estragos cada vez mais sérios. E toda a operação, desde a chegada àquele local, ainda não deu meia hora.

Só então você pondera:

– Caramba! A pamonha é do mesmo tacho, a mesma receita, o mesmo tipo de milho, a mesma quantidade de açúcar. Como é que a primeira me levou ao êxtase e a sétima quase me leva a óbito?

* * *

Cada segundo de vida é marcado por alguma originalidade. Como se fosse mesmo virginal. Incomparável a qualquer outro segundo. Porque o corpo que vive no mundo está sempre em trânsito. Sempre em mudança. Sempre em transformação.

No final deste vídeo ou deste capítulo, eu e você estaremos transformados. Seja pela enunciação do discurso, da minha parte. Seja pela consideração do discurso, da sua parte.

O que acontece com a pamonha acontece às vezes com o matrimônio. A lua de mel é a primeira pamonha. Coisa impressionante!

Você pensa:

– Nossa, isso aqui é pamonha! Então nasci pra comer pamonha. Lua de mel é coisa de louco!

Dali a cinco anos não aguenta mais comer pamonha. Olha pra dentro do balcão do Canto da Pamonha e então pede pra comer um curauzinho.

Depois de comer tanta pamonha, não há quem aguente ainda comer curau. Nem mesmo você, lento e pouco sutil quando o assunto é vida boa.

Sem falar que curau a toda hora não há quem aguente.

* * *

No fim das contas, não só ninguém vive no mundo
do mesmo modo que nós como nós também, ao longo da vida, vivemos no mundo sempre em transformação. Em mudança.

E talvez seja isso mesmo que faça o viver uma aventura desafiadora, mágica, sagrada e inalienável. Porque se tivesse uma fórmula de felicidade do tipo "coma pamonha e seja feliz", a vida seria de uma simplicidade paupérrima.

* * *

Esta nossa conversa me fez lembrar de Tieta. Aquela mesma, do Agreste. Da literatura de Jorge Amado. Da novela de Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares.

De Betty Faria, Joana Fomm, Arlete Salles, Lídia Brondi, Yoná Magalhães, Lilia Cabral, Luiza Tomé, Miriam Pires, Cássio Gabus Mendes, José Mayer, Armando Bógus, Ary Fontoura, Reginaldo Faria, Roberto Bonfim, Marcos Paulo, Paulo José.

Nossa! Quantos gigantes! Quanta gente inesquecível!

Todo esquecimento aqui é imperdoável. Ainda mais no meu caso, que tenho a obra em DVD, em filme corrido sem interrupção, e já o assisti muitas vezes.

A primeira exibição da novela aconteceu em 1989. Portanto, há mais de trinta anos.

Na trama, a linda e sedutora Tieta, ainda muito jovem, é expulsa de sua cidade, Santana do Agreste, pelo próprio pai, o matuto Zé Esteves, influenciado pelos conselhos da outra filha, a invejosa e moralista Perpétua.

Vinte e cinco anos depois, Tieta retorna. Rica e exuberante.

Teria acumulado fortuna em convívio com gente da alta, gerindo o lenocínio num casarão em Higienópolis. O bairro ganhou esse nome pela fama dos límpidos ares. Onde também vivi eu por décadas, sem jamais ter identificado o prestigioso imóvel de tolerância, é bom que se diga.

Seu retorno vem cantado em verso na voz maravilhosa da maravilhosa Fafá de Belém.

"E eu voltei no curso/ revi o meu percurso/ me perdi no Leste
E a alma renasceu/ com flores de algodão/ no coração do agreste
Quando eu morava aqui/ olhava o mar azul/ no afã de ir e vir
Ah, fiz de uma saudade/ a felicidade/ pra voltar aqui"

Santana do Agreste é frequentemente definida, nas falas de diversas personagens, como o lugar onde nada acontece. Cenário ideal para reencontros previsíveis. E, portanto, para uma bem planejada volta por cima.

No entanto, como sabemos, essa crença de que tudo ficara parado no tempo, sempre igual ao que sempre fora, e que só Tieta realmente mudara, acaba se dissolvendo no vaivém das ondas da praia de Mangue Seco.

Por isso mesmo, seu plano de vingança também vai sofrendo reparos, por mais devastadora que fosse a lembrança da brutalidade e humilhação que sofrera. A sequência de encontros com a gente e as coisas da sua terra lhe atenua o ódio em conta-gotas. Capítulo a capítulo.

Sua amiga de juventude Carmosina, que lhe prova fidelidade e devoção; a mãe de Carmosina, dona Milu, e seu bordão "mistério"; seu pai, outrora truculento e insensível, agora velho e fragilizado; sua irmã mais velha, viúva, ressentida e dissimulada; o sobrinho Ricardo, ainda muito jovem, entregue ao sacerdócio, que por ela se apaixonará ferozmente e por quem se enternecerá a ponto de inaugurá-lo na lida dos lençóis; sua irmã mais nova, Elisa, a quem protege com grande afeto, e ao marido, seu cunhado, Timóteo D'Alembert.

A experiência dessa diferença – em face do vivido na juventude – e dessa multiplicidade – de mundos, de caráteres e de afetos – coincide com um ato essencialmente positivo e criativo, que vai borrando toda e qualquer forma de negação, refutando toda forma de unidade ou de identidade pressuposta.

O retorno de Tieta a Santana do Agreste é a história de uma experiência que, assumindo sua positividade, nos convida a desconsiderar a negação e o negativo do que quer que seja.

Não se trata mais de converter ou de mudar o que sempre pressupõe comparação e contraste. Mas simplesmente de afirmar o vivido, fazer triunfar a vida.

* * *

Tieta me fez lembrar de outra história. Mas agora já chega. Porque o tempo do mundo às vezes se impõe ao do desejo de continuar.

AULA 13

Fortuna em lembranças e miséria em quilates

Continuemos nesta aula a tratar de valores. Mais precisamente, das condições de avaliação. Das provas da vida e de seus gabaritos.

Lembro sempre da minha escola. Refiro-me àquela do Ensino Fundamental. Suponho que você se lembre também da sua.

Na minha escola, os alunos faziam prova todo mês.

Eu explico: eram sete avaliações ao ano. Em março, abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro. Para os que obtinham na soma das notas 49 pontos, isto é, média 7 entre todas as notas, o ano acabava já no começo de novembro.

A maioria não alcançava essa pontuação. Nesse caso, havia um exame final. Com matéria acumulada do ano inteiro. Era a última oportunidade para obter a fatídica média 7 e gozar as férias.

Quando isso não acontecia, restava a odiada recuperação. E essa eu nem sei direito como funcionava.

Essa recuperação em janeiro devia ser muito boa. Porque, no final, pouquíssimos eram efetivamente reprovados. A expressão usada era repetir de ano.

* * *

A minha escola nos avaliava o tempo todo. Há colégios, hoje em dia, em que essa frequência é ainda maior. Alguns aplicam prova todos os dias letivos. E fazem disso um diferencial mercadológico. A avaliação diária faz pensar em disciplina, rigor e, sobretudo, eficiência. Tem-se a sensação promocional de levar mais pelo mesmo valor.

Avaliar os alunos exigia, por parte dos professores, aplicar e corrigir as provas. Muito mais tarde, do outro lado do balcão, na condição de docente, acabei por me dar conta de que essa tarefa, a de corrigir as provas, era, de longe, a mais desagradável da profissão. Mas importantíssima, claro.

A correção permite ao docente atribuir uma nota a cada aluno. Trata-se do valor daquela prova. Isto é, o valor de seu desempenho ali manifesto.

* * *

Como uma prova não costuma esgotar tudo que o aluno deveria ter aprendido, o procedimento é, quase sempre, amostral. Não é tudo que foi ensinado que cai na prova. O professor elabora questões sobre certos pontos da matéria e não sobre outros. Supõe-se que a parte perguntada seja representativa do todo que foi ensinado.

Há, na perspectiva dos alunos, uma boa dose de aleatório nesse processo de avaliação. E uma recorrente sensação de injustiça.

– Puxa. Caiu exatamente aquilo que eu não sabia!

Ou ainda, em caso mais raro:

– Caiu a única coisa que eu tinha estudado. Tinha tudo para me dar mal, mas hoje acordei virado para a lua!

* * *

É possível entender um pouco mais sobre o valor das coisas do mundo analisando o procedimento que permite ao professor atribuir nota a um aluno a partir de uma prova.

A filha mais velha ajuda o pai a preencher o diário de classe. Ela adora a companhia do pai e se enche de importância preenchendo com zelo a papeleta.

– Essas respostas dadas por Arthurzinho valem 7, aquelas do Zaqueu valem 9. Já estas, dadas pela Maria do Carmo, valem 10. Enquanto as da Rosemeire valem 3,5. E as últimas, dadas por um aluno cuja caligrafia não chego a decifrar, valem mesmo zero.

A ideia de valor aparece aqui de modo muito claro. Alguns alunos dizem que foram muito bem na prova. Que arrebentaram. Outros, que foram mal. Que se lascaram.

Esse termo "lascaram", aqui empregado, nem tão usado assim, está no lugar de muitos outros, bem mais frequentes, mas impublicáveis, dado o escopo educativo do texto.

Ora, nada mais escandalosamente indicativo de valor do que estes dois vocábulos: "bem" e "mal".

* * *

Mas como chegar a esse resultado? Qual o fundamento último dessas notas?

Normalmente, o professor lê as respostas dadas pelos alunos. Digo isso porque já tive colegas que conseguiam avaliar e atribuir nota sem lê-las.

Dentre os muitíssimos professores que leem cada uma das provas para corrigi-las, todos eles inferem a nota a partir de uma comparação entre as respostas dadas pelos alunos e suas próprias respostas, entendidas por eles, professores, como absolutamente certas. Essas últimas, quando reunidas, integram o tal gabarito.

Em suma: a nota da prova resulta da comparação, questão a questão, do que o aluno fez com esse gabarito.

* * *

Essa palavra, gabarito, é mais um indício do quanto a operação de corrigir e atribuir nota é relacionada ao nosso tema, valor.

Você parou para pensar sobre o significado da palavra gabarito?

Neste caso da prova, indica as respostas certas. Que, reunidas, perfazem a prova nota dez.

Mas esse não é o único significado dessa palavra.

Dona Nilza, minha mãe, dizia:

– Fulano de tal não tem gabarito nenhum para fazer o que fez, ou dizer o que disse.

Ora. Que sinônimo poderíamos propor para esse termo nesse novo contexto: competência, estatura, legitimidade? Muito bem. Tudo isso tem a ver com o maior ou menor valor atribuído ao desempenho de até então daquele indivíduo gabaritado ou não.

* * *

Voltando à prova.

Se for de múltipla escolha, basta sobrepor a prova do aluno ao gabarito e registrar as respostas não coincidentes. O que for igual está certo, o que for diferente está errado. Somam-se as respostas certas e chegamos à nota da prova.

Eis o valor da avaliação do aluno.

* * *

Pois bem. Em função do que acabei de dizer, você se dá conta de que, na escola, se não houvesse gabarito, o professor não teria como atribuir valor àquela prova. Essa constatação é muito importante. Afinal, fora da escola, outras coisas do mundo terão que ser avaliadas.

Para tanto, você também terá que lhes atribuir algum valor. Tal como o professor fez com as provas. E, em todos os casos, precisaremos de uma referência, em função da qual o mundo a ser avaliado poderá valer mais ou menos, positiva ou negativamente.

* * *

Vamos inverter o processo. Agora é você, aluno ou leitor, que vai dar nota para uma aula. Toca ao professor ser avaliado. Para que fique mais concreta a experiência, dê uma nota para esta minha aula. Essa que você está assistindo em vídeo ou lendo no texto do livro.

Se você estiver prestando atenção ao que ensinamos até aqui, logo se perguntará:

– Se o professor, para atribuir uma nota à prova, carece de um gabarito, como posso eu dar uma nota para a aula do professor sem dispor de uma referência equivalente?

Mas em que consistiria essa referência equivalente?

Ora, na aula perfeita. Na aula impecável do início ao fim. Na aula toda certa.

Você me ouve e continua intrigado. Há algo estranho. Será que podemos cogitar uma única aula perfeita para usar de referência na hora de atribuir uma nota às aulas de todos os professores?

Você acha que não. Que não há um gabarito claro e indiscutível para uma aula na escola como há para corrigir a prova.

Mas cada aluno tem um histórico de experiências de aula. Professores incríveis que você teve e que te deram uma ideia, mais ou menos, do que é uma ótima aula. E em função da maior ou menor proximidade da minha

aula com essa ideia, você diz: “A aula do cara é razoável”. Ou então: “Medonha, medonha”. Ou então: “Incrível, praticamente o que eu esperava como uma aula perfeita”.

E aí você percebe que o aluno pode ter um gabarito para avaliar o professor.

Mas ainda sobra uma grande diferença em relação ao gabarito da prova. Esse último é aplicável por qualquer eventual avaliador. Dada uma prova e um gabarito, seja quem for o corretor da prova, a nota será a mesma.

Em contrapartida, a ideia de uma aula boa é relativa a uma série de experiências anteriores que poderiam bem ter sido outras.

* * *

E quanto vale o desempenho de um técnico de futebol?

– Ah – você responde –, se um time foi campeão, nota dez.

Mas talvez só o título do campeonato seja um pouco pobre para avaliar o trabalho do técnico.

– Por quê?

Porque o time pode ter jogado maravilhosamente bem e, por uma série de variáveis difíceis de se reproduzir, um conjunto de acasos muito improváveis, acabou perdendo a final.

Não sei se você era vivo, mas houve uma Copa do Mundo, em 1982, na Espanha. O Brasil tinha um timaço. No meio de campo: Falcão, Cerezo, Sócrates e Zico. Júnior na lateral esquerda, Leandro na lateral direita, Oscar e Luizinho na zaga. Um time que jogava por música. Sem falta, sem carrinho, sem truculência. Só futebol. Sempre em busca do gol.

O técnico era Telê Santana.

Bom, numa partida contra a Itália, à seleção brasileira bastava o empate. Mas os comandados do mestre Telê não jogariam nunca para segurar o resultado. Havia ali uma natureza ofensiva e de extrema qualidade futebolística. E, por conta de uma sequência de infortúnios, esse maravilhoso esquadrão foi derrotado por 3 a 2.

Ora, querido aluno. Pense comigo. Se o gabarito do futebol for o resultado, a nota é baixa. Quem perde é porque fracassou. Sobretudo dispondo de um craque para cada posição. Não tendo alcançado o que queria, teve desempenho pífio. De valor claramente negativo.

Nesse caso, não importa a excelência dos gestos. A elegância dos movimentos. A dificuldade técnica das manobras. Se perdeu, de nada terá valido tudo isso.

Mas há quem atribua valor de forma diferente. Para além do resultado. Ou, nesse caso, melhor seria dizer para aquém do resultado.

Há quem considere o futebol em si. A qualidade dos fundamentos. A plasticidade das jogadas. E a fluência e o dinamismo das acelerações. E, nesse caso, o trabalho de Telê Santana terá sido excelente, memorável, inesquecível até.

* * *

Muitas vezes, para atribuir valor, você pode ter gabaritos que se complementam, que se juntam para aperfeiçoar a identificação do valor das coisas.

Há quem atribua pesos diferentes a esse ou aquele item de cada um dos gabaritos. Com isso, pretende-se incluir na avaliação o maior número possível de elementos que, contrastados com a realidade dos fatos, permite uma valoração mais criteriosa.

Ainda no exemplo do futebol, além do título ou da vitória nessa ou naquela partida, consideram-se o número de gols marcados, de gols sofridos, tempo de posse de bola, finalizações corretas, passes certos etc. São elementos que se combinam e se justapõem harmonicamente para permitir uma avaliação mais justa.

* * *

Mas haverá situação ainda mais indigesta.

Por exemplo: na primeira metade do século XX, você é convocado para uma guerra por um ditador. Ao ser chamado para se alistar, você diz:

– Eu não me submeto a esse ditador.

Mesmo sabendo que essa atitude o levará à morte.

Você, então com 36 anos, abre mão de viver para não se submeter a um ditador.

Qual é o valor da sua ação?

A resposta pede um gabarito.

Se for o da insubmissão ante uma injustiça, nota dez.

Mas a sua família tinha outro gabarito na mão. Quem é que vai trabalhar para sustentar os filhos pequenos? E a esposa, fica como? E os pais, que eram sustentados também por ele?

A família se viu destroçada e abandonada. Não queria que ele enfrentasse a ordem da autoridade, ainda que injusta. Pediu para que se curvasse ante aquela convocação.

Mas ele não deu ouvidos. E foi morto sumariamente. Enterrado como herói pelos resistentes. Mas incompreendido pelos seus.

Pelo gabarito da *polis*, da cidade, da comunidade, nota dez. Pelo gabarito da família, nota zero.

* * *

E é exatamente por isso que a gente acaba concluindo que o valor das coisas do mundo pode ir de zero a dez, dependendo de quem e, sobretudo, de como valora.

"Valores complexos" – eis a denominação proposta pelo grande Edgar Morin. Imenso pensador francês e grande amigo do Brasil.

Porque, para você, a gargantilha da vovó vale dez pela doçura das lembranças; para o joalheiro que a examina com lupa de quilates, vixe!

Valor zero.

Valor zero, valor dez, valores complexos. Assim é o estudo dos valores, por meio dos quais o que há é dominação e submissão.

Vamos parando por aqui. Já são horas de evasão. E você precisa esticar as pernas. Na próxima continuamos. Afinal, nosso programa será honrado, calando os detratores dos projetos de vida.

AULA 14

O valor do caminho

É melhor ser alegre que ser triste. A alegria é a melhor coisa que existe. Assim cantava o poeta genial.

Eu acrescentaria que é melhor sentir prazer do que sentir dor. Seja lá do jeito que for.

Como você pode ver, eu como poeta sou um excelente comedor de frango com quiabo.

* * *

O tema desta aula é o prazer. Mais especificamente, sobre as dificuldades da sua definição.

Se o curso é sobre projeto de vida, ninguém projeta prazeres. Tampouco dores. O que podemos projetar, isto é, imaginar para tempos que estão por vir, são situações que supomos sejam prazerosas ou pouco doloridas.

O prazer é uma sensação das mais fundamentais da vida. Mas, como tal, de difícil tradução em palavras. De definição bem complicada, ousaria dizer.

Mas não custa arriscar. Afinal, temos a aula inteira sobre esse tema e algo precisa ser dito.

Prazer é um afeto que se opõe a dor. Nesse caso, você certamente percebeu, estamos apelando. Tentando definir pela negação do seu contrário. Equivale a afirmar que claro é o que não é escuro, e grande, o que

não é pequeno. A essa saída triste, a essa definição que pouco define, os pomposos chamam tautologia.

* * *

Vamos tentar por outro caminho. E se o prazer não fosse a satisfação de um desejo? Parece interessante. E se acrescentássemos a essa definição um elemento de maior proximidade com o entendimento de todo mundo? Ficaria assim: o prazer é a satisfação agradável de um desejo.

Dois problemas. Talvez três. O primeiro é que corremos o risco de ter trocado seis por meia dúzia. Tiramos o prazer e pusemos o agradável. E na hora de definir esse agradável, vamos nos deparar com as mesmas dificuldades.

O segundo problema dessa definição é que nem todo prazer é precedido de um desejo.

Embora muitos o sejam. Você pode ter sonhado seis meses com um encontro. E olha aí, ele acontecendo agora mesmo. Esse prazer, que supomos esteja sentindo, foi, nesse caso, urdido longamente em desejo.

Mas nada impede que você, passeando pela rua, encontre, ao acaso, um velho amigo ou uma antiga namorada. E sinta muito prazer com isso. Mas, nesses casos, não havia desejo que o antecedesse. Não poderia havê-lo. Esses encontros não foram antecedidos por nenhum tipo de elucubração. Aconteceram e pronto. Logo, trata-se de um prazer que não satisfaz desejo algum. O que compromete a definição proposta há pouco.

E, como se não bastassem os dois problemas já apresentados, podemos ainda indicar um terceiro ao definir o prazer pela satisfação de um desejo.

Nem todo desejo satisfeito se traduz em prazer. Você queria muito estudar naquela faculdade. Anos de desejo. Eis que você finalmente passou no vestibular. E, a partir do trote, a sequência de ocorrências desagradáveis parecia não ter fim.

Da mesma forma, um encontro íntimo muito desejado pode não trazer prazer algum. Pelo contrário. O que você leva para casa, depois de tantos anos de espera, é só frustração, vergonha, tristeza e humilhação.

Desse modo, a possibilidade da satisfação de um desejo sem prazer também compromete a definição acima.

* * *

E você dirá:

Fracasso total.

Nem tanto. Em filosofia, o caminho conta muito. Mesmo que não se chegue a lugar algum. Mesmo que as sugestões não sejam, ou não sejam ainda, satisfatórias. A própria constatação de que ainda falta já é muito valiosa.

Mas quem sabe você não se sai melhor.

Peço então que me descreva a sensação de um orgasmo.

Escolhi o orgasmo por se tratar, penso eu, de um prazer indiscutível. Fosse algum outro – digamos mais sutil ou tido por mais elevado, como a leitura de um clássico da literatura –, sempre apareceria um chato, de vida rastejante, para dizer que não concorda, que não sente prazer algum na leitura, e que fica entediado quando é obrigado a ler um texto desse porte.

* * *

Bem, voltemos à descrição do orgasmo.

Você começa apresentando os dois envolvidos. Além de si mesmo, o outro, ou a outra.

Claro que esse prazer de orgasmo poderia ter sido coisa de um só. Ou de três ou quatro.

Mas aquela sua história era mesmo uma relação a dois.

Na sequência, você define o estatuto da relação. Amigos íntimos, namorados, amantes ou, mais surpreendentemente, cônjuges.

Esse “surpreendentemente” foi em tom irônico. Mas sabemos bem que, em muitos casos, não é fácil manter o apetite tinindo numa relação conjugal mais longa.

Bem, deixemos o matrimônio para lá e voltemos ao seu orgasmo.

Em seguida, você passa a descrever os movimentos. Detalha as carícias. Os gemidos, os sussurros e até os gritos.

Beleza. Até aqui você está se saindo muito bem. Atraiu o leitor, mostrou estilo, explicou a natureza do assunto. Para uma introdução do texto, está melhor do que a encomenda.

Mas é chegada a hora de fazer o que o professor pediu.

O tema é a sensação do orgasmo.

Por enquanto você está só tentando se aproximar dele. Arrodeando, como dizem na minha terra. Mas estamos todos esperando pela atração principal. A abordagem definitiva. A estocada final no assunto proposto.

* * *

Você fica sem ação. Ou melhor, sem palavras. Parece perplexo. Pode até chegar a descrever a operação. As posições implementadas. Quais pareceram fazer mais sucesso junto ao outro. O que foi dito durante. Quais as partes do corpo estimuladas e como. O que se observou como resultado.

Mas o tema pedido pelo professor continua intocado.

Ele quer saber da sensação do orgasmo.

Nada por enquanto. Você até comentou dos gemidos, de quem pareceu ter atingido o clímax primeiro, que a finalização foi cerceada pelo preservativo sabor bolo floresta negra, que houve carinho após a conclusão da atividade e outros pormenores que eu não lembro mais. Mas a sensação do orgasmo solicitada, sobre essa, nem uma linha.

Pois é. Eu te entendo. Não é nada fácil essa tarefa.

* * *

Em primeiro lugar, as sensações não se deixam descrever assim tão facilmente. Experimente descrever uma dor de dente. Refiro-me a ela mesma. Vamos, ânimo. Conte o que sente!

Talvez você tenha que ficar com a óbvia constatação de que a dor é dolorida. Que uma dor de dente acontece quando o dente dói.

Quem estiver ouvindo ou lendo suas considerações só terá uma ideia do que afirma ter sentido pela comparação com suas próprias sensações em situação análoga.

* * *

Em segundo lugar, mesmo os afetos menos pontuais, aqueles que supostamente duram um pouco mais, também não são nada fáceis de traduzir em discurso. A linguagem não dá conta da imensa riqueza do que sentimos.

Um exemplo:

Se não há um amor igual ao outro, ou um instante de amor que se compare, como pode a palavra amor dar conta de tanta diversidade? Quem diz que ama uma pessoa, que ama curau ou que ama música erudita estará, de fato, se referindo ao mesmo afeto? Estará sentindo a mesma coisa?

Denunciamos a mesma dificuldade para a palavra gozo.

Toda sensação de prazer parece singular demais para falar a respeito. É experiência vivida na intimidade incomparável de quem a sente. No calor de um instante que não se repete.

Como fazer do prazer um objeto de reflexão e de discurso se ele se confunde com o sujeito que o vive, que o sente ou experimenta?

* * *

Quando você fala da sua casa, da sua família, da sociedade em que vive, descreve seu carro – ou aquele que você disse que iria comprar quando tivesse dinheiro –, conta o que tem pra comer no almoço de domingo, tudo isso existe fora de você. Ao menos no entendimento da maioria dos grandes pensadores. Bem como no chamado senso comum.

Em outras palavras: a casa, a família, a sociedade, o carro e o almoço, tudo isso poderia perfeitamente existir, tal como existe, mesmo sem você.

O mundo se apresenta a quem o observa enquanto fenômeno.

A percepção resulta desse encontro de um ser que percebe – com uma determinada competência perceptiva e não outra – e o mundo por ele percebido e que lhe é exterior. Árvores, animais, edificações, objetos etc.

Ao mesmo tempo que os percebemos, reconhecemos sua alteridade. Isto é, que são realidades que não se confundem conosco, que apenas as percebemos.

Logo, supomos que outros, como nós, que também percebem, como nós, poderão também percebê-las, como nós as percebemos.

* * *

Mais um exemplo:

Ia acompanhando a pé o fluxo dos carros pela Avenida Higienópolis. Pouco antes de cruzar a Avenida Angélica, ela freou seu veículo branco, desses coreanos com aparência de bem moderno. Olhava fixamente para a frente. Fiscalizando o semáforo.

Era V.M. Paixão de muitos anos e vítima de um curto namoro no segundo ano da faculdade de Direito.

Sem pensar duas vezes, abandonei a calçada e avancei, em meio aos carros, para abordá-la.

Como esperado, os vidros da janela estavam suspensos. Foi só quando estava a ponto de golpeá-los com as articulações dos dedos para anunciar minha presença que me dei conta do erro. Não era ela. Mas parecia muito. Mesmo de muito perto. Mas não era ela.

Em poucos segundos, tanta vida vivida. Primeiro uma percepção, uma impressão visual, um flagrante de uma mulher no interior do seu veículo.

Em seguida, o contraste daquela impressão com algum imaginário – aqui, no sentido de memória objetiva numa imagem – de uma mulher de convivência distante no tempo.

Terceiro, uma nova percepção da mesma mulher, agora mais próxima, no interior do seu veículo.

Quarto, um novo contraste com o imaginário. E a constatação frustrante de que não se tratava da pessoa que motivara a aproximação.

* * *

Pois muito bem. V.M. não esteve em Higienópolis naquele dia. Talvez não tenha estado em dia nenhum. Uma coisa é a imaginação e outra é a sua presença efetiva num certo lugar.

No caso do seu prazer, é um pouco diferente. Sem você não haveria o seu orgasmo. Tampouco quaisquer outros prazeres, alegrias, tristezas, temores, esperanças, dores, excitações, amores e ansiedades.

Essas sensações que são suas precisam de você para acontecer.

Tudo o que sentimos é assim. Nossos sentimentos, afetos, sensações, emoções, paixões. Todos se apresentam à percepção do lado de dentro. Em interioridade.

Por isso mesmo, perceber a experiência e senti-la terminam por se confundir. A consciência acaba por não se distinguir do seu objeto.

* * *

E nada disso é perceptível por outros. Porque ninguém sente o que sentimos. Nem remotamente. Podem nos ver rolar de dor. Mas essa dor que sentimos é só nossa. Dramaticamente solitária. Podem nos ver rir em

cólicas. Mas esse regozijo é também nossa exclusividade.

Claro que podem ter simpatia. Podem se alegrar com a suposição da nossa alegria. E sofrer com a suposição da nossa tristeza. Mas, ainda assim, o que sentem não se confunde com o que estamos sentindo.

Sei que minha filha gosta de me ver sorrindo. Mas o que sinto ao sorrir ela não sente. O que ela sente ao me ver sorrir eu não sinto.

Por isso mesmo, somos ilhas afetivas. E a solidão é condição maior da nossa existência. Mesmo que com milhões de pessoas por perto.

Mesmo quando damos causa às sensações do outro, não podemos sentilas. Como no caso do orgasmo. Você sempre sentirá só o seu. E nunca poderá saber o que sente o outro na mesma situação.

Por isso mesmo, para que você fale de uma sensação de prazer que teve, seria preciso assumir um pensamento não objetivo, respeitador da experiência sobre a qual se dispõe a investigar.

Um prazer sempre participa do pensamento sobre ele mesmo.

E é assim que é. Não adianta resmungar. São as condições afetivas de toda atividade intelectiva.

E por aqui ficamos. Com um abraço para todos.

AULA 15

Procure o plantão de dúvidas

O tema ainda é o prazer. Se na aula anterior houve esforço em busca de uma definição, na aula de hoje apresentaremos alguns tipos de prazer e seus valores.

Duas certezas. A primeira é que a dificuldade não será menor. A segunda é que o nosso empenho também não.

* * *

Entre os antigos, o tema do prazer era tratado com luvas de pelica. O rebaixamento do interior da caverna operado por Platão deixou sequelas. A oposição entre a razão e as paixões – com clara depreciação dessas últimas – converteu os prazeres em um tema a evitar.

* * *

No dia a dia mais trivial, as sensações prazerosas também encontram importantes reservas.

– Ficaria mais fácil com um exemplo.

Você vai fazer uma entrevista de emprego. O profissional de RH que comanda o processo seletivo lança o primeiro desafio. O mais previsível de todos.

– Fale sobre você.

E, ante essa solicitação, você diz:

– Bom, vou começar falando dos meus prazeres. Adoro tomar sol, dez minutos de frente, dez de costas. Em plena praia, entre 8h e 9h da manhã. Depois gosto de dar um mergulho refrescante no mar. E então dar uma corridinha, uma aguinha de coco. E voltar para casa. Nada se compara a uma ducha depois da praia. Adoro tomar banho. Passar o sabonete delicadamente sobre todo o meu corpo. Amo. Fico horas no banho. Outra coisa que me traz prazer é comer. Pode ser o que for, comida me encanta. Sem falar dos prazeres de maior intimidade, que a gente reserva para os segredos de alcova.

Sabe o que eu acho?

Que você não conseguiu essa vaga de emprego tão sonhada. Suponho que não era bem isso que o seu entrevistador esperava ouvir.

Mas será que ele tem razão? Não será o prazer um grande valor da vida?

* * *

Acho que é o momento de te apresentar um grande sábio. Ele se chamava Epicuro. Viveu em torno de 300 a.C. Como muitos naquele tempo, Epicuro pensava no que era preciso para ser feliz. Nos requisitos de uma vida boa.

Ele dizia que quando temos a alma perturbada, estamos pensando em algo desagradável, a vida não está valendo a pena. É preciso proteger-nos das coisas ruins que passam pela nossa cabeça.

– Você pode me dar um exemplo?

Tanta coisa que passa pela cabeça pode ser ruim. A nota de uma prova, a avaliação de um chefe, a doença de um filho.

Muito bem. Epicuro também fez o que você acabou de fazer. Refletiu sobre tudo que pode perturbar a alma. E, para ele, o principal problema que passa pela nossa cabeça, e que tem potencial para azedar a vida, é o fato de ela acabar. A sua finitude. A morte.

– De fato. É muito estranho imaginar que tudo pode acabar de uma hora para outra.

Então ouça:

Para Epicuro, não faz nenhum sentido ter medo de morrer. Afinal, você nunca vai encontrar a morte. Ou você está vivinho da silva e, nesse caso, a morte não pode estar; ou é a morte que está, e, nesse segundo caso, seguramente você não estará mais. Logo, o encontro de cada um de nós com a morte nunca se produzirá. Por isso, essa última não é nada para nós.

Você se lembra de ter tido algum sofrimento ou aborrecimento antes de nascer?

Então. Quando a vida terminar, não há mais risco de nenhuma dor ou sofrimento. Tudo isso é exclusividade de quem está vivo.

– Evitar o medo da morte garante alguma tranquilidade. Mas parece pouco para assegurar uma vida boa.

Exatamente. Estou de acordo. E ele também estaria.

* * *

Para Epicuro, o grande valor da vida é o prazer.

Prazer, em grego, é *hedonê*. Daí, hedonismo: maneira de pensar a vida segundo a qual o prazer é o maior valor.

– Em que consiste essa maneira de pensar, mais exatamente?

Ora, é bem simples. Em qualquer instante, quero dar uma nota para a vida que estou a viver, saber se ela está valendo a pena ser vivida, qual o seu valor naquele preciso momento.

Muito bem. O critério proposto por Epicuro é um só:

Teve prazer? Valeu viver. Não teve prazer, não valeu.

– Parece meio indiscutível.

Mas não é todo mundo que assina embaixo.

– Gostei desse cara! Vou enfiar o pé na jaca. Agora é nós. É balada todo dia. Gosto de estímulo, vou ficar muito doido.

Antes que você continue, não é bem isso que Epicuro está tentando nos ensinar.

* * *

Em primeiro lugar:

O filósofo observa que os prazeres não se equivalem. Alguns são naturais e necessários.

O que ele estaria querendo dizer com prazeres naturais?

Aqueles também procurados pelos demais animais.

E por prazeres necessários?

Aqueles sem os quais você não continuaria vivo. Isto é, os prazeres de que você precisa para viver.

Como assim?

Uai. Alimentar-se quando se tem fome não traz prazer? Pois bem. Trata-se de um prazer necessário. Porque sem ele você morre. Respirar quando se tem falta de ar não proporciona prazer? Então, esse prazer, pela mesma razão do anterior, é necessário. Tanto quanto repousar quando há grande fadiga.

Já outros prazeres são supérfluos. Nada naturais e nada necessários. Esses que nenhum outro animal cogitaria em buscar. E que não parecem nada indispensáveis para continuar vivo.

Esses são de pouco ou nenhum valor.

Como comprar um carro novo?

Por exemplo.

Nada natural e nada necessário. Logo, um prazer que não vale nada.

E o cheirinho do carro novo? Vai dizer que você não curte aquele cheirinho?

Você deveria se envergonhar. Cheiro de carro novo é o fim da picada. Na filosofia de Epicuro, esse prazer vale menos do que nada. Um prazer de quinta. De décima quinta. Algo de que você deveria se envergonhar perante você mesmo.

* * *

E um *smartphone* novo?

Vai dizer que não é legal?

Última geração. Você acabou de comprar. Tá saindo da loja com ele na caixa.

É desses que dobra. Na verdade, ele é todo meio flexível.

Com cinco câmeras, três atrás e duas na frente.

Também é desses que estão comentando na internet, que se desintegra quando é tocado por mãos não conhecidas, para só se reintegrar na sua presença.

Que começa a tocar bem alto a música programada por você sempre que seu interlocutor disser uma mentira. Que assume formatos anatômicos para se converter em um *toy* erótico.

Que aciona uma sirene no exato instante em que estiver sendo traído pelo cônjuge, indica com quem, o local e descreve a cena etc.

Bem. Sobre o valor do prazer de comprar um *smartphone* novo de última geração, eu não vou responder nada. Sabe por quê? Acho que você pode tirar suas conclusões por sua própria conta e risco.

Assista novamente a esta aula ou leia este capítulo do livro e responda você mesmo, à luz do pensamento de Epicuro. Caso a dificuldade persista, procure o plantão de dúvidas. Diga que você pensou muito a respeito, mas que não consegue chegar a uma conclusão sobre o valor do prazer de comprar um *smartphone* de última geração para o pensamento hedonista antigo.

O pessoal que vai te receber lá é muito gente fina. Estão preparados para quase tudo.

* * *

Em segundo lugar:

Os prazeres de valor não podem ser efêmeros. Desses que escapam pelos dedos e depois te deixam zoado, sedento, faminto ou com dor de cabeça.

O prazer que ele tem em mente para conceber uma vida boa é mais duradouro e não te faz mal. Como a tranquilidade da alma. Que os gregos denominavam ataraxia.

– Mas não era bem isso que eu estava pensando. Sabia que ia aparecer alguma parada para brochar o meu esquema.

Não se precipite. Procure compreender. Essa vida que você está pretendendo viver, de balada em cima de balada, não pode durar muito. Se você aloprar o tempo inteiro, não há quem aguente.

Veja só.

Quanto tempo dura um orgasmo? No auge da sua potência, uns dez segundos. É pouco, não é? Então, a gente podia pensar num prazer que durasse um pouco mais. Que te acompanhasse por mais tempo.

– O que, por exemplo?

Ora. Não se deixar atormentar tão fácil pelas coisas desagradáveis do mundo. A tranquilidade da alma.

Outro exemplo:

É mais ou menos assim: "Eu não queria, mas tenho que te falar. É uma notícia péssima. Pegou fogo, morreu não sei quem". Você, porque é um sábio, porque está preparado, não desaba. Você se segura.

Por outro lado, também não rolam as euforias ridículas. Você fica meio que controlado. Não se deixa desequilibrar. Nem para cima, nem para baixo. Esse seria o primeiro grande prazer. E pode te acompanhar o tempo inteiro. Não é um orgasmo. Por isso mesmo, você consegue conservá-lo por muito mais tempo.

* * *

Em terceiro lugar:

O prazer de agora não pode destruir a capacidade de ter prazer amanhã. É preciso conservar a capacidade de ter prazer. Para que ela dure.

Em outras palavras: você não pode prostituir o seu corpo a ponto de inviabilizar a capacidade de ter o mesmo prazer desse instante em qualquer outro momento da sua vida.

No final das contas, isso significa conseguir ter prazer com o que é simples. Com o que está ao alcance de qualquer um. Com o que é fácil de encontrar.

Aqui vai um exemplo.

A brisa fresca no rosto. Você encontra aonde for, é fácil de achar. Pode sentir na hora que quiser.

Mas se para ter prazer você precisa de um espumante da safra tal, que vem do lugar tal, que custa não sei quantos mil a garrafa, será mais raro. Será mais difícil. Portanto, fará menos parte da vida.

O sábio é aquele que tem prazer com o que está à mão.

O que pressupõe uma vida frugal. Uma vida de apreço genuíno pela simplicidade.

– Nossa, que coisa linda!

Pois é. E isso não é uma terapia de vida indiscriminada. Porque como temos traços pessoais, nosso prazer também é, em parte, específico. Particular mesmo.

Outro exemplo.

Estou aqui gravando estas aulas. E escrevendo este livro. Sabe-se lá quantos assistirão às aulas ou lerão o livro.

Você concorda comigo que o prazer que cada um sentir, no caso de haver prazer, será muito próprio, muito pessoal. Existe aqui uma sabedoria de conhecimento de si que passa pela consciência daquilo que costuma produzir prazer em nós.

Só essa consciência nos permite zelar pelo prazer de amanhã.

Mais um exemplo. Que bem poderia ser do próprio Epicuro.

Adoro arroz. Faço arroz sempre. Aí, invariavelmente, quando estou comendo arroz, aparece alguém que, um pouco desrespeitador da pessoalidade dos momentos de prazer, diz:

– Está comendo esse arroz seco? Esse arroz sem nada? Joga uma carninha aí.

Como se a minha ciência ou conhecimento do meu próprio prazer fosse equivocada. Deficitária. Estranha.

Nesse instante, eu tiro o que a pessoa pôs no meu prato e digo:

– Para mim, o arroz basta.

Até porque, diria Epicuro, se você começar a comer arroz sempre acompanhado de algo mais, dificilmente voltará a conseguir ter prazer só com arroz.

Os estímulos do corpo costumam cobrar o dobro da dose para obter o mesmo efeito. É preciso ter cuidado. Zelar pela capacidade de ter prazer amanhã. Questão de sabedoria. Questão de se conhecer. Questão de traços pessoais.

* * *

Agora, uma história.

Esse hábito de contar uma história para pôr um ponto-final numa atividade me faz lembrar de um técnico de natação americano com quem convivi um certo tempo.

Chamava-se Richard.

Ele tinha por hábito premiar os atletas que tinham se empenhado no treino com uma pequena barra de chocolate. Um Diamante Negro. Existe até hoje. O chocolate. O técnico, não sei. Faz muito tempo.

Quase tanto tempo faz quanto o início desse nosso encontro. Hora adequada para pôr-lhe um fim. E que esse fim seja lamentado. Como tudo que valeu a pena, mas já deixou de existir.

AULA 16

Capitu nunca fez minha cabeça

Nesta aula, a última deste curso sobre projeto de vida, falaremos sobre os outros.

Os outros?

Sim, isso mesmo, os outros. Todos que não são você. Claro que não me refiro aos gatos ou aos carros. Estou falando das outras pessoas. Que são diferentes de nós, mas que também são como cada um de nós.

Não vamos entrar aqui em dificuldades sobre a essência e os modos de identificação desse outro. Acredite, o que parece meio óbvio pode se complicar e muito.

Interessa-nos aqui o modo como esse outro ou esses outros interferem em nossa vida. Quanto, na hora de agir, nossas decisões podem ser por eles influenciadas, ou quem sabe até determinadas.

A rigor, impossível falar de projetos de vida, sejam quais forem, sem pôr os pés no chão e aceitar que muito daquilo que nos passa pela cabeça a respeito do nosso futuro tem forte inspiração em tudo que vemos acontecer com os outros, naquilo que eles mesmos dizem perseguir. Enfim, inspiração naquilo que muitos acabam achando de grande valor porque muitos outros pensam desse modo.

A ponto de uma eventual investigação sobre algum eu mais genuíno, sobre aquele eu raiz ou essência, que teria nascido conosco – se é que ele existe ou é alcançável – ter de remover camadas e camadas de influência externa, aprendida e incorporada ao longo de intermináveis interações com os outros e observações de suas existências.

E mesmo que esse eu mais genuíno seja identificado, nem sempre o que é bom, ou supomos que seja bom, para cada um de nós é fácil de bancar perante os demais. Dificuldade que vai do mais singelo e corriqueiro às

grandes decisões da vida.

* * *

Por exemplo: você vai à pizzaria com um pessoal. Todos observam o cardápio. Cada qual identifica e comunica ao grupo sua preferência de sabor. Chega a sua vez.

E você, sem titubear, anuncia:

– Eu quero Califórnia.

Os demais olham estranho. Para quebrar o gelo, um deles observa com amabilidade:

– Não vi esse sabor. Será que tem?

– Como assim, será que tem? Claro que tem – você responde com alguma indignação.

Um outro tenta amenizar:

– O que vem na pizza Califórnia?

E você, demonstrando enfado, anuncia em tom de obviedade:

– Alcachofra, pêssego em calda, figo em calda, goiaba em calda, ameixa em calda e cereja marrasquino. Tudo isso com catupiry.

Foi quando os parceiros de pizza começaram a dar sinais de impaciência:

– Mas... e antes da sobremesa?

Você, acusando a ironia, responde com alguma rispidez:

– Não, não. É pizza salgada. Tem alcachofra. Você, por acaso, come alcachofra na sobremesa?

Se você já estiver enturmado com o pessoal, é possível que tudo acabe mesmo em pizza. Vão tirar uma onda e fica tudo certo.

Mas e se for, sei lá, um primeiro dia?

De faculdade, por exemplo. Confraternização após o trote. Veteranos e calouros se conhecendo.

Ou pior ainda: primeiro dia de trabalho. Apresentação dos novos estagiários. Entre eles, você. Uma pizza organizada pelo RH. Diretores e gerentes observando com quem irão contar dali para a frente.

Se você arriscar uma pizza de alcachofra com frutas fora do cardápio, poderá ficar marcado. No mínimo, com pecha de esquisito.

Em tais situações, para evitar esse tipo de mal-estar e suas consequências, os novatos costumam arredondar. Adotam uma estratégia de compromisso. Opções que não causem embaraço aos demais.

O mais comum é delegar a tarefa de escolher:

– O que vocês decidirem para mim está ótimo.

Ou mostrar-se solícito e apoiar qualquer escolha alheia:

– Qualquer uma, gosto de todo tipo de pizza.

E se alguém insistir, sugerindo que "qualquer uma" não tem, você continua arredondando.

– Alguma que tenha queijo.

* * *

Qual a diferença entre "pizza de alcachofra com frutas em calda" e "qualquer uma que tenha queijo"?

No primeiro caso, você deixa claro seu desejo, sua preferência. No segundo, você a omite. E aceita que sua pizza seja decidida pela vontade alheia.

Por que faria isso? Qual o problema da alcachofra?

Porque nossas preferências podem determinar o que pensarão de nós.

Porque colocar as cartas na mesa e dizer, para quem for, o que você quer, pode produzir desconforto. Parece que o mundo inteiro tem de se reacomodar quando alguém deixa claro, em alto e bom som, o que pretende.

Você, então, intui que esse desconforto possa se traduzir em algum tipo de retaliação. E você teme retaliações. Em especial quando se encontra em posição frágil, com poucos recursos para se defender, desprovido de qualquer poder.

O inusitado de algo tipo "pizza Califórnia" fica por conta daquele que chamamos "sem noção".

* * *

Não se trata, na maioria das vezes, de um cálculo matemático. Porque tanto o desconforto quanto a retaliação e a tristeza que ele possa causar são só presumidos. Mais imprecisa ainda é a intensidade dessas reações.

Mas cada um de nós, ao longo da vida, em meio ao mundo social que nos circunda, vai aprendendo a reagir sem precisar fazer muitas contas. Por vias que escapam a adições e subtrações, passa a intuir o que deve ser feito. Ou seja, acaba agindo, sem fazer força, em harmonia com o que aquele espaço de relações autoriza e evitando fazer o que pega muito mal.

Trata-se, portanto, de um saber prático. Que, por ter sido interiorizado e, digamos, incorporado, dispensa que, a todo momento, tenhamos de calcular todas as variáveis implicadas naquela decisão. Dessa forma, a reação parece espontânea. Como se fosse óbvia, natural, e só pudesse ser aquela.

Muitas vezes, o noviciado do calouro pode propiciar certas gafes. Um indivíduo socializado num certo espaço age e reage segundo regras que não coincidem com as vigentes nesse novo lugar.

Justamente por isso, ele tende à cautela máxima. Pisa em ovos. Mapeia o ambiente. Observa o comportamento vigente. Identifica quem dita as regras. E, enquanto isso, adota condutas anódinas e não comprometedoras.

Em casos assim, parece valer a pena renunciar à própria preferência. Submetê-la ao valor do outro. À preferência de quem é dominante naquele grupo. Em outras palavras, por meio de valores estabelecidos, é possível assegurar relações de dominação e de submissão.

* * *

Você está no Ensino Médio e diz para o professor de literatura:

– Sabe o que é? Os livros de Machado de Assis me entediam. Prefiro ler outras coisas. Gosto da literatura portuguesa contemporânea. Valter Hugo Mãe, por exemplo. Ou ainda, num outro registro completamente diferente, Miguel Sousa Tavares. Com especial destaque para *Equador*. Um dos livros que mais gostei de ler em toda a minha vida.

E tudo isso mesmo sabendo que não caem na prova, nem no vestibular, suponho.

Aí o professor revida com autoridade:

– Você preferir ou não nada tem a ver com a qualidade do texto. Com o seu valor literário.

Mas você não se dá por achado e retruca à altura.

– Para mim, tem valor o que me agrada. No caso de livros, são os que eu gosto de ler.

O mestre vai perdendo a paciência.

– Quer dizer que para você essas outras coisas valem mais do que a literatura de Machado de Assis?

E você, sem nenhum receio:

– Exatamente isso, professor. A Capitu nunca fez minha cabeça.

Para que você foi dizer isso? Agora o homem ficou bem bravo.

– Então, deixa eu te explicar. Na prova vai cair Machado de Assis. No vestibular, também. Portanto, as suas preferências e o valor que lhes atribui, guarde-os para você. Porque aqui impera outro valor. O valor real das coisas. Machado de Assis é o máximo. Junto com Eça de Queiroz, com Fernando Pessoa, com Carlos Drummond de Andrade. São eles que valem de verdade. E muito. Entendeu?

* * *

Essa relação de poder e autoridade não se esgota no professor e no aluno. Tampouco no pessoal da pizzaria, da faculdade ou da empresa.

Valores na vida social são troféus preciosos. Disputados a tapa. O poder de definir quanto vale isso ou aquilo assegura ao seu detentor posição de dominação sobre outros que não têm essa condição.

Os que estiverem em desalinho com esses valores deverão se alinhar. Ser corrigidos, punidos ou excluídos. Dependendo da gravidade da insubordinação, que também é valor.

Desse modo, o poder de decidir o que cai e o que não cai no vestibular acaba definindo o valor de todo o conhecimento. Bem como daqueles que o possuem, e dos que dele nunca ouviram falar.

Assim:

– Vai cair Revolução Francesa.

– Mas, professor, eu gostaria de estudar a revolução do Gabão.

– Bom, você faz o que quiser. Eu estou dizendo que o que você terá de saber é sobre a Revolução Francesa. Sobre a Revolução Industrial. A Guerra de Secessão. A história do Brasil. A revolução do Gabão fica por sua conta, mas aqui não rola.

Por meio do valor, a sociedade define quem manda. Porque esse último impõe seus valores em face de outros possíveis.

* * *

A lição é clara. Os valores podem ser apenas preferências. Eu adoro mel. Eis uma verdade. Ninguém pode negar. Para mim, ele tem altíssimo valor. Mel maravilhoso.

Mas esse apreço não implica mais ninguém.

De fato. Ninguém mais estará obrigado a gostar de mel por conta da minha preferência. E é por isso que esse valor é subjetivo. O "maravilhoso" não é imanente ao mel avaliado. Isto é, não se trata de um maravilhoso por ele mesmo. Indica, sim, a relação que a iguaria estabelece comigo. O modo como me afeta.

Mas sempre haverá uma tentação de universalizar esse valor, por enquanto só subjetivo. Manifestar uma preferência pretendendo a adesão de mais gente.

– Você já comeu o filé à parmegiana no boteco da Lizinha? Não? Preciso te levar lá. É o melhor da cidade. Um autêntico desbunde.

Perceba que, nesse caso, o valor já não indica simples preferência subjetiva. Ele é deslocado do gosto e do afeto daquele que a manifesta para o próprio filé.

Deixa de ser um desbunde porque simplesmente me afeta de alegria. É um desbunde por ele mesmo. É o melhor da cidade. Por isso, afetará com a mesma alegria quem o degustar. Bom para qualquer um.

Preciso te levar lá.

Se para a culinária esse deslocamento do valor do afeto para a sua causa é facilmente denunciável – bastaria ao amigo aceitar o convite e não gostar da iguaria –, a coisa fica mais nebulosa quando subimos em abstração.

* * *

É o caso do valor estético de uma obra de arte ou o valor moral de uma conduta.

Eu explico.

Se valor for simples preferência de cada um, Xuxuquinha pode valer mais que Mozart, dependendo de quem escuta, onde, como e com qual propósito.

* * *

Mais ainda.

Se for tudo só preferência subjetiva, o furto vale muito para o ladrão, a lesão para o agressor, a fraude para o estelionatário, o coito forçado para o estuprador e por aí vai.

Como não pretender a adesão? Como não supor concordância? Como não compartilhar valores?

Porque – diferentemente do que acontece com o filé à parmegiana – o coito forçado parece hediondo em si e, portanto, tem valor em si, independentemente do prazer e do horror que a violação venha a proporcionar a uns e a outros.

E o universo é o limite. Um valor universal, portanto. Absoluto. É disso que estamos a falar. Fazer do mel, que é maravilhoso para mim, maravilhoso para qualquer um. Como acontece com Mozart, Machado de Assis e Picasso. Como o furto, a fraude e o estupro.

Nesse caso, esses valores universalizados acabam se impondo. Deixando de ser simples preferências. Para se tornarem valores verdadeiros. Aquilo que as coisas valem de verdade.

De fato. Como pode alguém não gostar de mel, de Mozart ou de Machado de Assis? Ou não considerar abjetos os maus-tratos a uma criança, o feminicídio, o racismo, a perseguição por preferência sexual?

* * *

Um curso sobre projeto de vida pode ter uma pitada de arrogância aparente. Afinal, cada um sabe de si. Mas pensar melhor sobre a vida não tira a liberdade de ninguém. Pelo contrário. Reforça a soberania existencial, faz luzir a autonomia decisória e confere um pouco mais de coragem para seguir caminhos que não sejam necessariamente os mais aplaudidos mundo afora.

Espero que tenhamos tido a oportunidade de pensar juntos sobre nossas vidas. Sem nunca impor o que deve ser feito nesta ou naquela situação.

Que essa experiência nos ajude a escolher melhor, decidir melhor e quem sabe até viver melhor.

Nem que seja só de vez em quando.

Um carinhoso abraço e até uma próxima oportunidade.

CITADEL
Grupo Editorial
Livros para mudar o mundo. O seu mundo.

Para conhecer os nossos próximos lançamentos
e títulos disponíveis, acesse:

www.**citadel**.com.br
/citadeleditora
@citadeleditora
@citadeleditora
Citadel – Grupo Editorial

Para mais informações ou dúvidas sobre a obra,
entre em contato conosco por e-mail:

contato@**citadel**.com.br



CLÓVIS DE BARROS FILHO

é doutor e livre-docente pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É autor de vários livros sobre ética, felicidade, autoconhecimento e valores. Palestrante que cativa as mais diversas plateias sem o uso de aparatos tecnológicos. Recorrendo a exemplos do cotidiano e histórias divertidas, ensina conteúdos densos de maneira leve e fascinante.

Livros para mudar o mundo. O seu mundo.

Para conhecer os nossos próximos lançamentose títulos disponíveis, acesse:

www.**citadel**.com.br

/**citadeleditora**

@**citadeleditora**

@**citadeleditora**

Citadel – Grupo Editorial

Para mais informações ou dúvidas sobre a obra, entre em contato conosco por e-mail:

contato@**citadel**.com.br